

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FABÍOLA MACHADO DA ROSA

RECONTANDO A ESCOLA E RECONHECENDO O BAIRRO

CAMPINAS  
2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FABÍOLA MACHADO DA ROSA

RECONTANDO A ESCOLA E RECONHECENDO O BAIRRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Educação da UNICAMP, para obtenção do  
título de graduada em Pedagogia, sob a orientação da  
Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco e Zan.

CAMPINAS  
2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

R71r Rosa, Fabíola Machado da, 1987-  
Recontando a escola e reconhecendo o bairro / Fabíola  
Machado da Rosa. – Campinas, SP: [s.n.], 2013.

Orientador: Dirce Djanira Pacheco e Zan.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –  
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de  
Educação.

1. História oral. 2. Bairros. 3. Escolas. 4. Comunidade.  
I. Zan, Dirce Djanira Pacheco e, 1969- II. Universidade  
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

13-099-BFE

*Enfim, o tempo e a vida constroem histórias que devem ser preservadas a fim de que possam ser retomadas, pois as lembranças terão novos significados para cada pessoa que teve ou tem algum tipo de vinculação com a instituição. (Graebin e Penna, 2007: 104)*

## **AGRADECIMENTOS**

O caminho acadêmico que percorri até aqui foi longo, cheio de curvas, paradas, diversão, amores, decepções, aprendizagens e encontros. Teve algumas pedras, admito, mas certamente rendeu muitas aventuras e elementos para a bagagem da minha vida. Ao percorrê-lo encontrei muitas pessoas que foram fundamentais para dar fôlego, sentido, motivação, cor e alegria à caminhada.

Sou grata aos tantos amigos e amigas que foram encontrados não só na rodovia da universidade como nas longas estradas da vida e também àqueles que passaram rapidamente pelos corredores não sendo, por isso, menos importantes.

Agradeço aos amigos da moradia estudantil da Unicamp, em especial às meninas com quem morei e aprendi a conviver, compartilhando as semelhanças e diferenças da rotina universitária. À Thaís, Daneille e Elenice, que já seguiram seus caminhos e deixaram muitas lembranças. À Tilsa, que veio acompanhada da pequena Yvy e fez nascer em nós ternura e carinho ao ritmo da amizade. À Andreia Pagani, que compartilhou preciosos ensinamentos e experiências, e foi um grande apoio nos momentos de crise nunca permitindo que minhas utopias morressem. À Viviana Echavez, amiga querida, conselheira, com quem desenvolvi variadas reflexões sobre a vida e suas relações, e que com grande solicitude aceitou o convite de fazer as fotos para complementar esta pesquisa, dispondo de toda sua sensibilidade de

cinasta. À Carolina Flores, por toda sua amabilidade e delicadeza que enche nossa casa de cuidados. À Fernanda, que chegou nos “últimos minutos do segundo tempo”, fazendo toda a diferença no placar. À super Camila, que representa pra mim um presente do destino e entrou na minha vida para deixá-la mais bonita, me concedendo apoio e confiança indispensáveis para continuar a jornada e cuja companhia é muito agradável. E, finalmente, à minha preciosa Franciane, amiga, companheira, “marida”, poço de energias positivas que me enche de saudades e mesmo longe estará eternamente presente no meu coração.

Agradeço aos queridos moradores e agregados da “família P4”, amigos importantes que estão fazendo com que esse penúltimo último semestre se encerre com chave de ouro. Ao vizinho Adriano, pelos conselhos e disponibilidade em ler meu trabalho. Enfim, a todos os moradores, amigos, funcionários e bichinhos que fizeram da Moradia um lar.

Com muito carinho quero registrar o agradecimento a todos os colegas do curso, em especial pela amizade de Stella e da companheira Ana Cláudia, que juntamente com Franciane compuseram o imemorável quarteto fantástico de amigas pedagogas. Igualmente importante nesse percurso é Aline Assêncio que acompanha minha jornada desde tempos remotos e sei que estará nessa história para todo o sempre.

Agradeço imensamente à amizade de Narcleyre Dias que foi fiel companheira de estudos, firme e forte no propósito – no propósito - de permanecer na biblioteca debruçadas sobre o projeto – projeto – de terminar o TCC. Obrigada por me ceder seu ombro, seu abraço, seu ouvido, sua paciência, suas roupas, sua casa, por enxugar minhas lágrimas e me levar para

tomar aquelas cervejas. Querida Nah, sem você este trabalho não teria sido concluído neste semestre. Obrigada!

Preciso ressaltar que meu percurso não seria possível sem os recursos financeiro provindos da Bolsa de Auxílio Social – antiga Bolsa Trabalho – viabilizada pelo SAE (Serviço de Apoio ao Estudante) na qual trabalhei durante toda a graduação conhecendo pessoas muito importantes.

Agradeço a todo o pessoal da Biblioteca do IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), onde trabalhei no ano de 2008, e conheci a menina Débora, a quem sou muito grata pela amizade.

Em 2009 tive o privilégio de trabalhar pela primeira vez de forma regular com crianças no CECI/Unicamp (Centro de Educação e Convivência Infantil), agradeço aos ensinamentos dos bebês bem como de todas as profissionais que lá conheci.

O ano de 2010 foi decisivo para a direção de meus estudos posteriores, pois comecei a trabalhar junto ao Violar (Laboratório de Estudos sobre Violência, Imaginário e Juventude) onde atuei como bolsista até 2012, sob orientação da professora Dirce, aprendendo sobre a pesquisa, sobre questões burocráticas da academia, sobre organização de eventos científicos além de ampliar meu repertório teórico com as leituras e participação nas discussões do grupo. Foi nesse momento que iniciei essa pesquisa e agradeço a todos os integrantes do grupo, em especial à professora Áurea, por sua disponibilidade em ser a segunda leitora deste

trabalho e à Karina, Bia e Zé, pessoas com quem mais compartilhei as dúvidas, dificuldades e achados da pesquisa.

Decidi desviar o caminho temporariamente no segundo semestre de 2012, quando tive a oportunidade de fazer um intercâmbio universitário em Portugal, na universidade do Porto, a qual agradeço a acolhida. Devo agradecimentos também a todos os funcionários da coordenação de pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp por sua dedicação e por juntamente com o CAP (Centro Acadêmico de Pedagogia) terem divulgado a bolsa de estudos oferecida pelo banco Santander com a qual fui contemplada.

Agradeço imensamente à Francisca Diogo e sua família que me acolheram em sua casa em Rio Tinto (Portugal) durante o período de estudos e à amada Tia Guida que ofereceu impagável apoio emocional nos momentos difíceis. Sou grata também a todos os amigos que fiz nessa jornada extra.

De volta ao caminho inicial, com destino à formação em pedagogia, o ano de 2013 iniciou-se com novo campo de trabalho. Agradeço aos companheiros do projeto Trilharestórias – Fábio, Emanuel, Gabriela e Thalita –, às crianças, adolescentes e funcionários da ONG Arca (Amizade e Respeito à Criança e ao Adolescente). Não tenho palavras para mensurar o quanto me alegra estar atuando com a prática educativa em meio a tantas descobertas e desafios.

Agradeço também ao PROCEU (cursinho pré-vestibular comunitário da Moradia Estudantil) por ter me dado a oportunidade de atuar como professora de literatura junto à equipe de professores voluntários. Está sendo uma grande escola para mim.

Agradeço a todos os professores - os com diploma - que com compromisso e profissionalismo deram exemplo de como fazer coisas, de como não fazê-las, além de e indicar importantes mapas e sinalizar para muitos caminhos. À Dirce, minha querida orientadora, que com enorme competência e sensibilidade orientou essa jornada.

Saliento ainda que encontrei pelos caminhos da vida muitos professores sem diploma, que compartilharam conhecimentos e que, em muitos momentos sem sequer saber ou ter a intenção, deram importantes lições por meio de palavras e principalmente através de exemplos. Sei que não lembrarei nesse momento o nome de todos e, ainda que lembrasse não caberiam nessa folha. Ainda assim faço questão de dizer que rendo agradecimentos eternos a vocês Papai: Célio, mamãe Nice, querida irmã Paty, amados tia Luiza e tio Toti, queridos Celso e Cida Rocha.

Pessoas amadas que passaram na minha vida, amigos, amores, paixões, colegas, vocês compõem o que sou e suas marcas refletem naquilo que faço. Dedico a vocês esse trabalho que é minha vida!

## **RESUMO**

O presente trabalho teve como objetivo a reconstrução da história da Escola Estadual Hilton Federici, que está localizada no bairro Vila Santa Isabel, no Distrito de Barão Geraldo em Campinas-SP. Essa instituição atende ao Ensino Fundamental II e Médio regular e na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Utilizamos, para tanto, as potencialidades do aporte teórico metodológico da História Oral e, a partir dele, pudemos refletir sobre a esfera educacional.

Buscamos investigar como moradores da vizinhança da Escola Estadual Hilton Federici, e pessoas que com ela mantiveram contato – pais de alunos, funcionários, etc. – contam a história dessa instituição a partir de suas memórias. Partindo de seus relatos – obtidos por meio de entrevistas – objetivamos reconstruir a história da escola e do bairro no qual está inserida.

As análises decorrentes desse trabalho nos permitem elaborar algumas questões, entre elas quais os significados vão sendo construídos no desenrolar da relação escola-comunidade? O que apontam os fatos destacados pelas memórias de cada sujeito entrevistado? O que eles têm de particular em cada narrativa? O que têm em comum? De que forma seus relatos nos ajudam a compreender a escola, enquanto uma instituição social vinculada a seu contexto sócio-histórico? Houve interferência da escola no desenvolvimento do bairro e na vida de seus moradores? O bairro e os moradores influenciam na história desta instituição escolar? Como a resposta a essas perguntas pode ajudar a pensar e atuar na esfera educacional?

**Palavras chave:** História Oral, bairro, relação escola-comunidade.

## **ABSTRACT**

The purpose of this work was the reconstruction of the history of the Escola Estadual Hilton Federici, located in Vila Santa Isabel, in Barão Geraldo's district, Campinas, SP. That academic institution attends to Fundamental Teaching II and Regular Middle Teaching for young and adults (EJA). In order to do this, we used the potentiality of the Oral History methodological and theoretical contribution.

We looked into how neighbors and people related to the school – student's parents, employees, etc.- tell the story of that academic institution based on their memories. Departing from their storytelling - based on interviews - we aimed for the reconstruction of the history of the school and the neighborhood.

The analysis resulting from this work allow us to elaborate on some issues, including what meanings are being constructed in the course of the school-community? The facts that point highlighted by the memories of each subject interviewed? What they have in each particular narrative? What they have in common? How their stories help us understand the school as a social institution linked to their socio-historical context? Was no interference in the development of the school district and the lives of its residents? The neighborhood residents and influence the history of this educational institution? As the answer to these questions can help you think and act in the sphere of education?

**Keywords:** oral history, neighborhood, school-community.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I - EM BUSCA DE UM CAMINHO: A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO PARA TRILHAR ESSE PERCURSO.....</b>	<b>7</b>
1.1.        DESCRIÇÃO DO MÉTODO.....	10
1.2.        A CAMINHADA NO CAMPO E O ENCONTRO COM OS COLABORADORES.....	18
<b>CAPÍTULO II - UMA OUTRA ESTRADA: PASSANDO PELA HISTÓRIA OFICIAL .....</b>	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO III - OS COLABORADORES: VOZES QUE DERAM CORPO E SENTIDOS À CAMINHADA. ....</b>	<b>52</b>
3.1. CIBELE .....	53
3.2. MAURO .....	66
3.3. ROBÊNI .....	82
3.4. CIDA .....	106
3.5. BERINHA .....	120
<b>CAPÍTULO IV - FRUTOS COLHIDOS NO CAMINHAR: A RECONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA.....</b>	<b>147</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>158</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>163</b>

## INTRODUÇÃO

Não poderia começar essa introdução de outra forma senão compartilhando a complexidade que senti (e venho sentindo) na elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso. O impasse reside na vontade que tenho de sintetizar aqui parte de tudo o que esses quase seis anos de graduação marcaram na minha formação como educadora bem como a relação com tudo o que a vida já havia me ensinado até chegar à universidade. Sem dúvida, todas as disciplinas e professores com os quais convivi e trabalhei ao longo desse percurso, bem como a troca de experiência com os colegas e grandes amigos que aqui conheci, me possibilitaram contato com um rico e diverso leque de teorias e fundamentos que desejo transpor em minha prática profissional.

Sei, no entanto, da impossibilidade de colocar em uma pesquisa tudo o que aprendi, ainda que discorresse por páginas e páginas. Talvez essa seja uma característica muito particular, esse desejo de fazer algo completo, acabado, verdadeiro, que seja de grande utilidade, que tenha uma relevância social, que ultrapasse as paredes da biblioteca da Faculdade de Educação. Percebi essa ansiedade em outros colegas que também estão desenvolvendo suas monografias. Para algumas pessoas esse é um período bastante crítico do curso, a sensação de que o curso chega ao final e “não se sabe o que fazer” com tudo o que aprendemos em seu decorrer.

Certa vez um professor da disciplina de modelos psicanalítico cursada na universidade do Porto (Portugal) disse que o mais importante não é o acúmulo de informações acerca de algo, mas as relações que cada um pode estabelecer entre essas informações e a vida. Cada pessoa, podendo significar as informações e relacioná-las de forma singular tem a potencialidade de criar algo novo. Com isso, podemos dizer que aprendemos com o conhecimento acumulado podendo atuar no mundo e durante nossa atuação aprendemos e desenvolvemos novas formas de nos relacionar com ele.

Durante a graduação percebi que o conhecimento, embora demande responsabilidade e ética, nunca está acabado, nunca será completo, talvez exatamente aí resida a beleza e gostosura de se pesquisar. Espera-se que estejam aqui representadas, alicerçando as páginas deste trabalho, as concepções de mundo, de educação e de produção de conhecimento que foram/estão sendo construídas em mim durante a formação, apesar de não aparecerem explicitamente.

Devido a minha “ânsia de completude”, foi muito difícil aceitar o recorte temático desta pesquisa e me convencer – às vezes acho que ainda estou em processo de convencimento - de que estava, de fato, fazendo uma pesquisa científica. Mas considero atualmente sua dupla importância - de um lado pela necessidade de aprender a pesquisar, atividade que requer planejamento, disciplina, responsabilidade e sistematização. De outro, a produção de conhecimento gerada através da pesquisa.

Foi também inquietante pra mim a necessidade sentida de tornar este trabalho algo significativo, não só para mim, como prova da capacidade de pesquisar e escrever sobre o

campo educacional, mas como um trabalho que será lido e servirá de alguma forma como uma contribuição à produção de conhecimento. Somente consegui o significado almejado na medida em que fui estudando, conhecendo a escola e o bairro Vila Santa Isabel<sup>1</sup>. Além das inquietações de caráter epistemológico, foi crescendo no decorrer da pesquisa uma curiosidade pessoal com relação à história dessa localidade, uma vez que morar no PME (Programa de Moradia Estudantil da Unicamp), a poucos metros da escola pesquisada, às vezes, me parecia estar em um mundo a parte dos bairros de Barão Geraldo.

Ouvir os colaboradores(as)<sup>2</sup> da pesquisa e registrar suas memórias foi a parte mais gratificante de todas. Pude então perceber o quanto eles(as) têm a falar, a contar, quanto conhecimento eles(as) têm a compartilhar e que, na maioria dos casos, acabam restritos às lembranças individuais, trancafiados nas suas casas, alcançando poucos parentes e conhecidos, por não terem meios de divulgação e registro.

O início deste trabalho se deu com o objetivo de buscar reconstruir a história da escola uma vez que toda instituição tem história, tenha ela sido registrada ou não. Sabemos, entretanto, que ainda que o registro exista, ele representa *uma* história daquela instituição - considerando que a documentação é capaz de apresentar *uma* leitura do real, *uma* interpretação, *um* recorte dele, não sendo possível explorar todas as suas variáveis.

---

<sup>1</sup> Ser moradora do Programa de Moradia Estudantil da Unicamp (PME) contribuiu muito para essa produção de sentido, uma vez que ela se encontra no bairro pesquisado oportunizando a criação de relações com aquilo que nele vivenciei desde 2009.

<sup>2</sup> Iremos definir o conceito de colaboração no primeiro capítulo deste trabalho.

No primeiro contato com a instituição escolar pesquisada, durante o ano de 2010, quando cursava uma disciplina de estágio em gestão escolar, me deparei com a ausência de informações a respeito de sua história. De acordo com a coordenadora pedagógica, que é também formada em História, não havia documentos que registrassem os marcos históricos da E. E. Hilton Federici como sua fundação, suas mudanças de atendimento aos níveis de ensino (fundamental I, fundamental II, Médio, EJA), alterações nos períodos de atendimento (parcial e integral), as reformas do espaço físico pelas quais passou, os professores que lá trabalharam, as atas de reuniões antigas, enfim, pouco se sabe da história daquele estabelecimento de ensino por meio de registros documentais.

Ao me deparar com essa conjuntura, busquei por dados sobre a escola em outras fontes<sup>3</sup>, não obtendo grande sucesso. Através dessas buscas constatei também a existência de pouca informação acerca do bairro onde a escola se localiza. Aquela circunstância me instigava, uma vez que durante a graduação em Pedagogia as disciplinas e professores nos alertaram constantemente acerca da importância de conhecer a história da instituição, de seu entorno, seu desenvolvimento e contexto sociocultural a fim de atuar de forma significativa na prática pedagógica. Essa concepção com o tempo foi fazendo parte de mim, embasando meu olhar para o campo educacional.

Naquele momento de minha formação, pensava que para se conhecer a história de algo ou alguém os documentos escritos eram estritamente necessários. Nesse período conheci,

---

<sup>3</sup> Além da busca na escola foram realizadas investigações nos sites: <http://www.google.com.br>; <http://www.scielo.org/php/index.php>; <http://acervus.unicamp.br/> utilizando como palavras-chave o nome da escola e do bairro, além de pesquisa nos arquivos do (CMU) Centro de Memória/Unicamp .

através das orientações da Professora Dirce Djanira Pacheco e Zan, orientadora do presente trabalho, a metodologia da História Oral<sup>4</sup> e a Etnografia<sup>5</sup>, descobrindo que é possível, por outros caminhos, fazer uma reconstrução histórica. Essa professora já havia realizado pesquisas na Hilton Federici e me propôs o desafio de elaborar um projeto que nos permitisse reconstruir sua história. Eu não estava segura de que aquele era o tema que eu queria pesquisar, na verdade nutria na época o desejo de encaminhar minhas pesquisas na área das práticas de ensino. No entanto, a oportunidade de aprender os métodos e práticas da pesquisa acadêmica me impulsionou a aceitar o convite.

Com isso, elaboramos o projeto, primeiramente mentalmente traçando as hipóteses e os objetivos e, em seguida, por escrito concomitantemente à elaboração das entrevistas que foram fundamentadas pela metodologia da História Oral, tema abordado no primeiro capítulo deste trabalho. Nele iremos trazer não só os pressupostos teóricos do método como descrever sua aplicação na efetivação da pesquisa.

Optamos, no segundo capítulo, por apresentar os(as) nossos(as) colaboradore(as), através das textualizações de suas entrevistas na íntegra, de forma que todos os leitores(as) deste trabalho tenham a oportunidade de conhecê-los e ouvi-los, reconhecendo ali um pouco

---

<sup>4</sup> A definição de História Oral será trabalhada no Capítulo I.

<sup>5</sup> Em linhas gerais, a Etnografia é uma metodologia muito usada pela antropologia, baseada em pesquisas de campo com foco na compreensão das relações cotidianas. Não é intuito deste trabalho aprofundar-se nessa temática, pois a metodologia principal utilizada foi a História Oral ainda que tenhamos utilizados elementos da Etnografia que contribuíram e ampliaram o olhar auxiliando a pesquisa. Contudo, trazemos o trabalho de BEAUD e WEBER (2007) como referência sobre Etnografia.

das personalidades desses sujeitos, mediadas pela escrita, e estabelecer relações com os vários temas por eles abordados.

No terceiro capítulo fazemos uma reelaboração da história de Barão Geraldo a partir de pesquisa bibliográfica a fim de contextualizar e aproximar o leitor do espaço em que se desenvolveu a Vila Santa Isabel e a Escola Hilton Federici.

Por último, no quarto capítulo, apresentaremos a reconstrução histórica da escola a partir das análises que fizemos das narrativas, juntamente com os registros históricos, com foco nas implicações para a educação. Reconhecemos, contudo, que aquelas permitem analisar muitos outros aspectos da vida social desse grupo os quais não pudemos abordar em função do recorte temático escolhido.

Esse trabalho busca proporcionar novos sentidos para a prática daqueles profissionais que se dedicam à educação, bem como para as pessoas que a ela tem o direito refletindo acerca da importância de se ouvir efetivamente as histórias da comunidade escolar.

Cabe ressaltar que sou autora desta pesquisa na medida em que fiz o projeto, colhi as narrativas aqui contidas, tratei-as textualmente e interpretei-as. Segundo Meihy (1991:32) *o responsável pelo texto é quem o textualiza, isso como resultado da elaboração do processo criativo em que deixa de funcionar como mediador.* Nesse trabalho, no entanto, cada colaborador tem seu protagonismo e cada leitor é convidado a fazer uma nova leitura e dar início à busca de novos conhecimentos a partir dela.

## **CAPÍTULO I**

### **EM BUSCA DE UM CAMINHO: A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO PARA TRILHAR ESSE PERCURSO.**

Acreditamos que quando buscamos a história de algo, ou alguém, estamos realizando uma volta ao passado intrinsecamente influenciada por nossa vivência no presente, como afirma Certeau (1982:27), *ainda que isto seja uma redundância é necessário lembrar que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente.*

Sendo assim, as perguntas que dirigem esse olhar retrospectivo nascem no presente, ao passo que os dados aos quais teremos acesso são frutos de recorte, de uma visão sobre o passado, ou seja, são aqueles fatos que resistiram ao tempo e que, por algum motivo, permaneceram ou em registros ou na memória.

Nossa opção foi trabalhar com a memória para construir o conhecimento histórico de acordo com a seguinte perspectiva:

A história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente. (FERREIRA, 2002, p. 321).

A memória, como a linguagem, é social e se concretiza através da verbalização. Apesar de ser produzida e influenciada por um meio social dinâmico, possui elementos individuais que a caracterizam, não podendo ser idênticas em duas pessoas. Ela é, portanto, uma percepção seletiva da realidade e fazem parte dela acontecimentos vividos pelo próprio sujeito, mas também por seu grupo, essa memória grupal *está no imaginário de forma que ela (a pessoa) já não consegue definir se participou ou não* (POLLAK, 1992, p.2).

É, de fato, impossível fazer um registro fidedigno do que ocorreu com o passar dos anos ou reconstruir completamente uma história, uma vez que o ocorrido tem múltiplas visões e interpretações. Sendo assim, buscamos compor *uma* história da Escola Estadual Hilton Federici, relatada oralmente, partindo da memória dos vários sujeitos que participaram ou ainda participam da vida desta instituição.

Há, no meio acadêmico - e fora dele -, concepções que julgam ser o documento escrito mais verossímil do que o oral. Essa crença é uma construção histórica que foi pouco a pouco desconsiderando que *a vida individual é o veículo concreto da experiência histórica* (THOMPSON, 1992:302).

A oralidade responde a um código, o da fala, sendo a primeira forma de se contar e transmitir história e, durante muito tempo, a única. Por si só, a oralidade é o registro de informações orais, livres de compromissos metodológicos, de aparelhos eletrônicos e responsabilidades documentais (MEIHY, 1994: 3). Em sua condição primária, ou seja, sem a interferência da linguagem escrita, a oralidade propicia aos seres humanos uma determinada maneira de organização do pensamento e da memória, distintas da que temos hoje em sociedades letradas nas quais a oralidade é secundária porque sofre influências da linguagem escrita. Segundo Meihy (2010: 95): *Desde que o oral passa para o escrito, abala a dinâmica germinal e, se volta para o verbal, não se livra mais dessa interferência.*

Com o advento da escrita e de sua progressiva valorização – principalmente após o século XVI, pela necessidade de registro dos avanços europeus e, em seguida, com o surgimento e difusão da imprensa bem como da institucionalização dos arquivos – o prestígio da oralidade foi diminuindo. Ela passou a ser relegada para o campo da memória, da subjetividade e da informalidade.

A importância atribuída à palavra escrita em detrimento da falada foi – e continua sendo – muito utilizada para o exercício do poder, visto que o apreço social conferido aos que dominavam seus códigos tornou-se, em muitos contextos, elemento de divisão social. Essa dicotomia entre oral e escrito atribuiu status de validade ao registro escrito (MEIHY, 2010: 99), conjuntura que contribui para que, ainda hoje, as fontes orais sejam menosprezadas como confiáveis e válidas em pesquisas científicas, uma perspectiva influenciada também pela

concepção positivista do século XIX, que confere especial importância aos documentos escritos. (LOURO, 1990: 21).

Acreditamos, porém, que o registro seja ele oral ou escrito, sempre representará uma parte da história – considerando que a documentação é capaz de apresentar *uma* leitura do real, *uma* interpretação, *um* recorte dele, não sendo possível explorar todas as suas variáveis.

Cabe ressaltar que *fonte oral* e *documentação oral* são coisas distintas. A *documentação* representa uma coleção de documentos orais organizados sistematicamente. A *fonte oral*, por sua vez, é definida como o material, os relatos orais, recolhidos por um pesquisador para as necessidades de sua pesquisa, em função de suas hipóteses particulares (FERREIRA, 2002, p. 329). O uso das *fontes orais*, em História Oral pode ser destinado ao registro, arquivamento e/ou análise, Para Meihy e Holanda (2010:30) a metodologia apresenta cinco momentos e uma *Devolução Social*: 1. Elaboração do projeto; 2. Gravação; 3. Estabelecimento do documento escrito e sua seriação; 4. Sua eventual análise; 5. Arquivamento. No caso desta pesquisa buscamos realizar todos os procedimentos e a devolutiva social pretende-se realizar disponibilizando à comunidade o trabalho escrito, a fim de que se divulgue a história construída e haja a possibilidade de novas significações da mesma.

### ***1.1. Descrição do método***

Ao afirmar que o trabalho se realizará a partir da História Oral como metodologia, tornou-se necessário especificar em que consiste uma pesquisa dessa natureza. Para isso me

utilizarei dos conhecimentos produzidos acerca da temática nas aulas que pude acompanhar no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp na disciplina intitulada “Seminário I – Etnografia e História Oral na pesquisa sobre violência e juventude”, ministrada pelas professoras Áurea M. Guimarães e Dirce Zan<sup>6</sup>, durante o segundo semestre de 2011, bem como das orientações desta professora e da bibliografia indicada.

A História Oral nasceu, em 1948, como coleta de depoimentos pessoais, na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque. O jornalista Allan Nevins iniciou o trabalho desenvolvendo um programa de entrevistas no qual se recuperava dados acerca da atuação de grupos dominantes norte-americanos. Esse trabalho combinava duas funções, sendo elas: registro de fatos e histórias particulares e divulgação de experiências que eram posteriormente relacionadas ao meio urbano de forma a contribuir para o conhecimento da história local (MEYHY, 2010, p.105). Dessa forma, há uma relação tridimensional na História Oral que abrange o narrador, um pesquisador e um público para o qual a produção do conhecimento é difundida.

Podemos perceber, através da pesquisa bibliográfica, que no início essa metodologia foi utilizada para registrar a história particular das elites e com a finalidade de preencher as lacunas dos documentos escritos, através da formação de arquivos e fitas transcritas.

Ironicamente, a História Oral começou com projetos que visavam entrevistar “americanos significantes”, mantendo-se, assim, a serviço de uma epistemologia histórica um pouco arcaica: a história fática das elites. (...) Por duas décadas a

---

<sup>6</sup> Docentes da Faculdade de Educação/Unicamp sendo que a última é a atual coordenadora do grupo Violar (Laboratório de Estudos sobre Violência, Imaginário e Juventude) da mesma instituição.

História Oral norte-americana alimentou-se deste filão, recebendo financiamentos privados dos “grandes homens” que eram temas de suas monografias. Esta situação só veio a mudar após 1970, quando se restaurou o método visando novos objetivos e novos questionamentos, como as posturas assumidas diante da história das comunidades, da família ou das minorias. (GATTAZ, 1996:239)

Posteriormente, após a metade da década de 60, nos Estados Unidos, a História Oral se afirma como instrumento de construção de identidade dos grupos, quando passa a ser utilizada no contexto de luta pelos direitos civis de negros, mulheres, entre outras “minorias”. Por esse motivo memória, identidade e comunidade foram se tornando elementos chave da História Oral. Além disso, por registrar as histórias e trajetórias daqueles que raramente são ouvidos, a metodologia apresenta-se como uma possibilidade de transformação social.

Ao dar atenção especial aos silenciados, aos excluídos, à história do cotidiano e da vida privada, à história local e enraizada, através de uma abordagem micro histórica, da história “vista de baixo”, preferindo as questões subjetivas e os percursos individuais à determinações coletiva e estruturas objetiva, a metodologia então contribui para explicitar que os sujeitos fazem parte da história, que são participantes ativos no contexto social, mesmo que a “grande história” muitas vezes oculte esse fato. (FRANÇOIS, 1998,p.4)

Com essa concepção a História Oral impacta a forma de ver o mundo e a história estando estritamente ligada a democratização das informações. A democracia, portanto, é uma condição para o estabelecimento da História Oral, conforme aponta Meihy (1996:23): *Vale pois dizer que a história oral tem dupla função política, visto que se compromete tanto com a democracia que é condição para sua realização – como com o direito de saber – que permite veicular opiniões variadas sobre temas do presente.*

No Brasil a chegada da História Oral se dá em meados da década de 70, através de uma iniciativa da Fundação Ford em parceria com a Fundação Getúlio Vargas, nesse momento apresenta-se com a finalidade de arquivamento de fontes orais. No entanto, devido à conjuntura política daquele momento histórico, se desenvolveu em ambiente pouco democrático – à moda norte-americana -, sendo utilizada prioritariamente para o registro da história das elites e de instituições. A História Oral teve, contudo, uma reintrodução depois de 1983, impulsionada pelo movimento de redemocratização do país.

Dessa forma, devido ao contexto sociopolítico ocasionado pela ditadura militar, a metodologia se desenvolve no Brasil de forma “exilada”, apresentando fortes características da tradição norte-americana, com intenso caráter documental e acadêmico. Ainda assim, outros setores sociais se utilizaram da História Oral, com ênfase na transformação social e independentemente do reconhecimento da academia.

Há várias concepções acerca da forma de se fazer História Oral. Existem também divergências quanto ao seu estatuto. Para alguns teóricos ela é tida como um *Método*: supõe a formulação de um projeto com procedimentos bem demarcados para a obtenção de dados que respondam às hipóteses de trabalho, à formulação de um problema. As entrevistas são consideradas o “epicentro da pesquisa”; Para outros é uma *Ferramenta*, mero instrumento acessório à pesquisa, recurso adicional, utilizada para a exemplificação de casos; Ou ainda, como uma *Disciplina*: para Meihy, por exemplo, a História Oral constitui uma tendência radical, não se caracterizando somente como uma “contra-história”, mas também contra as

demais disciplinas, tendo seus campos de estudo específicos com base na memória, na comunidade e identidade.

O uso de tecnologias modernas de última geração são articulados aos fundamentos epistemológicos próprios de uma militância cultural e política. A independência disciplinar diz respeito à função social e prática da H.O., que dá relevância a acontecimentos pouco considerados pelas demais disciplinas.

Nesse trabalho, a História Oral se caracteriza fundamentalmente por um conjunto de procedimentos, sustentados por um projeto, que parte dos relatos orais de uma pessoa ou grupo de pessoas, captados em entrevistas por meios tecnológicos de registro – gravadores, câmeras, etc. – com a intencionalidade de criar documentos orais.

Segundo Ferreira (2002, p. 327-328), são basicamente duas as concepções que embasam a pesquisa de História Oral. A primeira delas trabalha prioritariamente com os depoimentos orais como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas. Essa abordagem trabalha tanto os estudos das elites, das políticas públicas, quanto a recuperação da trajetória dos grupos excluídos. Uma segunda abordagem privilegia o estudo das representações e atribui um papel fundamental às relações entre memória e história, de forma que a subjetividade e as imprecisões do depoimento oral são vistas como elementos positivos. É de acordo com essa segunda perspectiva que esse trabalho foi construído.

Nosso objetivo, dessa forma, foi investigar como moradores da vizinhança da escola Hilton Federici, e pessoas que com ela mantiveram algum contato – pais de alunos, funcionários, etc. – contam a história dessa instituição a partir de suas memórias. Com base nesses relatos, objetivamos reconstruir uma história da escola e do bairro no qual está inserida e aproveitar das potencialidades da História Oral para construir uma reflexão sobre a vida no bairro e implicações dessa na escola.

Na educação, esta abordagem histórica pode trazer uma compreensão mais densa das salas de aula, da representação do trabalho para professores e estudantes; pode iluminar os lugares ocultos da vida escolar; apontar as formas mais sutis de resistência desenvolvidas pelos diferentes agentes do processo educativo; sublinhar os efeitos de currículos, normas, diretrizes; *permitir uma leitura mais ampla do educativo que existe nas relações familiares, comunitárias, políticas, etc.* (LOURO, 1990, p.23 – grifo nosso).

Com isso, a pesquisa partiu das memórias desses moradores a fim de conhecer as relações que eles mantêm com a escola, as subjetividades envolvidas nesse relacionamento e elucidar os recortes que suas memórias fazem. É importante destacar que embora a memória seja em parte individual, ela também é uma percepção da realidade que mantém estreita relação com o meio social no qual o indivíduo está inserido. Segundo Meihy (2010: 131), *a memória coletiva e a identidade social se fundem para dimensionar o social, e mais do que objetos isolados de estudos elas se constituem no fundamento da História Oral.*

A memória é, portanto, atravessada pela dinamicidade do movimento social, no qual ocorrem tensões e lutas apresentando-se, muitas vezes, como espaço de contradições. Com as entrevistas realizadas nesta pesquisa buscamos apreender elementos importantes da história de um coletivo: os moradores da Vila Santa Isabel. (POLLAK, 1992:2).

O relato de uma vida, de parte de uma vida, ou mesmo o depoimento sobre um fato, não significam tão somente a perspectiva do indivíduo, pois esta é informada pelo grupo desde os primórdios do processo de socialização. A versão do indivíduo tem portanto um conteúdo marcado pelo coletivo, ao lado certamente de aspectos decorrentes de peculiaridades individuais. Se há memória coletiva, é certamente porque a forma de vivência teve também um determinante coletivo. (LANG, 1995:45)

Sendo assim, utilizamos como *fontes orais*, as narrativas de pessoas que acompanharam o desenvolvimento da escola e, por isso, poderão contribuir, com seus testemunhos, suas versões, suas interpretações sobre múltiplas dimensões da história da escola e do bairro para compor um documento oral e um registro da mesma.

Meihy faz distinção entre três ramos de História Oral, sendo eles: História Oral de Vida, História Oral Temática, e Tradição Oral. O presente trabalho não objetivou se “encaixar” em nenhuma dessas classificações se aproximando, contudo, da História Oral Temática uma vez que apresenta um tema principal – a história da Escola Hilton Federici – que sustenta toda a investigação e embasa as entrevistas.



**Figura 1- Fachada da Escola Hilton Federici pela Rua Eduardo Modesto.  
(Foto tirada em 27 de abril de 2013 por Viviana Echávez - acervo pessoal)**

Para a escolha das pessoas a serem ouvidas levamos em conta três critérios de seleção propostos por Meihy (1996). O primeiro deles é a *Comunidade de destino* da pesquisa, ou seja, as pessoas que têm relação com o *tema* pesquisado e para quem a pesquisa se destina<sup>7</sup> que, no caso do presente trabalho, são sujeitos pertencentes a comunidade da Vila Santa Isabel e da escola Hilton Federici. A *colônia*, que é composta por pessoas, dentre os moradores do bairro, que tiveram alguma relação direta com a escola. Os entrevistados foram escolhidos em *rede* de forma que terão algum tipo de conhecimento *entre si*, mas diferentes relações com a escola em função de seus “papeis” ou “lugares sociais” – homens, mulheres, pai de aluno, mãe de aluno, funcionário da escola, comerciante das redondezas, etc. – que influenciam em sua maneira de viver, sentir e rememorar sua comunidade.

Sendo assim, quem conta a própria história o faz a partir de um lugar na sociedade, bem como no espaço e no tempo. Tais inserções identitárias provocadas pelo curso da vida das pessoas dão um tom específico a cada narração. A subjetividade determinará a musicalidade e os caminhos do relato. (MAGALHÃES, 2007:26)

Houve uma entrevista *ponto zero*, ou seja, escolhemos uma pessoa que apresentava uma relação mais íntima com a escola e que pôde nos encaminhar a novos entrevistados. (MEIHY, 1996)

---

<sup>7</sup> Apesar deste ser um trabalho destinado em parte para a obtenção do título de graduada em pedagogia, tendo portanto uma finalidade acadêmica, ele se destina a essa comunidade escolar sem a qual o trabalho não seria possível e não teria sentido.

Optamos por adotar a postura apresentada por Meihy (2010:110), na qual os entrevistados ganham outro estatuto, não são apenas informantes, fontes de dados, mas colaboradores da pesquisa: *Não é válido confundir entrevistas com depoimentos. No caso de depoimento, o que preside é um inquérito policial. Entrevista é um ato de colaboração e apenas se justifica como tal e em processos democráticos.* Mais do que portadores de um conhecimento único sobre a história do bairro e da escola, os colaboradores desta pesquisa são considerados pessoas capazes de ressignificar suas vivências, de participar da produção de novos conhecimentos e de sua sistematização. Desta forma buscamos estabelecer uma relação mais horizontal entre nós e os colaboradores, dentro dos limites da pesquisa acadêmica.

### ***1.2. A caminhada no campo e o encontro com os colaboradores***

Após um semestre em contato com a instituição pesquisada<sup>8</sup>, procurei por pessoas que conhecessem a escola desde seu início, ou por mais tempo possível e que tivessem mantido contato com ela nesse período a fim de que pudéssemos encontrar nosso *ponto zero*. Funcionários da escola nos indicaram a Cibele, caseira da instituição, que trabalha ali como inspetora há muitos anos e, além disso, é filha de uma senhora que prestou serviços no Hilton Federici desde os primeiros anos de funcionamento.

---

<sup>8</sup> Primeiro semestre de 2010

Ao escolher a pessoa para conceder a entrevista “ponto zero”, que no nosso caso foi a Cibele (caseira da escola), foi preciso que se fizesse um movimento de aproximação e apresentação do projeto, ou seja, uma pré-entrevista.

Na pré-entrevista o entrevistado toma contato com o projeto de pesquisa e tem a oportunidade de familiarizar-se com o pesquisador. Esse, por sua vez, deve não só conquistar a confiança do colaborador, mas também explicar como é a entrevista e a negociação do documento final. (MAGALHÃES, 2007: 29)

Por esse motivo, fui pessoalmente à sua casa nos dias 17 e 18 de junho de 2010. Nesses dias não a encontrei. Retornei no sábado pela manhã, dia 19 de junho. Seu marido foi quem atendeu o portão e chamou-a para conversar comigo. Me deparei, a primeira vista, com uma mulher alta e forte de olhos claros que, após minha apresentação, educadamente me convidou para entrar. Sentamos na área de sua casa que fica nos fundos da escola, com vista para algumas salas de aula e uma parte do pátio onde os alunos passam o intervalo das aulas. Conte-i-lhe sobre a pesquisa que estava realizando e que funcionários da escola a tinham me indicado para que eu realizasse minha primeira entrevista e para me indicar outros possíveis colaboradores<sup>9</sup>. Aí reside o recurso da formação de rede em História Oral *onde a counidade de interesse é dada pela indicação sequencial dos participantes. (...) à medida que exibíamos nossa necessidade, alguém nos dava os elos necessários para a formulação da corrente.* (MEIHY, 1991:23)

---

<sup>9</sup> Informações registradas em caderno de campo.

Conversamos durante alguns minutos nos quais ela falou um pouco sobre como a escola era antigamente, ressaltou que sua mãe também teria muitas histórias a nos contar, mas atualmente já não se encontrava lúcida para dar entrevistas. Contou que veio de São Paulo para a Vila Santa Isabel em 1983. Disse que tem um irmão, Mauro, que também se estabeleceu aqui a mais ou menos trinta anos, e que teve filhos que estudaram no início da escola e que, por esse motivo, poderia nos falar muitas coisas interessantes a respeito dessa história e do desenvolvimento do bairro. Nesse primeiro contato peguei seu telefone para marcarmos o dia da entrevista. Cibele aceitou colaborar com a pesquisa e também concedeu o telefone de seu irmão Mauro.

Foram muitas as inseguranças que me afligiram desde os primeiros contatos. Havia o medo de não causar uma boa impressão, de a pessoa não aceitar participar, de me portar de maneira muito formal, mas ao mesmo tempo, a preocupação em garantir a seriedade necessária a uma pesquisadora.

Afinal, para que uma entrevista seja aprofundada, é necessário que se tenha a confiança e a colaboração do entrevistado, que sejam estabelecidas negociações no sentido de caminhar junto em direção à história que se busca reconstruir. A História Oral é capaz de trazer memórias reprimidas e emoções, levando o historiador a pensar sobre a sua relação com aqueles que estará entrevistando. (FRANÇOIS, 1998: 11-12) Numa perspectiva Etnográfica que, em nossa concepção, pode dialogar com a História Oral, Beaud e Weber (2007:149) afirmam:

Uma relação de entrevista se constrói de ponta a ponta, desde o primeiro contato, e é fruto de reflexão permanente. A entrevista etnográfica não começa exatamente no momento da fala do entrevistado. Começa bem antes, de fato, desde os primeiros contatos (...), os quais terá anotado em seu diário de campo.

Assim como a entrevista etnográfica, a História Oral requer um roteiro para nortear a conversa. Foi esse o seguinte passo tomado após a conversa com Cibele: elaborar um roteiro que, longe de ser um questionário fechado, fosse norteador da entrevista na busca pela história da escola e do bairro.

Na Etnografia a entrevista é tida como um complemento da pesquisa de campo, diferentemente da História Oral que a tem como foco principal de análise. Contudo, quanto aos roteiros de entrevista, há concepções semelhantes entre as metodologias. Segundo Beaud e Weber (2007:136) que abordam a perspectiva etnográfica *não existem boas respostas em entrevista aprofundada. O mais interessante é a forma do desenrolar-se da entrevista. A sucessão regulada de questões impede todo imprevisto, todo desencadeamento de uma dinâmica de entrevista.* Sendo assim, o roteiro não deve transformar a entrevista num jogo de perguntas e respostas, mas propiciar que o colaborador desenvolva sua narrativa, sem interrupções contínuas.

Uma entrevista não diretiva, como a proposta neste trabalho, se distingue de uma situação anárquica. Apesar de não ter questões fechadas, o entrevistador precisa sempre estar atento ao foco do trabalho, tendo a sensibilidade para aprofundar ou direcionar a narrativa quando necessário (BEAUD E WEBER, 2007: p. 135).

Após o primeiro contato com Cibele, marcamos por telefone um dia para realizar a entrevista<sup>10</sup>. Durante o intervalo das semanas com a orientação e aporte bibliográfico elaboramos um roteiro com questões temas para nortear a entrevista. Como o foco era a história da escola e do bairro as questões giravam em torno de como Cibele se lembrava do bairro e da escola, as mudanças que eles sofreram, suas percepções sobre as relações ali desenvolvidas e histórias que conhecia acerca da região.

No dia da entrevista, por volta das 13h, na tarde de 8 de julho, levamos um gravador, bem como fitas K7, pilhas, caderno de campo e roteiro. A professora Dirce Zan me acompanhou e realizamos a entrevista juntas. Cibele nos convidou para sentarmos à mesa da copa, na qual pedimos para que ela nos permitisse realizar a gravação da entrevista. A televisão, que se situa na sala da casa ao lado da cozinha, permaneceu ligada durante todo o tempo da entrevista.

Além da criação de documentos orais a importância da gravação reside no fato de que melhora a qualidade da escuta e atenção no momento da entrevista, possibilitando a percepção dos detalhes de comunicação corporal e os sinais não verbais. E ainda, *gravando, você altera o estatuto da palavra do pesquisado; transforma uma palavra particular em pública (do entrevistado para você) potencialmente audível por outro; portanto explorável e citável* (BEAUD E WEBER, 2007: p. 137-138).

---

<sup>10</sup> A entrevista da Cibele foi marcada por telefone e realizada no dia 08 de julho de 2010, informações presentes no caderno de campo.

É de extrema importância ética que se peça autorização para gravar. O projeto bem como a forma e finalidade da entrevista em História Oral devem sempre ser explicitadas aos colaboradores recebendo sua autorização. Essa postura corresponde à *deontologia* da pesquisa, ou seja, ao conjunto de regras e deveres éticos inerentes ao trabalho de pesquisa.

Na gravação da entrevista com Cibele tivemos um pequeno problema com a fita K7 que travou nos primeiros minutos da entrevista. É importante ressaltar esse acontecimento, pois ainda que toda pesquisa esteja sujeita a imprevistos, antes de realizar as entrevistas é necessário que os materiais sejam testados, evitando perdas e danos à coleta de dados. Apesar do contratempo, tínhamos o caderno de campo que nos auxiliou no resgate do conteúdo conversado - ainda que o registro oral tenha sido um pouco prejudicado.

Foram feitas anotações nesse caderno de campo durante toda a pesquisa, em especial nas entrevistas e pré-entrevistas, a fim de guardar as minúcias e os detalhes de cada situação. O caderno de campo é importante, uma vez que permite constante diálogo entre o andamento da pesquisa e o projeto: *a validade dele como registro garante a trajetória da evolução do trabalho que varia em vista do projeto inicial.* (MEIHY, 2010, p.152)

Essas anotações foram utilizadas como balizadoras do andamento da pesquisa em relação ao projeto, orientando cada novo passo, cada nova entrevista – antes e após cada entrevista voltávamos a ler e anotar no caderno de campo. No momento de trabalhar textualmente as entrevistas, as anotações ajudaram a recordar coisas que os registros sonoros não permitiram, coisas que o gravador não pode registrar ou que foram ditas após seu

desligamento, observações em campo, dados esses que auxiliaram a análise dos relatos orais em relação às observações.

A primeira pergunta que fizemos à Cibele foi acerca do tempo em que ela mora no bairro e os motivos que a fizeram se mudar. Ela nos contou que mora na Vila há uns 30 anos e que veio de São Paulo com a mãe. Disse-nos que trabalhou como servente na escola, em regime de contrato, até o último concurso, quando teve de deixar o posto. Explicou que já fazia uns três anos que morava na escola como caseira, mas que o cargo oficial é de seu marido. Como caseira, contou que seu trabalho é cuidar da escola, regar as plantas e fazer pequenos concertos.

A pesquisa buscou considerar os aspectos sociais e psicológicos, as crenças, os valores, os contextos sócio-econômicos de cada colaborador(a) entrevistados(as) bem como da própria pesquisadora, como afirma Caldas (1999: 74) *para se estudar determinada realidade é preciso também uma autoavaliação do oralista em relação a sua posição de classe, sua função social, suas metas teóricas e que destino elas devem tomar.*

Na relação com o(a) colaborador(ra) durante a entrevista tudo influencia e deve ser levado em conta, minha posição, por exemplo, como estudante da Unicamp e moradora da Moradia Estudantil, pertencente ao bairro, influencia naquilo que os colaboradores narram. O contexto em que as entrevistas foram realizadas também é de suma importância para se pensar sobre a forma e o conteúdo do que foi relatado. Ao final da entrevista da Cibele, por exemplo, quando fizemos uma pergunta sobre as coisas boas das mudanças ocasionadas no bairro com o desenvolvimento da Unicamp ela afirma: *“Eu também, né... Só falei coisas ruins...”*. Depois

de desligar o gravador ainda conversamos um pouco e ela nos levou para dar uma olhada no quintal de sua casa, que dá acesso para a escola, e disse-nos que muitos alunos que ali estudaram foram fazer faculdade na Unicamp também. Isso pode ter relação com o que a colaboradora acredita que nós esperávamos ouvir sendo pesquisadoras daquela instituição. Dessa forma, foi importante procurar compreender como os(a) colaboradores(as) foram operando sobre o próprio relato, reformulando e avaliando.

Após a especificação dos objetivos, materiais, métodos e formas de análise no projeto, apresentadas neste trabalho, cabe ressaltar que um projeto baseado na metodologia da História Oral não pode ser de todo amarrado, fechado, definitivo. É preciso estar atento ao que o campo de pesquisa e os colaboradores vão nos indicando, adaptando o que for necessário para respondermos as perguntas da pesquisa ou, se for o caso, fazendo novas perguntas. Portelli (1997), fala a respeito dessa necessária abertura quando afirma:

E, se ouvimos e mantivermos flexível nossa pauta de trabalho, a fim de incluir não só aquilo que acreditamos querer ouvir, mas também o que a outra pessoa considera importante dizer, nossas descobertas sempre vão superar nossas expectativas. (p.22).

Quando começamos a realizar as entrevistas tínhamos um roteiro para nortear a conversa. Conforme foram aparecendo novos elementos de interesse para a pesquisa eles foram sendo acrescentados nos roteiros dos próximos colaboradores. Foi o caso, por exemplo, da utilização do terreno onde a escola se localiza antes de ter sido construída. Na nossa primeira entrevista Cibele nos contou que há na memória das pessoas uma história que afirma ter sido no mesmo local, um cemitério de escravos. O questionamento sobre o que era feito naquele espaço passou a ser feito em todas as entrevistas posteriores, revelando várias versões.

Com essa atenção ao que o campo e os colaboradores nos forneceram como dados empíricos da pesquisa tivemos a condição para fazer uma reconstrução da história da escola de forma que, juntando e relacionando esses dados, ela fosse apresentada não linearmente, mas de maneira coesa.

O passo seguinte foi a transcrição literal da entrevista da Cibele e a leitura das anotações feitas em caderno de campo para avaliar quais seriam as próximas perguntas e elaborar o roteiro. Entramos em contato com o colaborador indicado pela Cibele, seu irmão Mauro, por telefone. Explicamos acerca da pesquisa e de seus objetivos. Ele foi muito simpático e ao ser convidado a conceder uma entrevista ainda fez uma brincadeira dizendo: *“Depende, o que eu ganho com isso? ... (risos) Um sorriso pode ser...”*<sup>11</sup>.

Marcamos a entrevista para o dia 11 de março de 2011 às 9h. Anotei seu endereço e a partir do que já tínhamos ouvido de Cibele, elaboramos o roteiro de sua entrevista. Fomos à casa de Mauro no dia 11, mas por um contratempo ele não se encontrava, logo não pôde nos conceder a entrevista. Por telefone, remarcamos a entrevista para o dia 18 no mesmo horário.

Nessa nova data nos encontramos pessoalmente pela primeira vez e nessa ocasião a orientadora não pode me acompanhar. Expliquei novamente sobre a pesquisa que estava realizando. Mauro, como sua irmã, é um homem alto, branco e de olhos claros, estava usando barba no dia. Ele me convidou para entrar e pediu que eu “não reparasse a bagunça”. Explicou que pela falta de tempo não havia conseguido arrumar a frente de sua casa. No canto do

---

<sup>11</sup> Anotação em caderno de campo. Ligação feita no dia 21 de fevereiro de 2011.

quintal havia alguns materiais de construção. Mauro contou que a casa na frente de seu quintal foi construída para alugar e que ele pretendia deixá-la totalmente independente da sua. Me convidou educadamente para sentar na área onde tinha uma mesa de madeira com três cadeiras, na parede, ao lado da porta da cozinha, um tanque e duas poltronas.

Eu estava bastante nervosa naquele dia e expliquei para Mauro que aquela seria minha primeira entrevista sozinha. Ele me perguntou se eu gostaria que sua esposa participasse da entrevista também, já que haviam se mudado juntos para a Vila. Respondi que seria interessante se ela quisesse participar e expliquei que havia entrado em contato por indicação da Cibele, mas que a esposa também poderia nos ajudar muito. No entanto, a esposa estava de saída naquele dia e não pode participar conosco<sup>12</sup>.

Aparentemente, Mauro estava muito empenhado em conceder a entrevista. Ele é marceneiro e comentou que quase não conversa, pois trabalha muito tempo sozinho na oficina que fica nos fundos de sua casa.

Houve muitos momentos de silêncio ou de desconforto de minha parte em dar prosseguimento nas perguntas, tinha receio de cortá-lo ou fazê-lo perder a continuidade do que estava contando, mas também a ansiedade de não deixar que a entrevista fugisse do tema da pesquisa.

De vez em quando eu dava uma olhada no gravador, conferindo para ter certeza de que estava funcionando, às vezes isso chamava a atenção de Mauro que parou de falar uma

---

<sup>12</sup> Todas as informações constam em caderno de campo.

vez para perguntar se estava tudo bem. Durante a entrevista Mauro mencionou duas pessoas que seriam, segundo ele, interessantes para a pesquisa. A primeira delas era a Robêni, uma antiga moradora do bairro que participou da associação de moradores e a dona Cida, uma senhora que se mudou antes dele e teve filhas que estudaram na escola.

Após a entrevista, conversamos mais um pouco, trocamos e-mails para que ele pudesse compartilhar fotos antigas caso as encontrasse. Mauro também se prontificou a ajudar no que fosse preciso e manifestou interesse em ver o trabalho quando pronto. Na calçada da casa me falou um pouco sobre o entorno, sobre os antigos vizinhos. Comentou que embora a violência tenha aumentado muito ele acredita ainda morar em um paraíso. Reforçou que mesmo sua casa não tendo portão, nunca lhes aconteceu nada.

Ainda na calçada, ele recomendou que eu fosse à casa da dona Cida, na mesma rua, e lhe pedisse para me conceder entrevista também. Passei em sua casa, na qual há um salão de cabeleireiro, e Dona Cida me atendeu atenciosamente concordando - depois da explicação sobre o projeto - em participar da pesquisa. Me passou seu telefone e pediu que marcássemos para a parte da tarde, pois ela estava com netos em casa, e que de preferência a entrevista fosse no início da semana uma vez que, como trabalha com salão de beleza, há mais movimento aos fins de semana.

Antes de marcar a entrevista com a dona Cida procurei a outra pessoa indicada, Robêni. Mauro havia me contado que ela foi professora em uma escola de Barão Geraldo. Procurei-a ligando nessa escola. Tive a informação de que já estava aposentada, mas consegui seu telefone. Liguei e ela também aceitou conceder a entrevista no dia 11 de maio de 2011.

Como não é mais moradora do bairro Vila Santa Isabel, marcamos na casa onde morou durante muitos anos e que agora é habitada por seu filho.

Robêni é uma mulher de estatura baixa e muita energia, tem os cabelos curtos e fala com bastante firmeza. Ela também me recebeu na área da casa que fica de frente para um quintal cheio de árvores. A entrevista foi interessante e ela me indicou mais dois possíveis colaboradores, seu Benito que foi presidente da associação dos moradores da Vila Santa Isabel e é avô dos donos de um bar muito tradicional no bairro<sup>13</sup> e seu Berinha, que possui há muitos anos uma sapataria na esquina da escola pesquisada. Tenho um número menor de registros em caderno de campo da entrevista de Robêni, mas em compensação a conversa gravada foi bastante aprofundada.

Após alguns dias tentei entrar em contato com dona Cida por telefone, não conseguindo completar a ligação. Fui pessoalmente até sua casa. Seu marido me atendeu, mas dona Cida não se encontrava na residência. Descobri que havia anotado errado o número de telefone e peguei o número correto. Liguei na tarde de 24 de maio de 2011 marcando entrevista para o dia 31 do mesmo mês. Um dia antes da entrevista, já com o roteiro pronto, liguei para confirmar. Dona Cida foi muito solícita em todos os momentos da pesquisa.

Ela estava tocando órgão quando cheguei. Percebi, pelo que me contou, que é bem atuante na igreja Católica do bairro, a Igreja de Sant'Anna<sup>14</sup>, que se localiza ao lado da quadra

---

<sup>13</sup> Bar Ponto 1, localizado na esquina da rua Eduardo Modesto – Na qual fica o portão da secretaria da Escola Hilton Federici - com a rua Antônia de Barros Roele.

<sup>14</sup> [http://www.paroquiafreigalvao.com/com\\_santana.asp](http://www.paroquiafreigalvao.com/com_santana.asp)

da escola sendo esta dividida pela Rua Maria Bicego. Contou-me que atua como ministra da eucaristia, além de desempenhar outras atividades religiosas.



**Figura 2 - Fachada da Igreja de Sant'Anna. À direita muro da quadra da escola Hilton Federici.**

**(Foto tirada em 27 de abril de 2013 por Viviana Echávez - acervo pessoal)**

Dona Cida me recebeu no salão de beleza que é instalado em um cômodo frontal de sua casa. Na parede pude ver um diploma de escola de cabeleireiros datado de 1979<sup>15</sup>. Cida é uma senhora magra e negra, transmite muita calma e é atenciosa, tem a voz mansa e sorri frequentemente. Foi muito gostoso ouvir seu relato e ainda hoje, quando reescuto a gravação, tenho a impressão de estar ouvindo uma daquelas avós bem boazinhas de conto de fadas e

---

<sup>15</sup> Registrado em caderno de campo.

filmes infantis. Ela me indicou uma senhora para que eu entrevistasse, também chamada Cida, coordenadora do Pró-menor de Barão Geraldo.<sup>16</sup>

Pelos objetivos da pesquisa, e pelo princípio de formação de *redes*, optei por contatar o senhor Benito e o Berinha, indicados pela colaboradora Robêni, e conhecidos por todos os outros entrevistados. Fui até o Bar Ponto 1, em busca do endereço de seu Benito com seus netos. Recebi a notícia que ele já havia falecido.

O contato com Berinha foi estabelecido pessoalmente na sapataria. Além de ter sido, como Mauro, pai de alunos da escola, ele tem de certa forma uma visão de alguém envolvido com o comércio no bairro. Apostei que suas memórias poderiam complementar e trazer novos elementos para a pesquisa.

Berinha, um senhor negro e baixo, bastante atarefado, mas com ótimo senso de humor, aceitou marcar a entrevista para o dia 30 de junho após encerrar o expediente. Me contou que apesar de baixar as portas da sapataria por volta das 18h, permanecia até umas 19:30h ou 20h terminando alguns afazeres e que, caso eu encontrasse as portas fechadas poderia bater.

---

<sup>16</sup> A Sociedade Pró-menor de Barão Geraldo é uma instituição filantrópica destinada ao atendimento de crianças e adolescentes, em período extraescolar. Está vinculada à Fundação FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas - Fundação Odila e Lafayette Álvaro), se localizando na Avenida Angelino Gregório, 110 - Jd. América, em Barão Geraldo - Campinas. A instituição atende crianças dos diversos bairros de Barão Geraldo.

Compareci no horário combinado, 18h30minh, e a porta ainda se encontrava aberta. Berinha estava pintando um sapato com tinta verde. Pediu pra que eu entrasse e me sentasse a seu lado em uma escadinha. Estava apoiado em uma mesa cheia de tubos de tinta e alguns de cola. Pedi para realizar a gravação e apoiei o gravador sobre sua mesa. Havia também uma moça na sapataria. Um tempo depois do início da entrevista descobri que era filha de Berinha. Logo no início da nossa conversa, antes mesmo do gravador ser ligado, ele perguntou, em tom irreverente *Então quer dizer que você só esta entrevistando pessoas do tempo em que o boi falou?*<sup>17</sup>.

Após o término da entrevista, perguntei o porquê do apelido Berinha. Me contou que quando tinha por volta de oito anos, foi a um jogo de futebol e ouviu uns rapazes se chamando dessa forma. Achando aquilo legal, começou a chamar os colegas da escola assim. Eles por sua vez acabaram atribuindo a Berinha o apelido, pelo qual é conhecido por todos atualmente<sup>18</sup>.

Após a realização das entrevistas, para alcançar os objetivos deste projeto, começamos a trabalhar no tratamento das mesmas que passaram por uma fase de *transcrição literal*, em que a oralidade foi “traduzida” para a linguagem escrita, de maneira fidedigna à gravação, respeitando todas as marcas da oralidade. Posteriormente, elas foram *textualizadas*,

---

<sup>17</sup> Lenda transmitida há gerações pela tradição oral. Segundo ela, em maio de 1888 um escravo da fazenda Santa Genebra, sendo enviado ao trabalho no dia em que a religião católica celebra a paixão de Cristo, afirma ter escutado o boi falar “Hoje não é dia de trabalho”. (RIBEIRO, 2000:13-14) Outras informações disponíveis em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Festa\\_do\\_Boi\\_Fal%C3%B4](http://pt.wikipedia.org/wiki/Festa_do_Boi_Fal%C3%B4)

<sup>18</sup> Informação registrada em caderno de campo.

fase na qual ocultamos as perguntas feitas durante a entrevista buscando aproximar o texto à linguagem literária, retirando-se dele as marcas mais fortes da oralidade (repetições, reticências, onomatopéias, etc.). *Faz parte do momento da textualização a rearticulação da entrevista de maneira a fazê-la compreensível, literalmente agradável. (...) Estes textos além de possibilitar textos mais agradáveis, provocam a realização do envolvimento do leitor.* (MEIHY, 1994:30). Deve-se tentar, contudo, recriar o clima da entrevista de forma que o colaborador possa se reconhecer nas palavras transpostas no papel, segundo Gattaz (1996:264):

A textualização final deve conter em si a atmosfera da entrevista, seu ritmo e principalmente a comunicação não verbal nela inclusa: emoções do depoente como risos ou choro, entonação e inflexão vocal, gestos faciais, de mãos ou mesmo do corpo. O texto, ainda, não pode abandonar a característica de originalmente falado, devendo ser identificado como tal pelo leitor.

Essa fase pós-entrevista foi uma das mais difíceis do trabalho. Em primeiro lugar porque a transcrição literal é um trabalho extremamente mecânico, que demanda muito tempo e atenção. Para cada hora de entrevista levou-se, em média, cinco horas para realizar a transcrição e ainda por volta de duas horas para conferência. Deve ser levado em conta que utilizei um gravador um pouco antigo e as ferramentas do próprio Word. Atualmente há gravadores digitais e programas que facilitam muito esse trabalho, no entanto, só tomei conhecimento dos mesmos após o término das transcrições.

Em segundo lugar, a textualização pede um cuidado literário muito grande para transpor para o papel a atmosfera da entrevista e, ao mesmo tempo, deixá-la com as características dos colaboradores sem, contudo, distorcer ou modificar suas falas. Como ressalta Evangelista *é somente por isso que insistimos na relevância da construção de um*

*texto que, de fato, foge do que foi literalmente dito, mas se aproxima intensamente do que se quis dizer. (2010:177)*

Esse trabalho demandou uma grande responsabilidade. Precisei fazer em média três revisões de cada texto antes de ser levado à *conferência* que é:

o momento em que, depois de trabalhado o texto, quando se supõe que este está em sua versão para ser autorizada, numa ocasião combinada com antecedência. Ainda que de maneira afável, antes de se iniciar a conversa deve haver algum preparo para eventuais negociações. (MEIHY, 1996(a): 184)

Quando me senti segura de que o tratamento textual das entrevistas estava finalizado, entrei em contato com os colaboradores para que fizessem a conferência. Expliquei-lhes a importância de se reconhecerem no texto e de opinarem sobre sua construção. Fiz uma pasta para cada um deles na qual coloquei não só a entrevista textualizada, mas também a transcrição literal a fim de que pudessem comparar e revisar. Além dessas duas versões, enviei também duas cópias da carta de cessão<sup>19</sup> a fim de que ao término da revisão eles pudessem assinar concedendo o uso do material para publicação de minha pesquisa.

Deixei que os colaboradores ficassem com a pasta por, em média, quinze dias. Quando retornei para buscar me deparei com várias reações dos colaboradores. Tive medo de que, àquela altura, me pedissem para não publicar, desistindo da participação, mas felizmente não foi o ocorrido.

---

<sup>19</sup> O modelo de carta de cessão consta nos anexos deste trabalho.

Cibele, como os outros colaboradores, foi solícita e fez a leitura. Pediu que eu removesse um nome próprio e uma informação da qual não se sentia confortável para publicar, mas que não causaria grande alteração na análise uma vez que não era importante do ponto de vista do tema da pesquisa.

Mauro afirmou ter se espantado um pouco com a leitura da transcrição literal de sua entrevista por ter se deparado com muitos erros de pronuncia e de concordância. Esse susto ou vergonha é muito natural nessa situação, uma vez que a organização da língua falada se distingue da língua escrita e, quando há uma transposição literal da mesma, temos a sensação de que “falamos muito errado” quando na verdade esse estranhamento se deve à distinção entre o oral e o escrito. Também em sua narrativa fizemos algumas alterações e retiramos alguns excertos. Foi preciso negociar o quanto ocultar sem que se omitissem informações importantes e pensar em colaboração a forma de modificar, para que o registro fosse fidedigno ao que ele desejava expressar.

No caso da Robêni tive de enviar a entrevista, transcrita e textualizada, por e-mail uma vez que ela já não mora no bairro. Para a assinatura do termo de cessão marcamos um encontro na casa de seu filho, esta sim na Vila Santa Isabel. Levei a pasta com a versão final da textualização, com algumas correções no texto sugeridas por ela. Robêni fez um comentário muito interessante, disse emocionada que ao reler se lembrou de muitas coisas que se passaram há muito tempo e das quais já tinha se esquecido, como um amigo do tempo da faculdade que faleceu a pouco.

Assim como Mauro, dona Cida também ficou muito constrangida ao ler sua transcrição. Deixei a pasta em sua casa para que lesse e quando liguei para perguntar se ela havia conseguido realizar a leitura me deparei com uma voz tímida que me disse achar que sua narrativa iria prejudicar meu trabalho. Fiquei muito preocupada e perguntei se ela havia lido a textualização. Por sorte sua decepção foi com a transcrição literal e pude então explicarlhe, como fiz com Mauro, das diferenças entre a fala e a escrita. Ela ficou mais uns dias com o texto e, quando fui em sua casa para conversarmos, já estava bem mais calma e segura quanto a sua narrativa, tanto que não quis acrescentar ou modificar nada no texto.

Berinha também não quis modificar nada em sua textualização. Ele ficou igualmente com o material por uns dias e manifestou interesse em ver o trabalho quando pronto. Talvez sua tranquilidade se deva ao fato de que já concedeu uma entrevista anteriormente para uma pesquisa do SESI (Serviço Social da Indústria), e deve ter se familiarizado com essa forma de escrita.

Por fim, as entrevistas foram lidas e fichadas segundo temas que se relacionam aos objetivos da pesquisa. Desta forma, pretendeu-se construir um texto em que os sujeitos entrevistados dialogassem entre si. Foram utilizados na análise também os dados das situações de entrevistas, contatos com o campo e anotações em caderno de campo, no sentido de construção da narrativa histórica que nos permitiram conhecer parte da história desta escola. A respeito das entrevistas Thompson (1992) afirma:

As entrevistas, como todo testemunho, contêm afirmações que podem ser avaliadas. Entrelaçam símbolos e mitos com informação, e podem fornecer-nos informações tão válidas quanto as que podemos obter de qualquer outra fonte humana. Podem ser lidas como literatura, mas também podem ser computadas. Para

começar, um grupo de entrevistas podem ser testadas para ver de que modo as informações básicas que contêm se comportam com as que se conhece por meio de outras fontes. (p.315)

Sendo assim, foi a partir dos relatos dos colaboradores que se pode estabelecer relações e fazer análises que vieram responder os objetivos do projeto. Não buscamos com elas, desenvolvidas no quarto capítulo deste trabalho, verdades ou mentiras, ou seja, não buscamos investigar se o relato dos colaboradores é falso ou verdadeiro, o mais importante, para os fins dessa pesquisa, é a forma como eles relacionaram os fatos, como se apropriaram deles.

Quando houver discrepância entre evidência escrita e oral, não se segue que um dos dois seja necessariamente mais fidedigno que o outro. A entrevista pode revelar a verdade que existe por trás do registro oficial. Ou, então, a divergência poderá representar dois relatos perfeitamente válidos a partir de dois pontos de vista diferentes, os quais, em conjunto, proporcionam pistas essenciais para a interpretação verdadeira. (...) grande parte da evidência oral, oriunda da experiência pessoal direta é preciosa exatamente porque não pode provir de nenhuma outra fonte. É inteiramente única. (THOMPSON, 1992: p.307)

Procuramos nas narrativas de cada colaborador, a subjetividade presente, tentando apreender a visão que ele traz dos acontecimentos, possibilitando contextualizar o imediato com o geral: *Precisamos saber como as ideias públicas e as pressões econômicas e coletivas interagem em nível individual* (THOMPSON, 1992: p. 329-330).

O fato de considerarmos o âmbito subjetivo não implica que o trabalho tenha menos valor acadêmico ou que apresente menor rigorosidade metodológica. A presente pesquisa foi construída, em seus objetivos e metodologia, baseado-se na concepção de que todos nós – na condição de sujeitos sociais – fazemos história e, ao tomar consciência disso, nos sentimos mais pertencentes e atuantes na comunidade em que vivemos, seja na escola em que

trabalhamos, ou em qualquer outro espaço social de que fazemos parte. É o que afirma Meihy (1996) quando trata dessa especificidade da História Oral:

Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nessa medida não só a história oral oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem. (p.10).

Espera-se, com esse trabalho, contribuir para o conhecimento, reconhecimento de pertencimento e empoderamento por parte da comunidade da escola Hilton Federici acerca de sua história percebendo-a como uma instituição social em permanente desenvolvimento. Almeja-se, com isso, ajudar na elaboração de sentidos para a prática daqueles profissionais que se dedicam à educação, bem como para as pessoas que a ela têm o direito.

## **CAPÍTULO II**

### **UMA OUTRA ESTRADA: PASSANDO PELA HISTÓRIA OFICIAL**

O contato com o campo e as narrativas dos(as) colaboradores(as) suscitaram a vontade de conhecer a história oficial da região de Barão Geraldo. Percebi com isso que desconhecia alguns fatos históricos aqui ocorridos e acreditando que eles contribuiriam para o diálogo e reflexão - em especial dos leitores oriundos de outras localidades – acerca da reconstrução da história da escola, optou-se por acrescentar ao trabalho esse capítulo.

Não se trata de justificar as narrativas dos(as) colaboradores(ras), mas somar a elas novos elementos que, longe de ser o caminho certo a seguir, representam uma estrada alternativa permitindo chegar igualmente a *uma* história, por um caminho distinto, ou mesmo utilizando-os como rota alternada de percurso entre as narrativas e o registro oficial.

Para compor esse caminho me utilizei de informações da internet e tomei conhecimento do livro escrito por Ribeiro (2000), “Barão Geraldo História e Evolução” através do texto de qualificação do mestrado em andamento de Fabriscio Luiz Fontoura<sup>20</sup>. Para compor sua obra a autora buscou relatos de moradores de Barão Geraldo, fez pesquisas bibliográficas além de utilizar artigos do jornal Correio Popular e desenhos do distrito feitos por.

Igualmente importante para a pesquisa foi o trabalho de Baeninger (1996), que permite entender a dinâmica da migração e evolução da indústria na região de Campinas de forma mais ampla, possibilitando uma reflexão acerca do desenvolvimento urbano, além de contar com inúmeras referências e dados desde o surgimento da freguesia até fins do século XX.

Outros trabalhos com foco no desenvolvimento da cidade de Campinas são os de Santos (2002), que analisa a apropriação, produção e consumo do espaço central da cidade –

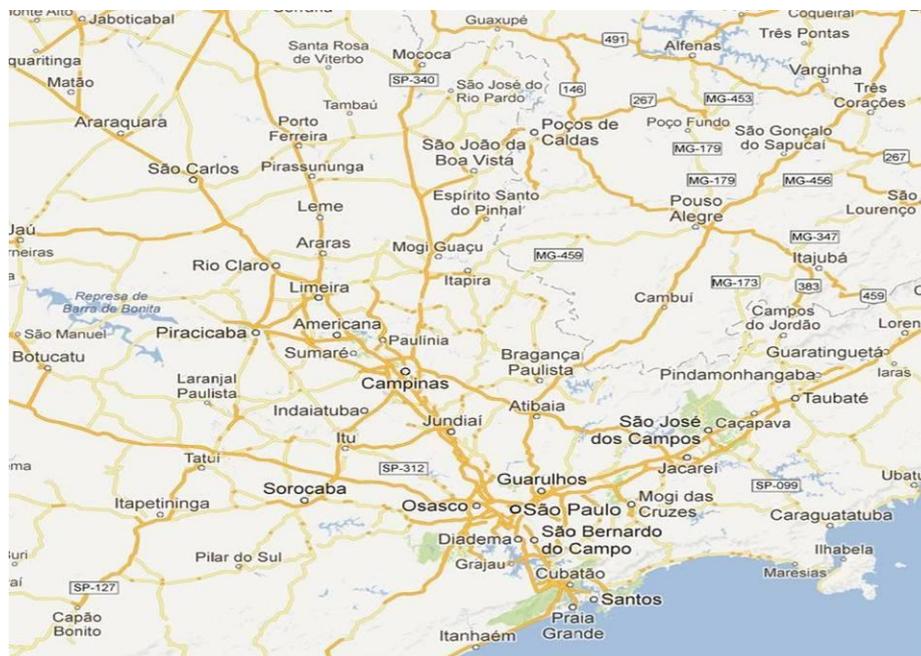
---

<sup>20</sup> Colega, e pesquisador participante do Grupo Violar da Faculdade de Educação da Unicamp, qualificou-se em março de 2013 com o trabalho intitulado “Juventude e Escola: Um Estudo a Partir da Visão dos Estudantes.”, sob a orientação da Professora Dra. Dirce djanira Pacheco e Zan.

através de um estudo de caso feito pelo viés da arquitetura e do urbanismo -, bem como a produção do SESC SP (2008), indicada pelo colaborador desta pesquisa, Berinha, obra esta que - contando com a colaboração da Unicamp e do Museu da Pessoa através de pesquisa documental, iconográfica e depoimento de 41 comerciantes - aborda o desenvolvimento comercial na região metropolitana de Campinas.

A partir dos fatos oficializados nessas produções escritas, procurou-se fazer uma apresentação da história de Barão Geraldo de forma singular, com a contribuição das datas e nomes historicamente lembrados. Buscou-se, fazer uma narrativa por meio das informações encontradas e não apenas reproduzir dados. Da mesma forma com que dois viajantes, ao percorrem o mesmo caminho, são despertados para detalhes específicos do percurso percebendo-o de forma diferente, apresenta-se aqui a reelaboração dos registros históricos sobre essa região.

A história da Vila Santa Isabel remete a de Barão Geraldo que por sua vez remeta a Campinas e esta ao Estado de São Paulo. São histórias que não acabam mais e devido ao recorte temático deste trabalho, decidiu-se começar a narrativa pela região que atualmente é a cidade de Campinas.



**Figura 3 – Mapa do atual entorno de Campinas.<sup>21</sup>**

Localizada no oeste paulista, a região de Campinas foi, no século XVIII, caminho dos bandeirantes e aventureiros que iam explorar as riquezas minerais descobertas em Goiás e Cuiabá. Pousada para os viajantes, era conhecida como Pouso das Campinas de Mato Grosso. Nessa época percebeu-se que a terra roxa encontrada na região era muito fértil atraindo viajantes que começaram a fixar nela suas moradias.

Em 1773 foi construída uma igreja no centro do pouso conferindo a ele autonomia religiosa, embora politicamente ainda estivesse dependente de Jundiaí. Vários fatores - entre

---

<sup>21</sup> [https://maps.google.com.br/maps/myplaces?vpsrc=6&ctz=180&abauth=518833a8JCWtfuDs-1\\_j9Ph651ZeEOK1m1o&vps=3&num=10](https://maps.google.com.br/maps/myplaces?vpsrc=6&ctz=180&abauth=518833a8JCWtfuDs-1_j9Ph651ZeEOK1m1o&vps=3&num=10).

eles o aumento populacional - levaram à fundação da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí, oficializada com uma missa em 14 de julho de 1774. (RIBEIRO, 2000:16)

É curioso como às vezes vivemos em meio aos personagens históricos e não temos conhecimento do papel que eles desempenharam na história. Muitos nomes de ruas e avenidas de Campinas passaram a ter mais significado para mim após esse levantamento histórico.

Descobriu-se com a pesquisa, por exemplo, que o personagem Francisco Barreto Leme do Prado<sup>22</sup>, cujo nome foi dado a uma importante rua situada no centro da cidade de Campinas, a Rua Barreto Leme, representa oficialmente o fundador da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas, que foi a primeira sesmaria<sup>23</sup> a ser doada na região de Campinas, em 1875. Vinte e quatro anos após sua fundação, com um aumento populacional bastante significativo (BEANINGER, 1996:22), é elevada a Vila, sendo denominada Vila de São Carlos e adquirindo autonomia em relação a Jundiaí (SESC SP, 2008:151).

Com o enfraquecimento do ciclo da mineração a região começou a destacar-se no cenário estadual pela produção da cana-de-açúcar. O trabalho na lavoura era desenvolvido por mão de obra escrava, que representava segundo Beaninger (1996:23) mais da metade da população desse período.

---

<sup>22</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Barreto\\_Leme\\_do\\_Prado](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Barreto_Leme_do_Prado)

<sup>23</sup> “Uma sesmaria abrangia áreas de grandes proporções e era geralmente concedida a várias pessoas. À medida que a terra era ocupada fazendas se formavam e depois eram subdivididas entre descendentes e agregados, daí surgindo os pequenos núcleos e os vilarejos.” (SESC SP, 2008:151)

Enquanto as fazendas iam se consolidando e desenvolvendo na esfera econômica o cultivo da cana-de-açúcar, principal atividade nos anos de 1826, o contínuo desenvolvimento faz com que em 1842 a Vila de São Carlos passe ao status de cidade voltando a ser chamada de Campinas. A medida que a produção da cana-de-açúcar começou a sucumbir o café se apresentava como nova opção agrícola.

O Conselho Ultramarino<sup>24</sup> (órgão da coroa portuguesa responsável por assuntos das colônias) doou para a família do Brigadeiro Luís António de Sousa Queirós, em 1779, a última sesmaria da região de Campinas, distante 12 quilômetros do centro da cidade, quando essa ainda era uma Freguesia entre o Ribeirão Quilombo e a Rodovia Campinas-Mogi-Mirim (antiga Estrada de Goiás). Essas terras correspondem atualmente ao distrito de Barão Geraldo. Nelas o Brigadeiro fundou o Engenho Nossa Senhora do Carmo do Morro Alto que passou para seu filho, Francisco Inácio de Sousa Queirós, que as deixou de herança para suas duas filhas Genebra Miquelina de Souza Queiroz e Isabel Augusta de Souza Queiroz (netas do Brigadeiro Luis Antônio). A divisão resultou na formação das duas fazendas que deram origem a Barão Geraldo: a Fazenda Santa Genebra e a Fazenda Rio das Pedras. (Quadro 1)

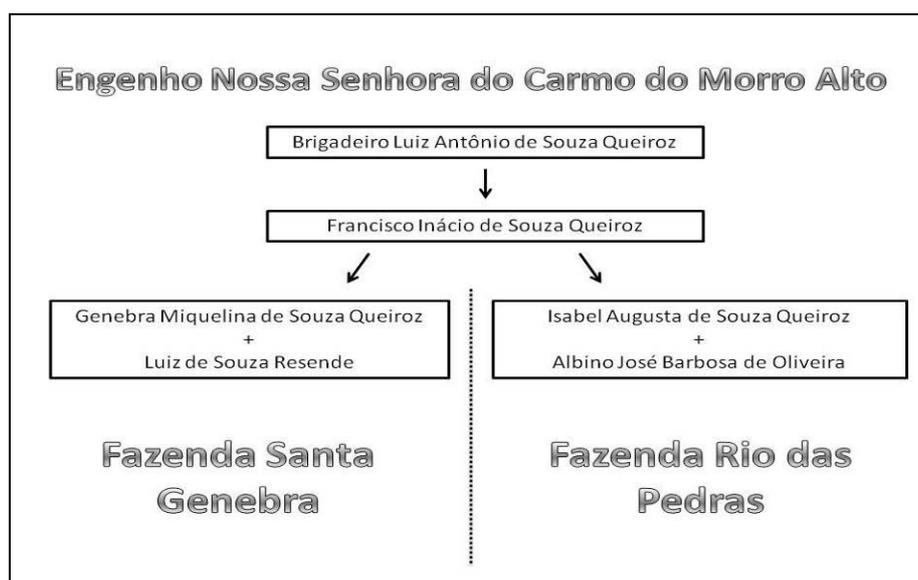
Genebra Miquelina casou-se com Luiz de Souza Rezende, mas faleceu prematuramente. As terras passaram ao sogro, que nomeou a fazenda de *Santa Genebra* em sua homenagem e posteriormente deixou-a como herança para seu filho Geraldo de Souza

---

<sup>24</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Conselho\\_Ultramarino](http://pt.wikipedia.org/wiki/Conselho_Ultramarino)

Rezende, em 1876<sup>25</sup>. Geraldo exerceu atividades políticas, foi amigo de D. Pedro I e recebeu o título de Barão em 1889. Afastado da atividade política, dedicou-se à fazenda e ao cultivo do café, utilizando novas tecnologias agrícolas, obtendo grande prosperidade e destacando-se na produção cafeeira da região.

No entanto, seus gastos e de sua família aristocrática resultaram na decadência dos negócios, o Barão contraiu dívidas sendo forçado a vender a fazenda para Lins de Vasconcelos. Após a falência, em 1º de outubro de 1907, Barão Geraldo de Souza Resende se envenenou, antes de sair das terras. (RIBEIRO, 2000:43).

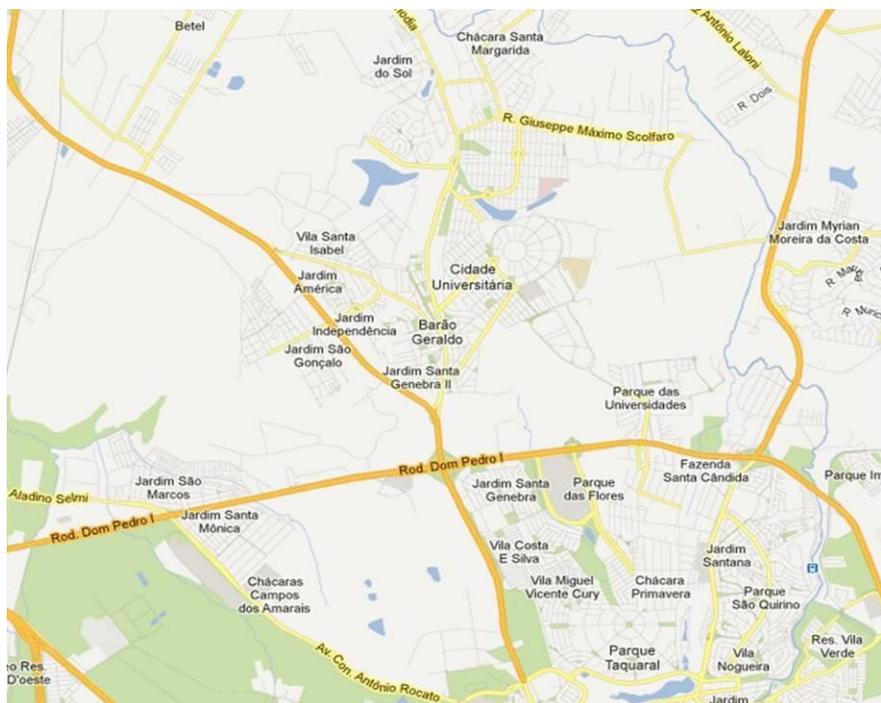


**Quadro 1 – Divisão das terras que vieram dar origem a Barão Geraldo entre os descendentes do Brigadeiro Luiz Antônio de Souza Queiroz.**

<sup>25</sup> Informação disponível em: [http://canalbaraogeraldo.com.br/?page\\_id=13](http://canalbaraogeraldo.com.br/?page_id=13), acessado em 02 de maio de 2013.

Isabel Augusta, por sua vez, casou-se com Albino José Barbosa de Oliveira. Proprietários da fazenda Rio das Pedras. Deixaram-na como herança para o filho que se chamava Albino José como o pai. Tiveram também uma filha, Maria Amélia Barbosa de Oliveira, que veio a ser esposa do Barão Geraldo de Rezende.

Apesar de ambas as fazendas terem desenvolvido a agricultura, a que se destacou nesse ramo foi a Fazenda do Barão Geraldo, Santa Genebra, ao passo que a fazenda Rio das Pedras teve parte de suas terras loteadas, tornando-se lucrativo negócio mobiliário.



**Figura 4 - Atual organização geográfica do Distrito de Barão Geraldo e seu entorno.**

Por volta de 1850 a produção de café se torna a principal fonte de riqueza, desde 1835 o plantio de cana-de-açúcar vinha sendo substituído pelo café e nesse período as fazendas campineiras estavam “a todo vapor”. Em 1854 *São registradas, em Campinas, 117 fazendas de café, com uma produção anual de mais de 300 mil arrobas do produto (equivalentes a 4000 toneladas)* (SESC SP, 2008:154). T tamanha era a produção da região que Campinas foi uma província reconhecida no Estado de São Paulo sendo considerada a principal produtora do Oeste Paulista - que compreendia o território próximo à capital do estado de São Paulo entre as cidades de Sorocaba, Bragança Paulista, Campinas e Piracicaba – o que lhe conferiu o apelido de *Princesa D’Oeste*. (BAENINGER, 1996:26).

Um fator que impulsionou o escoamento da produção cafeeira foi o desenvolvimento do transporte ferroviário na região facilitando o escoamento da produção. Em 1867, por exemplo, foi inaugurada a Ferrovia Santos-Jundiaí (São Paulo Railway Company). Nove anos depois, em 1875, é inaugurada a CMEF (Companhia Mogiana de Estradas de Ferro)<sup>26</sup> ligando Campinas à Jaguariúna. Em 1898 inaugurou-se o terminal da Carril Agrícola Funilense no terminal Barão Geraldo de Rezende, a estrada de ferro Funilense ligava Campinas à Cosmópolis (região que na época era chamada de Núcleo Colonial Campos Salles). Ao lado da estação foi construída a capela de Santa Isabel, onde hoje se localiza o Banco Santander no centro do distrito de Barão Geraldo.

Durante a segunda metade do século XIX houve um movimento de troca da mão de obra escrava por imigrante. Além da pressão política interna e externa para a abolição da

---

<sup>26</sup> <http://www.cmef.com.br/>

escravatura, um elemento que influenciou a troca de mão de obra na região foi a política de europeização e branqueamento da população. Os imigrantes eram trazidos para trabalhar como colonos meeiros, morando e trabalhando na terra pagando ao proprietário com parte de sua produção.

Vieram para a região de Campinas muitos imigrantes italianos, em decorrência da unificação italiana (1870). Havia parcerias entre Brasil e Itália, fazendeiros do oeste paulista viajavam para a Itália a procura de trabalhadores que, por sua vez, vinham com o intuito de se instalar e viver aqui, trazendo consigo além da força de trabalho sua cultura. Além dos italianos há registros de imigrantes portugueses, alemães, espanhóis entre outras nacionalidades. A tradição oral lembra ter ocorrido nesse período, em março de 1888, pouco antes da abolição ser oficializada, o episódio do boi que falou na Fazenda Santa Genebra<sup>27</sup>.

Apesar de ser um polo de desenvolvimento econômico, percebe-se pelos registros históricos uma tendência ao desenvolvimento econômico acelerado em detrimento do desenvolvimento estrutural. A urbanização se desenvolveu impulsionada pelo progresso, embora com certa precariedade nas estruturas de atendimento à população como transportes, iluminação e saneamento básico. A iluminação só se concretizou em 1850 de forma parcial, as medidas sanitárias começaram a se desenvolver após 1889 devido ao grande surto de febre amarela que ocorreu na região. É interessante lembrar que, em geral, os proprietários de terras e fazendeiros não residiam nas propriedades agrícolas, mas nas metrópoles como o Rio de Janeiro.

---

<sup>27</sup> Episódio que deu origem à festa tradicional do “Boi falou” anteriormente citada.

Por outro lado, Ribeiro (2000) destaca a inauguração do Teatro São Carlos já em 1850, da implantação precoce de telefone na cidade, a fundação da Imperial Estação Agronômica de Campinas – que veio a ser o IAC (Instituto Agrônomo de Campinas) - em 1887 e a fundação do colégio Culto à Ciência em 1874, o que permite pensar que havia possibilidade e tecnologia para o desenvolvimento infraestrutural urbano, mas que ele se destinava prioritariamente a uma parcela da população. De acordo com Santos (2000:379):

A desigualdade estrutural do espaço urbano caracterizado pela oferta diferenciada no tempo e no espaço de infraestrutura básica da cidade, a exemplo de Campinas, potencializou ganho particular crescente ao longo de sua apropriação e a cada aumento do potencial construtivo de sua circunvizinhança.

Essa desigualdade infraestrutural ainda pode ser observada se compararmos os diversos bairros e municípios da região metropolitana de Campinas.

Os moradores de Barão Geraldo no início do séc. XX eram, em sua maioria, imigrantes ex-colonos, agora sitiantes que conseguiram comprar lotes dos fazendeiros. Havia poucas benfeitorias no distrito e reduzida circulação de moeda uma vez que muitos fazendeiros faziam o pagamento da produção dos colonos através de mercadorias. O único meio de transporte que conduzia os moradores às áreas urbanas era o trem da Carril Funilense. Os sitiantes, por utilizarem carroças para vender e transportar sua produção de verduras e hortaliças até o mercado municipal de Campinas, eram conhecidos como “carroceiros”. Além da venda de produtos agrícolas também vendiam lenha para a ferrovia Mogiana e Paulista. (RIBEIRO, 2000:59)

Em 1940 a atual Vila Santa Isabel, juntamente com os bairros Real Parque, Jardim São Gonçalo, Bosque de Barão Geraldo, Residencial Terra Nova, Parque Ceasa, Jardim

Independência, Jardim América, Chácara Recreio Uirapuru e Chácara Recreio Barão, Residencial Burato, condomínio Bairro Alto, além da Rodovia Campinas Paulínia que passa por Barão Geraldo, eram propriedades agrícolas que formavam o maior bairro de Barão Geraldo na época, chamado inicialmente de Xadrez e posteriormente Colônia Xadrez.

Na década de 50 do século XX ocorreu grande desenvolvimento industrial em Campinas, houve um movimento de êxodo rural e escassez de mão de obra para o trabalho no campo. Barão Geraldo começou a passar por melhorias na sua estrutura recebendo, por exemplo, em 1950, a primeira linha de ônibus ligando Barão ao centro da cidade. Oito anos mais tarde, em função de reivindicações, criou-se o grupo escolar Agostinho Pattaro. (RIBEIRO, 2000:70)

A família Albino Oliveira, então proprietária da fazenda Rio das Pedras, perde-a naquela década para João Adhemar de Almeida como pagamento de empréstimo realizado em seu banco, o Banco de São Paulo. Sob sua posse a fazenda tornou-se local de importantes encontro sociais e políticos. De acordo com Ribeiro (2000:51-52) fizeram parte dos ilustres visitantes da fazenda a Rainha da Inglaterra Elizabeth II, o presidente General Castelo Branco, Juscelino Kubitscheck e o rei da Noruega. Adhemar tentou empreendimentos agrícolas na fazenda, sem grandes sucessos e optou por investir no ramo imobiliário contratando uma empresa imobiliária<sup>28</sup> para gerenciar a venda do loteamento.

---

<sup>28</sup> Imobiliária Onório Chiminazzo (RIBEIRO, 2000:52).

Moradores de Barão começaram a discutir seu estatuto da Vila, foi formada uma Comissão Representativa de Cidadãos de Barão Geraldo, liderada pelo vereador Guido de Camargo Sobrinho<sup>29</sup> que reivindicava a elevação da localidade para Distrito, não sem controvérsias o movimento resultou na conquista da elevação em 30 de setembro de 1953, durante a administração estadual de Lucas Nogueira Garcês.<sup>30</sup> Após a conquista surgiram propostas de Barão Geraldo se emancipar da cidade de Campinas que não se concretizou.

... o espaço construído, apropriado e consumido representa o resultado concreto do embate de forças politicamente contrapostas, todavia onipresentes, tendo como pano de fundo a disputa da terra urbana. (SANTOS, 2000:383 - 384)

Uma parte das terras da Fazenda Rio das Pedras, cerca de 30 alqueires, foi doada para a construção da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - idealizada para ser um polo de ensino e pesquisa de alta qualidade -, e do Hospital das Clínicas, foi feita uma transação de venda simbólica. Tal acordo impulsionou a valorização do loteamento da Cidade Universitária. As terras onde se instalou o Centro Médico foi igualmente doada por barganha entre o proprietário João Adhemar e os médicos Eduardo e John Lane (RIBEIRO, 2000:53). A pedra fundamental da Unicamp foi lançada oficialmente em 1966.

---

<sup>29</sup> Comerciante e político, fundou o cartório de Barão Geraldo e foi proprietário do posto de gasolina Shell, primeiro do distrito.

<sup>30</sup> [http://canalbaraogerald.com.br/?page\\_id=13](http://canalbaraogerald.com.br/?page_id=13)

Mais informações em: <http://www.baraoemfoco.com.br/barao/cultura/historia/curiosidades.htm> acessado em 30 de abril de 2013

Em 1972 a REPLAN (Refinaria de Paulínia) inicia suas atividades influenciando o desenvolvimento urbano de Barão Geraldo, atraindo moradores e gerando empregos que antes eram buscados no centro de Campinas.

A partir da década de 1960, em função do desenvolvimento industrial, científico e tecnológico nascente, pessoas de todo o Brasil chegaram a Barão Geraldo para se instalar. O cenário campestre do distrito passou a sofrer alterações. O Bairro Cidade Universitária, por exemplo, foi concebido especialmente para ser vendido à população que viria atraída pelo desenvolvimento e pela tranquilidade do ambiente ali encontrado. Uma nova forma de viver e novas expectativas de qualidade de vida foram trazidas por essas pessoas perspectivas distintas daquelas consolidadas na comunidade baronense de então.

O progresso, portanto, trouxe consigo mudanças nas relações e no espaço. O comércio propagou-se, instituições públicas como delegacias e postos policiais foram instalados e essa conjuntura atrativa - comodidade urbana concomitante à tranquilidade dos costumes rurais - favoreceu a especulação imobiliária. Tais acontecimentos suscitaram a preocupação dos moradores, tanto nativos quanto vindos de outras localidades em relação ao desenvolvimento em curso. De acordo com Ribeiro (2000:93): *O desafio era manter a qualidade de vida e o ar bucólico que todos buscávamos quando aqui viemos morar sem impedir o desenvolvimento da região.*

Resultando dessa inquietação, os moradores traçaram um Plano Local de Gestão Urbana do Distrito de Barão Geraldo, aprovado em 1966, como um consenso após vários desentendimentos, sobre a forma de administrar e regularizar o desenvolvimento do distrito.

Atualmente Barão Geraldo é reconhecidamente um polo cultural, científico e tecnológico, que abrange imensa diversidade cultural, pluralidade de ideias e nacionalidades, além de ser um campo no qual se desenvolvem complexas relações entre moradores, trabalhadores e estudantes e desses com o espaço e suas instituições.

São as relações específicas entre a instituição escolar Hilton Federici e a comunidade do bairro Vila Santa Isabel que pretendemos analisar no IV Capítulo com a colaboração da História Oral que se registrou a partir das narrativas dos(as) colaboradores(as) e do auxílio da narrativa proveniente da história oficial.

### **CAPÍTULO III**

#### **OS COLABORADORES: VOZES QUE DERAM CORPO E SENTIDOS À CAMINHADA.**

A ideia de instituição só tem sentido e seu papel só é efetivamente desempenhado a partir do esforço do grupo que a movimenta e lhe dá vida, perpetuando-se alguns sentidos e renovando-se outros com a chegada de novos membros. Essa dinâmica pode ser aprendida, em parte, pelas narrativas dos próprios atores ao organizarem suas lembranças de trajetórias diferenciadas, contraditórias ou complementares. (GRAEBIN & PENNA, 2007: 101)

Nas pesquisas de História Oral de Vida, Meihy propõe que se extraia da entrevista um “tom vital”, um excerto que explicita a essência daquilo que foi narrado ao entrevistador e que aparece destacado no início da textualização ou transcrição.

Não optamos por colocar, no início de cada narrativa, um “tom vital”, mas uma apresentação de como ela se iniciou, convidando o leitor a vir conosco no caminho percorrido por essas memórias.

### **3.1 Cibele**

Cibele nos recebeu, na copa de sua casa, na tarde de 08 de julho de 2010. Ao pedirmos licença para gravar a entrevista comentou que sente um pouco de vergonha de ouvir sua voz.

Contou-nos que é moradora da Vila Santa Isabel há mais ou menos 30 anos. Veio com a mãe de São Paulo e, no início, trabalhou como inspetora de alunos na escola Hilton Federici. Mora na escola há 3 anos, desde que seu marido conseguiu o cargo de caseiro. Sobre o trabalho que desenvolvem nessa função contou que consiste em cuidar da escola, regar as plantas e fazer pequenos concertos.

Quando questionada a respeito do que se lembra da escola de 30 anos atrás, quando chegou, disse que era mais aberta, não tinha tantas grades e que a clientela atendida provinha do próprio bairro:

*Os alunos que frequentam o Hilton mudaram, agora eles são de outros lugares, não são mais de Barão, a gente não conhece mais, a gente sabe que não é daqui né... Em primeiro lugar porque a gente não conhece a família e eu, como antigamente era inspetora de aluno na escola, tinha muita troca com os alunos. Ainda tem alguns que eu falo assim: “ó eu*

*conheço tua mãe, vou contar alguma coisa...”. Porque essa é uma forma da gente ter uma autoridade, uma troca com eles, uma referência, a gente tem como segurar eles sabe... A gente demonstra nossa preocupação falando “eu não to falando isso porque eu quero teu mal”, eles entendem isso, né... “É, porque eu conheço sua família, quero teu bem”, e tem uma troca. Com os alunos que a gente conhece, e sabe que são de Barão, tem uma troca diferente...*

*Quando a escola começou a Unicamp já existia, mas quando eu mudei aqui, o hospital não funcionava ainda. A gente quando acontecia alguma coisa, até quando meu filho quebrou o braço no dia que eu mudei aqui, a benção, caiu da árvore, eu tive que ir lá pra PUC (Pontifícia Universidade Católica), super longe fui conseguir socorro lá do outro lado da cidade...*

*Não vi a construção da escola, o que eu sei é de ouvir os outros contarem, dizem que aqui era um campo de futebol e que o escolheram porque era muito plano. Acho que foi o Maluf<sup>31</sup> que fez essa escola... Com certeza havia alguém pedindo a construção da escola, né, porque foi montado o bairro né... sempre tem que ter a escola.*

*Antigamente as crianças brincavam muito na rua, lá na Fazenda Rio das Pedras<sup>32</sup> que, na época, não tinha cercas, era como uma cidadezinha do interior. Tem uns mitos aí*

---

<sup>31</sup> Paulo Salim Maluf, empresário, engenheiro e político brasileiro. Foi prefeito do estado de São Paulo de 1969 a 1971 e de 1993 a 1996, além de Secretário dos Transportes de 1971 a 1975 e governador do estado de São Paulo de 1979 a 1982.

<sup>32</sup> A Fazenda Rio das Pedras compreendeu grande parte do atual território de Barão Geraldo. Suas terras até meados do século XX abrangeram o atual centro do distrito, a Unicamp, a Cidade Universitária, a

*também de que o terreno onde a escola foi construída era um cemitério de escravo, mas conversando assim com muitas pessoas, eu acho que só se for cemitério dos Barões, porque... cemitério de escravo num lugar alto, bonito desse eu acho meio difícil porque não era assim, né... Na fazenda Rio das Pedras tem mesmo, tem senzala, tem umas correntes. Bom pelo menos tinha né, hoje em dia ninguém entra mais na fazenda. É tudo cercado com guarda e tudo...*

---

fazenda São Francisco da Rhodia, os condomínios Rio das Pedras e Barão do Café, se estendendo até as proximidades da Rodovia Mogi Mirim, e o bairro Guará. Atualmente a Fazenda Rio das Pedras abrange uma área rural entre a Vila Santa Isabel, a Estrada da Rhodia na altura da Cidade Universitária II e chegando ao Condomínio Rio das Pedras.



*Figura 5 - Entrada para a Fazenda Rio das Pedras pela Rua Marcolina Mendes Leme ao fim do bairro Vila Santa Isabel. (Foto tirada em 27 de abril de 2013 por Viviana Echávez - acervo pessoal)*

*Atualmente, aos finais de semana a escola é super tranquila a quadra é usada pra jogar bola, sempre foi assim, sempre usaram a quadra pra jogar bola. Eles pulam o muro pra usar a quadra. Mas é autorizado, a direção autoriza, mas não adianta...*

*Logo que eu comecei a ser caseira aqui falei pra diretora, eu vou abrir o portão, porque assim eles não pulam o muro né, não fica uma invasão. Ela respondeu que tudo bem: “Ah, ta bom, pode abrir”. Abri o portão, mas ninguém entra pelo portão! Todo mundo pula o muro, é incrível! Acho legal os alunos usarem a quadra porque assim cuidam da escola, ela nunca foi assaltada, graças à Deus. É bem sossegado nessa parte. O bairro é bem cheio de*

*assalto, mas a escola nunca foi invadida. Mesmo os muros sendo baixos a gente nunca teve problema.*

*A minha relação assim com o pessoal da escola, por exemplo, os professores e diretores é super tranquila, né... porque é um pessoal que eu conheço há muitos anos... Embora mude muito os professores, ultimamente tá bem diferente. O ano passado ainda tinha bastante professores antigos. Agora alguns se aposentaram, alguns quiseram ir embora, sei lá... Não sei bem o motivo, mas mudou muito. E a gente percebe que vêm os mais jovens, mais inexperientes e muda muito o comportamento né... A pessoa numa certa idade impõe mais respeito ou, talvez, os professores mais jovens apesar de ter a teoria não tem a prática que é mais difícil de adquirir, né... A experiência de segurar a classe... A escola tá bem diferente nesse sentido. Eu acho que talvez por essa coisa de ter professor que já deu aula pro pai do aluno, vai ver é por causa disso, não sei... Mas... Apesar de que tem professor jovem que segura mais do que professor mais antigo... Ah, sei lá, acho que vai da pessoa também essa é uma coisa difícil de você analisar...*

*Todos os meus quatro filhos estudaram no Hilton até o terceiro ano do Ensino Médio. O Alan hoje tem 31 anos, o André 30, a Luana vai fazer 25 em dezembro, e o Lucas tem 19, ele estudou no Maria Alice<sup>33</sup> os primeiros anos até a quarta e estudou aqui até o terceiro.*

---

<sup>33</sup> Escola Estadual Prof<sup>a</sup>. Maria Alice Colevati Rodrigues que fica no bairro Jardim América e atende alunos do primeiro ao nono anos do ensino fundamental.

*Tinha de primeira a quarta séries no Hilton no início, chegou a ser Escola Padrão<sup>34</sup> uma época, nos anos 90, minha filha Luana nasceu em 1985 então em 91 que ela fez o primeiro ano por que ela entrou com seis anos. Ela fez Escola Padrão aí depois eu mudei ela no segundo ano porque eu achava que ela era muito grudada comigo, ela tinha muita liberdade. Porque eu trabalhava aqui, minha mãe também... E não tava dando muito certo. Mas eles estudaram todos aqui...*

*Pelo que eu vim acompanhando, pelos meus filhos que estudaram na escola, eu acho ela foi muito boa. Hoje em dia eu acho que não é o mesmo nível não. Não digo especificamente com relação ao Hilton, falo das escolas em geral. Como mãe, como amiga de mães e de comentar com as pessoas, acho que até uns três anos atrás, o ensino era melhor do que agora...*

*Por exemplo, coisas que os meus filhos Alan e André, que eram os mais velhos aprenderam, a Luana já não aprendeu. Coisas que a Luana aprendeu o Lucas já não aprendeu, sabe. Tem coisa que eu aprendi - eu fui daquela escola que tinha exame de admissão pra entrar na quinta série, que era muito mais rígida que hoje - que meus filhos não aprenderam.*

---

<sup>34</sup> Cibele se refere ao programa Escola Padrão, instituído no estado de São Paulo pelo Decreto Estadual Nº. 34.035, de 22 de outubro de 1.991 pelo Governador Luiz Antônio Fleury Filho, como parte do Programa de Reforma do Ensino Público do Estado de São Paulo. Esse programa tinha como finalidades melhorar o padrão de qualidade das escolas públicas modernizando-as, incitando nelas a discussão dos conhecimentos e ampliando o tempo de permanência na escola. Mais informações no trabalho de Sarmiento e Arruda disponível em: <http://www.facsaooroque.br/novo/publicacoes/pdf/v2-n1-2011/Albertina.pdf>, acessado em 21 de março de 2013.

*Meu filho se formou no terceiro colegial e tá fazendo um curso no quartel de cabo, esses dias ele veio falar pra mim “mãe num sei fazer conta de dividir com dois números na chave....” Eu falei como que você tem o terceiro...? Ele falou “Ah, nunca aprendi direito... e agora eu to...”. Porque, na verdade, o aluno tem na cabeça que ele tem que tirar o diploma, de que jeito que é não interessa. E a mãe não tem... como prestar atenção a todas essas coisas né... E aí depois que você vê eles formados que cê vê que ficou... muita falha pra trás, né.*

*Algumas coisas que eu comento muito com meu marido, por exemplo, cantar hino nacional, pelo menos uma vez por semana, na época dos meus meninos ainda tinha, eles hasteavam a bandeira... cantavam o hino nacional, o hino à bandeira... São coisas que eu acho muito importantes e que o brasileiro está perdendo muito isso, sabe... Eu assisto muito filme americano, eu acho que o americano tem um patriotismo tão à flor da pele e o brasileiro tá perdendo muito isso. E eu acho isso muito ruim pra a nação.*

*Outra coisa, o governo tá dando, dando, dando e o povo acha que o governo tem obrigação daquilo, não que não tenha, mas num dá valor... acha que porque o governo dá num sai do bolso deles, eles destroem tudo, num tão nem aí com nada. Acho que isso é muito... Diria que é uma parte que eu acho que é pro bem da nação... Devia ser mais esclarecido sabe... Eu procurava passar isso pros alunos, sempre falava “gente, não é assim, tá saindo do bolso do seu pai...”, “se vai destruir o negócio, daqui a pouco tem que comprar outro, um dinheiro que podia... é... Por exemplo, cê quebrou uma porta que podia comprar uma mesa de ping-pong, não vai comprar a mesa porque teve que concertar a porta que você*

*destruiu que tava aí já pronta...” Então eu acho que tudo isso vai de conscientização mesmo né...*

*Parece que antes os alunos, tinham mais assim um cuidado com a escola, um respeito muito maior, tanto pelas pessoas quanto pelas coisas. Porque hoje eles falam com os professores como se fosse empregado deles, com os funcionários também, é muito difícil lidar com os alunos. E, outra coisa, é lógico que eu não sou a favor de bater e nem de espancar ninguém, nunca fui, né... E professor chegar a esse ponto é lógico que é horrível, mas eu acho que essa educação moderna fez com que os alunos se sentissem assim protegidos demais sabe pela lei, achar que eles podem fazer o que querem. Eu acho assim, que eles perderam totalmente o respeito, sabe? Fala o que quer... xinga, é... realmente por lei você não pode suspender um aluno porque vai impedir ele de assistir aula e pela lei não pode, nenhum aluno pode ser impedido de ter direito ao estudo, né...*

*Então, algumas escolas até suspendem o aluno mais é meio assim, uma coisa meio combinado com o pai. Porque realmente pela lei não pode... Eu achei que a escola perdeu muitos mecanismos de punição mesmo, de disciplina... Eu achei muito, muito prejudicial porque o aluno não tem consciência de que ele tá ali pra aprender e se ele não aprender o professor vai receber um salário, a gente sabe que tem bônus por numero de alunos que passa essas coisas, mas na verdade o professor tá ali pra ensinar, eu sempre ensinei isso pros meus filhos “se você aprender ou não o salário dele é o mesmo, quem vai tá perdendo é você e não é ele, então você tem que aproveitar ao máximo o que você puder da informação que ele tá passando”. Precisa colocar em primeiro lugar a educação, né...*

*Eu tive quatro filhos aqui, raramente um ou outro foi punido por alguma coisa, Mas assim... eu acho horrível aluno xingar professor, não ter respeito, não parar um minuto na carteira, acha que... joga papel no chão porque tem uma funcionária que vai varrer... Esse tipo de coisa...*

*Pra mim é uma coisa que tinha antigamente em Barão: educação. As famílias ao redor da escola eram mais presentes na escola, mais... tinham vários pais que vinham ajudar fazer as coisas... hoje em dia não tem nada disso porque é um povo, é uma clientela distante. Mas eu acho que as escolas como um todo estão assim, né, não é só aqui...*

*Então eu não sei até que ponto é errado, até que ponto é certo, eu já conversei com uma senhora que é japonesa, ela falou que no Japão é assim, só que lá a cultura deles é diferente, então eles tem... o aluno chega em casa os pais cobram, ensinam, e aqui não tem isso né, nunca teve, não adianta forçar uma coisa de outro país se a cultura não acompanha, né... Então com certeza eles tão passando de ano assim. Chega na quinta série... tem muito aluno de quinta série aqui que não sabe ler e escrever, não sabe. Na verdade não é que não sabe escrever corretamente o português, que eu acho que dificilmente alguém consegue, porque é uma língua muito difícil né, a nossa língua. Mas eles escrevem coisas assim... sei lá, céu com "s", sabe, coisa que não dá, você lê e você não consegue entender o que ele quis passar ali. Horrível, dá até dó das crianças... Muito difícil...*

*Teve uma diminuição de alunos, eu acho que isso o pequeno número de alunos nas classes do Ensino Médio acontece por causa da desistência né, evasão. Com certeza. Bom, o primeiro ano normalmente tem três salas, depois o segundo tem duas salas e o terceiro ano*

*chega com uma sala só... As salas começam com 40 alunos e aí depois vão desistindo. Aí é aluno que vai, fica cinco anos... né, vai passando... passa um ano esse negócio aí de passar de ano, a Progressão Continuada, isso aí foi uma perdição, né...*

*A procura por vagas aqui na escola diminuiu muito. Antigamente tinha época que enchia as doze salas teve época que aonde é a cozinha dos funcionários era sala de aula, onde é a sala de informática era sala de aula. Porque tinha muita clientela, hoje não tem mais.*

*De dia antigamente não tinha colegial aqui, o colegial era na escola Barão Geraldo de Rezende<sup>35</sup>. Aqui era só de quinta, de manhã era primeiro, segundo, terceiro e quarto anos do ensino fundamental, e à tarde era o ginásio que a gente falava que é de quinta à oitava série. E o Rezende que tinha o colegial. Não tinha a escola Maria Alice Colevatti, que foi feita porque essa pista que hoje é a Avenida Santa Isabel antigamente era muito perigosa. A avenida Santa Isabel é a antiga Estrada Velha de Paulínia<sup>36</sup>, então o trânsito passava todo por aqui, ônibus e caminhões da REPLAN<sup>37</sup>. Então construíram o Maria Alice justamente pra clientela do outro lado da pista, da Vila Independência e do Jardim América pra eles não*

---

<sup>35</sup> Escola Estadual que fica no centro do distrito de Barão Geraldo e atende atualmente ao Ensino Fundamental II e Médio.

<sup>36</sup> Paulínia é o Município da região metropolitana de Campinas mais próximo do distrito de Barão Geraldo situado a cerca de 8km. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paul%C3%ADnia>. Acessado em 03 de abril de 2013.

<sup>37</sup> Refinaria do Planalto, posteriormente chamada de Refinaria de Paulínia. Refinaria de petróleo que foi construída em 1969 e posta em funcionamento em 1972 na região metropolitana de Campinas. Mais informações estão disponíveis no endereço eletrônico: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Refinaria\\_de\\_Paul%C3%ADnia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Refinaria_de_Paul%C3%ADnia)

*terem que atravessar nessa avenida, que até morreu o aluno aqui. E o povo do Real Parque também tem primário lá, o Professor Roque<sup>38</sup>, mas para fazer o ginásio eles vêm tudo pra cá, pro Hilton ou pro Maria Alice ou pro Rezende tem também a escola Francisco Álvares, mas ela fica mais longe, na estrada da Rhodia.*

*Tinha muito aluno aqui. O bairro envelheceu muito, a gente comenta isso, que as crianças, filhas dos antigos moradores do bairro, cresceram, formaram família e saíram, ficaram só os pais. Como aconteceu comigo, meus filhos cresceram, casaram, apesar que eu tenho um que mora aqui ainda, mas vai mudar também, os filhos dele – se referindo ao seu marido - já não estudam aqui, estudam em Paulínia, porque minha nora mora lá, eles tão construindo em Paulínia e vão pra lá. Agora os velhinhos vão morrendo e vendem as casas entendeu... Tá começando uma nova geração. Mas o bairro envelheceu. Realmente não tem mesmo a mesma clientela.*

*Hoje mudou muito a escola, muito, muito. E é o que eu falei, isso é porque tem muita gente vindo de fora, que do bairro aqui não tem muita gente mesmo. É um ou outro que ficou morando com os pais, como era o meu caso que eu morava com a minha mãe, por isso que meus filhos estudavam aqui. Fora isso o pessoal já mudou. O noturno aqui ta com três salas. Que é supletivo, que já não tem quem faça supletivo também, porque você vê que quem faz supletivo é aquele aluno que não conseguiu acompanhar... ou... aquela pessoa que venha a*

---

<sup>38</sup> E.E. Prof. Roque Magalhães de Oliveira Barros que atende ao Ensino Fundamental I e está situada no bairro Real Parque ao sudoeste da Vila Santa Isabel.

*fazer um supletivo pra conseguir um diploma por causa da firma. Porque não tem mais clientela de gente que ficou atrasada como tinha antigamente não...*

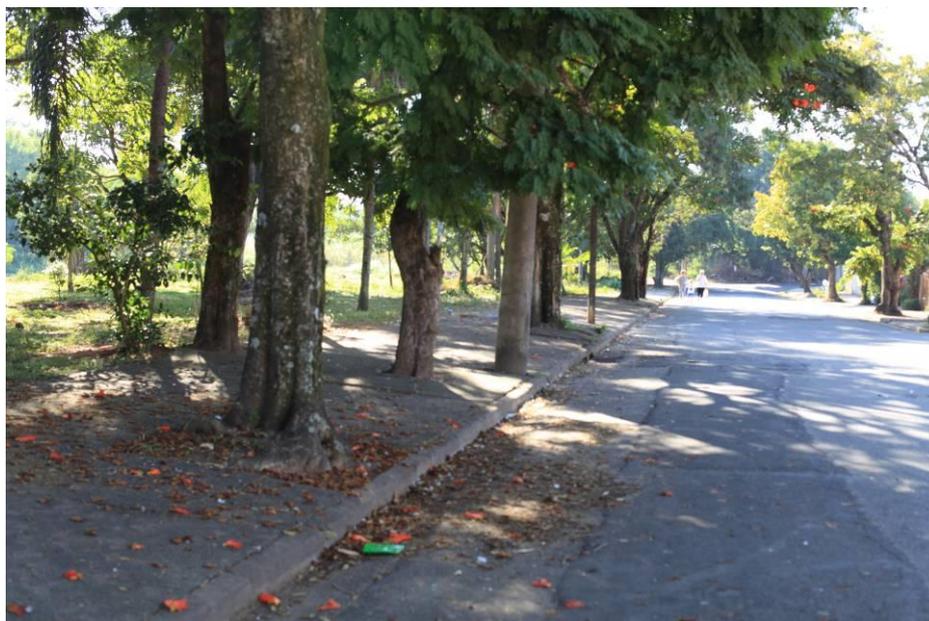
*Entre essas mudanças que foram acontecendo, tem muita coisa bacana. É lógico que a Unicamp trouxe um monte de benefício, sempre teve aqui na nossa escola, o pessoal que dá apoio, em esporte e música... teve uma época que tinham professores de música, até minha filha teve aula de flauta sabe... A gente sabe que na Unicamp tem alguns cursos que os alunos podem ir lá usufruir.*

*Campinas cresceu como um todo, né... Cresceu muito. Mas aqui em Barão o crescimento é a Unicamp mesmo que trouxe, lógico né... é uma cidade à parte. É muito legal a convivência com os alunos, eu acho que a cabeça do povo mudou muito. Porque, queira ou não queira tem muita influência a universidade, né... A gente tem amizade com algumas pessoas, professores tudo. Comércio aumentou muito né, barzinho nem se fala né...*

*É até engraçado, quando estou indo para o mercado aqui na esquina quando eu vejo o ônibus parar eu volto pra trás. Na hora que desce o ônibus da moradia ali eu desisto porque são muitos estudantes e as filas ficam grandes. O comércio se adaptou, tem bandejinha separadinha especialmente pros alunos mesmo. É legal, essa convivência é boa, mas se perdeu mesmo a característica da cidade, com certeza. Não que tenha só aspectos nocivos...*

*Mas ainda há coisas que precisavam ser feitas. Lá embaixo perto da fazenda tem aquele terreno que as pessoas fazem horta, planta, faz jardim, aquilo ali é uma briga antiga*

*do bairro porque quando foi loteado aqui, foi prometido que ia ser feito ali uma quadra de esportes, era pra urbanizar tudo aquela parte ali, era pra ter pista de fazer caminhada... Na subprefeitura tem projeto, eu já vi. Teve uma época que uns vereadores vieram pedir voto, teve uma reunião do bairro, e a gente reivindicou e ele prometeu fazer. Eu nunca fui de me meter muito nisso aí não, mas eu sempre achei muito interessante que tivesse mesmo um espaço de lazer aqui porque não tem. Tanto que acho que é por isso que eles pulam na quadra da escola, não tem outro espaço de lazer por aqui... Mas nunca saiu do papel porque é uma obra cara. No local tem o declínio e teria que ter galeria fluvial antes de construir porque qualquer coisa que fizer aqui a enxurrada arranca.*



**Figura 6 - Imagem da Rua Marcolina Mendes Leme, divisa entre a Vila Santa Isabel e a Fazenda Rio das Pedras, referida por Cibele. (Foto tirada em 27 de abril de 2013 por Viviana Echávez - acervo pessoal)**

### **3.2 Mauro**

A entrevista com Mauro foi realizada na manhã de 18 de março de 2011. Ao me convidar para entrar em sua casa pediu que eu não reparasse na bagunça me levando para uma área com uma mesa e cadeiras onde pudemos conversar.

*Eu sou de São Paulo capital. Sou caipira da capital – diz com tom irreverente. Vim pra Barão Geraldo em 1974, por aí... Setenta e quatro ou setenta e seis... sou ruim de datas. Vim porque o meu filho mais velho - na época eu só tinha ele - não se dava bem em São Paulo, tinha problema respiratório direto, vivia no hospital. Aí a gente veio passar as férias aqui e ele ficou super bem. Ai então, voltei pra São Paulo, porque tinha acabado minhas férias, pedi a conta e a minha mulher ficou aqui procurando emprego pra mim... Fiquei cumprindo aviso prévio e por sorte, ela conseguiu um contato. Então eu vim, fiz uma entrevista, fui aprovado e quando acabou o aviso prévio eu já vim embora direto pra cá, né... Com a cara e com a coragem. Ficamos morando aqui. Um tempo depois minha mãe e meu irmão acabaram vindo também.*

*A minha mãe veio de São Paulo, ela já era funcionária pública já, da área de educação em São Paulo. Aí ela veio pra cá, pediu transferência e foi pro Barão Geraldo de Rezende. Trabalhava lá, então construíram a escola Hilton Federici e ela pediu pra vir trabalhar nela. Ela começou a trabalhar no Hilton bem no início de seu funcionamento. É pena que ela não possa mais te dar entrevista, ela poderia te dizer muita coisa daí. Mas ela já está com oitenta e quatro anos, tem mal de Parkinson. Ela acabou se entregando, não aceitou muito isso e foi regredindo, regredindo... Hoje ela tá... tá bem ruinzinha mesmo. Quase não consegue sair da cama. Não tem a memória mais funcionando direito... Tá começando a ter*

*alucinações... Mas quando ela trabalhava no Hilton, nossa! Minha mãe amava aquilo... Amava... ela é viúva né... acho que ela tinha que ter uma... uma âncora... Ela tinha muitas amigas, as professoras todas são amigas dela, de vez em quando vem aí dar uma olhadinha nela. As professoras também já estão com bastante idade né...*

*Depois de minha mãe veio a Cibele, minha irmã. Eu fui o primeiro a chegar, mas a família toda adotou Barão Geraldo. Já faz trinta e num sei quantos anos aí... E valeu a pena, graças à Deus meus três filhos estão bem, o mais novo e do meio, nasceram aqui.*

*Na época que viemos morar em Barão isso aqui era uma vilinha do interior não tinha nada aqui, era uma beleza. Quase não tinha comércio, não tinha banco. Era mais sítio, chácaras... Não existia o Tapetão<sup>39</sup>, no local era uma estradinha sem vergonha que vinha de Campinas pra cá, de uma pista só, dupla, toda cheia de curva. O dia que chovia era uma loucura pra chegar aqui. Eu trabalhava na Coca-cola de Campinas, quando falava para as pessoas que morava em Barão Geraldo elas diziam: “Cê é louco morar em Barão Geraldo”. Mas eu me deliciava de morar aqui porque saí de São Paulo - que era uma loucura - então aqui era o paraíso pra mim...*

*O bairro Vila Santa Isabel era loteado a pouco tempo, não tinha nada, eram muitas ruas de terra, poucas construções, aqui - apontando em direção ao entorno frontal da casa –*

---

<sup>39</sup> Tapetão é o nome dado ao trecho da Rodovia Professor Zeferino Vaz (antiga rodovia General Milton Tavares de Souza), que liga Campinas a Barão Geraldo e também é conhecida como Rodovia Campinas-Paulínia. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rodovia\\_Professor\\_Zeferino\\_Vaz](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rodovia_Professor_Zeferino_Vaz), acessado em 03 de abril de 2013.

*se via um monte de terreno, eu via uma casinha lá... três rua pra frente... Era bem o comecinho do bairro mesmo. Não existia a escola Hilton Federicci, não existia a Igreja Sant'Ana, não tinha quase nada aqui. Alí onde hoje é a escola era uma praça, chamam de área comum do loteamento, área utilitária. A prefeitura, quando aprova um loteamento, ela só aprova se tiver na própria planta um espaço reservado para essa área útil. Eu não lembro exatamente a denominação, mas é uma área destinada mesmo a fazer igreja, escola. Tinha um playground gostozinho ali, acabaram destruindo tudo. Hoje acho que só tem uma balança. Tinha mais coisas ali, a gente vivia indo lá com as crianças pra brincar, o Hilton e a Igreja foram feitos depois.*

*Atualmente tenho uma oficininha de marcenaria. É bem artesanal, bem pequenininha. Fico o dia todo lá sozinho, não converso com ninguém... Depois que eu saí da área administrativa fiz um barracãozinho e aí eu vou quebrando um galho. Aprendi a marcenaria sozinho, sou autodidata. Antigamente fazia como hobby. Tinha feito na faculdade de administração, mas deixei a área, graças a Deus, porque eu tava ficando careca... já estabilizou, agora estou só semi careca.*

*Trabalho mais na linha de móveis. Faço armário embutido, cozinha planejada, nessa linha assim... O meu equipamento é pequeno né, não dá pra fazer aqui porta, janela, pra isso você tem que ter máquinas grandes. Se eu tivesse os vizinhos me expulsariam daqui, Porque eu tô numa área residencial. Então eu faço mais coisas assim, arte, faço bastante artesanato também. Faço trabalhos para o pessoal da arquitetura da UNICAMP, que eles têm que fazer uns trabalhos para o curso, maquete, fazer projetinho que eles bolam né...*

*Então as partes de marcenaria, eu tenho um conhecimento lá do pessoal, eles mandam tudo pra mim aqui. Às vezes nem vale a pena financeiramente fazer algum projetinho deles, mas eu me realizo né, então o dinheiro não compensa, mas tudo bem, a satisfação compensa...*

*Montei, há um tempo atrás, as instalações da loja Avis Rara lá no Shopping Galleria. Era uma loja de artesanato. Os proprietários são amigos, já eram antes da loja e são amigos até hoje, um casal muito legal.*

*Eu já fiz um pouco de tudo... Eu só não faço nota de sete reais por que a polícia vai descobrir que é falsa... Já fui fotógrafo... Eu era fotógrafo mesmo, fiz curso de fotografia, laboratório no SESC... esse curso deu diploma... Por isso o que mais tem dentro de casa é foto.*

*Não me recordo se houve pressão dos moradores para a construção do Hilton. E não teve nenhuma manifestação contra a construção da escola, que eu me lembre não... A construção da escola não demorou muito não. Foi... praticamente rápido.*

*Lembro mais da campanha que foi feita para fazer a igreja. Nessa época eu trabalhava na Coca-cola e quase não ficava aqui, praticamente só vinha pra casa à noite, então eu não participava de muita coisa aqui não. Mas já existia um plano de fazer a escola. Não sei se estava vinculado ao loteamento ou não, mas já tinha o plano de ali ser uma escola. E eu sei que foi no governo do Maluf, quando ele era governador, inclusive ele veio aí inaugurar. Eu vi o Maluf na inauguração, tinha muita gente, eu participei. A turma fez até piadinha. A piada falava que o Maluf estava aí brincando com as crianças, aí ele viu um*

*garotinho no canto chorando e então ele foi lá e disse “Meu filho por que é que você está chorando? Você não gostou da inauguração, do lanchinho que nós distribuimos pra vocês?” E a criança respondeu: “É por isso senhor...” E Maluf: “Que que aconteceu meu filho?” o garotinho respondeu “Malufaram meu lanche”. E essa piadinha rodou, viu!*

*O bairro teve associação de moradores e, se não me engano, acho que ainda tem. Chama-se Associação dos Moradores da Vila Santa Isabel, mas, eu não sei porque, a associação nunca funcionou.*

*Até teve uma época que uma moça, chamada Robêni, acabou sendo a presidente da associação dos moradores e, juntamente com seu marido, fez bastante coisa. Ela morava na rua 19, que é paralela com essa rua da minha casa, morava de frente com a casa da minha mãe. Pertencia, ou ainda pertence, ao PT (Partido dos Trabalhadores). Ela era uma supercidadã, participou do movimento revolucionário estudantil na época da ditadura, foi presa, apanhou do DOI CODI (Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna)<sup>40</sup>, lá ela conheceu o marido, um japonês chamado Alcides Mamizuca, que também era ativista. Ele era filiado do PT, como a Robêni, e foi - não me lembro ao certo o cargo - prefeito ou presidente da câmara aqui de Campinas. Também foi Secretário da Educação. Isso foi na época... deixa eu me lembrar... foi no governo do Jacó Bittar<sup>41</sup>. Atualmente eles são separados. Daí pra frente eu não sei detalhes porque eu detesto*

---

<sup>40</sup> Órgão brasileiro subordinado ao exército, no período da Ditadura Militar. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/DOI-CODI>, acessado em 27 de maio de 2013.

<sup>41</sup> Jacó Bittar, político brasileiro, foi prefeito da cidade de Campinas, eleito no ano de 1988.

*me meter na vida dos outros. Robêni é uma pessoa espetacular! Nossa... ela conseguiu bastante coisa pra gente aqui, mas que eu me lembre foram só aqueles quatro anos porque o mandato dela acabou.*

*Ela é professora. Até a última vez que nos encontramos, acho que já vai fazer mais de um ano, ela dava aula na escola do Guará<sup>42</sup>. De vez em quando eu vejo ela aí de carro, uma Brasília velha, de cima pra baixo. Não sei se ela continua dando aulas ou se já se aposentou. Ela mudou daí agora mora no Bairro Guará a gente quase não tem mais contato por causa do corre-corre, né....*

*A Vila Santa Isabel era uma fazenda, a fazenda Rio das Pedras. Ela vai daqui vai até a estrada da Rhodia, é enorme essa fazenda. Aliás, ela era muito maior, dizem que ela ia até Cosmópolis<sup>43</sup>, era imensa. E aí ela desmembrou. Foram vendendo partes, inclusive essa parte onde tem um corregozinho, que separa a fazenda do bairro. Ela termina formando uma lagoa lá embaixo, dentro da fazenda tem uma lagoa bem grande.*

*Aí então desmembraram a fazenda e acabou ficando umas fazendas menores, aqui era da família Leitão. Uma rua onde o ônibus entra aqui, chama-se Carlos Diniz Leitão, era o dono da fazenda.*

---

<sup>42</sup> Escola Municipal Dulce Bento, atende ao Ensino Fundamental, está situada no bairro Guará do distrito de Barão Geraldo.

<sup>43</sup> Município que fica a 37 km ao norte de Campinas.

*Agora mudou os donos da parte da fazenda que ainda resta. O antigo dono morreu, daí um tempo a mulher dele também morreu e acabou ficando com um sobrinho do Paraná... Rio Grande do Sul, eu não sei, que tem fazendas muito maiores de que essa o povo fala que ele nem liga pra isso aí. Os novos donos não permitem mais entrar, tem guarda armado e tudo. Outro dia uma moça que morava na casa de cima, uma alemã, saiu pra andar com o marido, que era professor da Unicamp, e resolveram entrar um pouquinho na fazenda. Foram expulsos a tiros de lá, ela ficou horrorizada, até fez queixa e Boletim de Ocorrência. No fim o marido dela faleceu e ela voltou pra Alemanha e não sei o que acabou dando a coisa. Acho que faz uns.... uns oito anos daí pra mais que fecharam assim dessa forma com seguranças. Mas meus filhos foram criados aí dentro dessa fazenda bagunçando.*

*Beirando essa fazenda, descendo a minha rua até o fim você pode vê-la, tem uma faixa que é área útil do bairro é uma área bem grande... Ali deveria ter alguma coisa, um playground, uma quadra, quadra de futebol de salão, alguma coisinha assim. Só que a prefeitura nunca fez nada, e os moradores acabaram não fazendo também então é uma área praticamente perdida – acrescenta com pesar - Uma área muito grande, muito boa...*

*Dizem que esse pedaço do bairro, onde moramos, era a senzala da fazenda e que os escravos que morriam eles enterravam nessa área aqui onde é a escola. Acho que isso é mais lenda do que verdade, porque o filho do Carlos Diniz Leitão, antigo dono dessas terras, era o Lito Leitão. A gente tinha amizade eu frequentava a casa dele, ele frequentava minha casa e nunca confirmou essa história pra mim. Talvez ele nem chegou a viver nessa época, talvez ele era moleque na época, não sei... Mas ele nunca confirmou isso.*

*Os meus filhos estudaram lá. Os três estudaram desde o começo. Fizeram o parquinho - a gente chamava a pré-escola de parquinho - lá no Agostinho Páttaro<sup>44</sup> e depois já vieram pra cá pro Hilton direto. O mais velho foi da primeira série até a oitava série que era direto. Depois desmembraram. Ele se formou aí. Os três se formaram até a oitava no Hilton. Só acho que os dois mais novos já foram do primeiro ao quarto e do quarto ao... não... o primeiro era do primeiro ao quarto depois era um outro curso da quinta à oitava. E agora é da primeira à oitava direto.*

*O ano que meu filho entrou no Hilton não foi o primeiro ano de funcionamento da escola não. Ele nasceu em setenta e quatro, entrou na escola com sete anos, então começou no Hilton em oitenta e dois. Mas eu acho que não foi o primeiro ano não, talvez tenha sido o segundo. Eu sou horrível de data... É que pra mim foi tudo ontem... Passa muito rápido. Ele fez até a oitava série lá e no ensino médio ele mudou, foi estudar lá no Barão Geraldo de Rezende, os três foram pra lá. Porque aqui, à noite na época, não tinha ensino médio. Na época não tinha aula à noite, era só de dia, agora é que tem.*

*As crianças nossa... adoravam essa escola... adoravam muito, era muito legal...*

*Naquela época a escola era bem diferente! Totalmente diferente. Tinha aquele murinho baixo que você vê aí, não tinha aquele monte de alambrado, de porta, era tudo aberto, era da comunidade. Era muito bom. E vivia tendo festa, jogos, era bem participativo mesmo. Hoje a escola cada vez se encolhe mais com medo da violência...*

---

<sup>44</sup> Escola Municipal de Educação Infantil Agostinho Páttaro, está localizada no centro do distrito de Barão Geraldo.

*Mas foi uma época muito gostosa viu... Toda a comunidade participava da escola. Era bem familiar, bem gostoso. As crianças se fantasiavam quando tinha carnaval, festa junina. Eu trabalhava com fotografia também na época – que eu não sei ficar parado. Hoje em dia não existe mais quase a profissão de fotógrafo, essas maquininhas digitais acabaram com a profissão, todo mundo tira foto né?... Aí eu que fotografava, devo até ter uma foto aí<sup>45</sup> ... Quando tinha festas, reuniões, essas coisas, era tudo de sábado e domingo, então eu participava e durante a semana eu não participava muito não... não conseguia participar, né?*

*Eu sei que eles faziam muita dança com as crianças, coisas folclóricas... Era muito legal a comunidade muito boa... Não tem uma festa que possa dizer que marcou mais, acho que todas eram legais. As festinhas de formatura eram onde hoje é a biblioteca, no fundo. Lá não era uma biblioteca, era um salão da escola. Os bailinhos de formatura eram feitos lá, as formaturas... Vinha atrações se apresentar ali, vinham corais, bandas, tocavam música... Nossa era muito legal isso aí. Parece que a biblioteca pega uma parte só do que era o salão, aí fizeram parede, dividiram e tem mais algumas outras coisas que eu não lembro o que é. Faz tempo que eu não vou lá. Mas toda aquela parte do fundo era um salão bem grande.*

*Lembro dos professores da escola... Nossa! Tem professora que a gente tem amizade até hoje. A Ana Maria, por exemplo, foi professora do meu filho. Tem uma que fala até pelos*

---

<sup>45</sup> Mauro foi contatado para disponibilizar as fotos, mas revelou que seus filhos as levaram ao mudarem-se.

*cotovelos, mas não me lembro o nome dela... A minha mulher é que saberia falar disso agora. Porque elas inclusive criaram um grupo de oração onde se encontram.*

*Na verdade a maioria era de professoras, professor, homem, quase não tinha nenhum. Tinha o professor Hélio, que era o diretor, que eu tinha mais amizade. Também era um sujeito muito legal, espetacular, a filha dele era a Valéria, que acabou se formando professora, foi professora, depois se tornou diretora aqui. Depois saiu daqui e foi para o Maria Alice, foi ser diretora no Maria Alice... A atual diretora também se chama Valéria, mas essa é outra pessoa.*

*O ensino era totalmente diferente do que é hoje. Tinha as reuniões de pais e mestres, os pais participavam, tinha associação de pais e mestres. A gente fazia reunião, procurava melhorias pra escola, questionava o ensino. Os pais propunham melhorias pra escola. Eu, putz... quantos trabalhos eu já não fiz nessa escola de voluntário. Como restaurar quadro, aqueles quadros de aviso que tem nas salas, os murais, concertar porta, concertar tomada... nossa, a gente fazia um monte de coisa. Hoje em dia parece que não tem tanta participação, hoje em dia é tudo abandonado, né?..*

*A atual diretora, Valéria, deu uma melhorada muito boa na escola. Eu não tenho muito contato com ela, não sei dizer com certeza, mas eu tenho impressão que ela é muito eficiente. Mas teve uns diretores atrás aí que a escola tava abandonada, totalmente abandonada. Tinha sala sem porta, com porta rachada... Que começou a ficar assim principalmente quando começou a ter aula de noite. Veio muita gente de fora e, de outros*

*bairros, e começou com vandalismo. Acho que por isso que começaram a colocar alambrado, a fechar.*

*E conforme meus filhos se formaram fomos perdendo um pouco esse contato, logo depois a minha mãe se aposentou, acho que ela ainda ficou um ou dois anos depois que meu último filho se formou. E aí a gente acabou perdendo o contato, e a vida também fica cada vez uma máquina de trabalhar, né?... A gente vai perdendo a vida social, antigamente a vida social era bem mais intensa...*

*As pessoas que frequentavam a escola eram dos bairros Santa Isabel, Jardim América, que é o bairro de cima, vinha o pessoal do Real Parque também, que fica do outro lado da estrada lá de Paulínia.*

*A Vila Independência não existia, digamos que a Vila Independência é relativamente nova. Onde é a Vila Independência hoje era uma chácara de abacate enorme, não tinha nada ali, só as plantações mesmo. E de escola só tinha o Hilton.*

*Depois, bem depois, é que foi feita a escola Maria Alice, logo depois foi construída a escola do Real Parque então o pessoal do Real Parque já não vinha tanto pra cá. Que também não existia a estrada de Paulínia, ou melhor, existia, mas era a continuação da estradinha que vinham do.... Era longe...*

*Mesmo assim as pessoas participavam. Tinha um, tinha um grande amigo nosso - eu não lembro mais o nome dele - era José alguma coisa, existe muito José né?... Nossa ele tinha uma família que participava ativamente aí... o cara tinha nove, dez filhos sei lá... era uma...*

*uma loucura. Um pessoal bem simples, mas muito legal. Eles participavam, vinham direto aí...*

*Aí, depois eles construíram a escola de lá e as pessoas foram se distanciando, né... Vai perdendo aquele contato. De vez em quando a gente se cruza aí, no mercado, na farmácia, sei lá, no banco. Mas o vínculo mesmo que tinha na escola acabamos perdendo.*

*Tem mais antigos pais de alunos que a gente mantém contato. Na casa da frente morava um casal que tinha um filho e uma filha que eram praticamente filhos da gente também, cresceram junto. Eles mudaram daí, mas de vez em quando a gente tem contato ainda. Tem aqui em cima, a dona Cida que é cabeleireira, as filhas dela também estudaram no Hilton. Ela é uma pessoa muito legal também. A dona Cida participou muito da construção da igreja, ela era catequista, foi catequista dos meus filhos, é uma pessoa muito legal também.*

*Bom, da igreja mesmo a gente nunca participou muito não. Participamos no começo quando a igreja cresceu é lógico a comunidade toda empenhada, a gente também participou e as crianças faziam catecismo. A gente tinha que encaminhar e tal, mas a gente nunca foi católico praticante assim. A gente é cristão praticante, a gente procura ser cristão em todos os sentidos... Tem umas coisas que a gente não aceita muito, né... Muitas vaidades humanas... essas coisas... A própria dona Cida foi uma das que mais fez pela igreja, pela comunidade, pra levantar, tudo. Ela e o marido, o marido dela também era catequista, os dois eram catequistas.*

*Mas a Dona Cida viveu tudo isso. E ela veio morar aqui antes de mim ainda. Quando eu vim morar aqui ela já morava. Tinha bastante gente aqui que era dessa época... aí começou a mania de fazer casinha pra estudante, ou alugar casa pra fazer república de estudante e muita gente se mudou. Hoje mora um monte de gente nova aqui.*

*Essa rua aqui, e a rua de trás, era uma loucura, porque a maioria das crianças estudava de manhã, como ela é uma descida virou a pista de carrinho de rolimã do bairro. Carrinho de rolimã descia direto aqui, era um inferno. Aí eles botavam uma corda da minha casa na casa da frente. Lá era a casa do Toquinho, o moleque que era amigo do meu filho. E então as crianças ficavam jogando vôlei com a corda. Era molecada berrando por causa do vôlei, mais pra baixo tinha aquela brincadeira de betis - aquela que bate na bolinha com um bastão -, aqui na frente jogavam vôlei, mais pra cima fazia um outro tipo de brincadeira... de pique, está-fica... um monte de brincadeira... e o povo descia de carrinho de rolimã atropelando todo mundo. Era uma loucura essa rua! Tinha criança que não acabava mais! Hoje em dia não tem um moleque nessa rua, a rua ficou triste.*

*Tem bastante história! Ah, essa pracinha aqui, agora deram uma reformada, aumentaram, antes passava o corrego ali... acho que não é o córrego do Ribeirão das Pedras, tem um outro nome, não lembro... O Ribeirão das Pedras vem por trás e entra na fazenda. É bem porcariazinha, mas e era a preocupação dos pais. Porque a molecadinha nadava. Inclusive um garoto que morava aqui na rua de baixo acabou morrendo afogado. Isso detonou com o bairro aqui, foi uma comoção violenta. Ele era da mesma idade do meu*

*filho mais velho. Meu filho o Toquinho e o Renato, que é esse garoto, viviam juntos. Era o “trio parada dura” aqui... Não se largavam de jeito nenhum...*

*O Toquinho hoje mora em São Paulo, a irmã dele, Viviane, ainda mora no Solar Campinas. Onde mora um dos meus filhos, são vizinhos. Ela também estudou no Hilton...*

*Hoje em dia os moradores da Vila são quase todos estudantes... ou pessoa que usa aqui de dormitório, que faz pós-graduação na Unicamp, ou coisa do tipo... mudou bastante... Dessa época acho que só sobramos a dona Cida e eu, só... O resto é tudo pessoal novo, pessoal que acabou alugando a casa e fez república...*

*Mas essa mudança dos estudantes é recente. Antigamente os estudantes da Unicamp moravam tudo no centro. Aí, não sei por que, de repente começou todo mundo vir morar em Barão. Bom, Barão também se desenvolveu, né... Na época Barão era uma cidadezinha do interior e os estudantes queriam agito.*

*Mas Barão começou a se modificar, começou a ter comércio. Veio o Banespa - antes não tinha banco nenhum -, depois de um tempo veio a Caixa Econômica e começou a vir tudo quanto é banco. Então começou a crescer o comércio, a abrir barzinho, restaurante, isso e aquilo... E Barão mudou totalmente a feição. Os estudantes começaram a se fixar aqui, estudantes da Unicamp. Aí virou essa febre de todo mundo querer ganhar dinheiro em cima disso, né... Inclusive eu fiz a minha casinha aí pra alugar.*

*Mas não é estudante que mora aqui. A gente teve experiência com estudante que não foi legal. Quer dizer, os primeiros foram legais, mas teve um que só arrumou confusão, era*

*viciado em droga, começou a fazer umas coisas aí que num tava legal e a gente pediu pra sair da casa. Saíram, ficaram devendo, mas tudo bem... Aí apareceu um casalzinho, os dois trabalham, vem aqui só pra dormir. Eles tão aí faz um tempinho, são gente boa.*

*Então, uma coisa que mudou, começou a mudar o bairro e também o Hilton foi isso né... Houve um aumento da violência em geral e os moradores mudaram com a vinda dos estudantes pra cá.*

*Uma vez teve uma confusão grande numa festa aí... eu não lembro direito se foi na festa da escola ou na festa da igreja que mataram um rapaz por causa de uma briga. Isso foi a gota d'água que faltava. Nunca mais teve nem as quermesses da igreja, que eram uma delícia. Quando tem é uma coisinha mais fechada, mais particular, vai só o pessoalzinho mesmo, não divulgam muito.*

*Quando tinha essas confusões vinha muita gente de fora. Acabou vindo um mau elemento que arrumou confusão e o rapaz acabou sendo assassinado. Isso já faz tempo, deve fazer doze, quinze anos atrás. Aí a violência foi aumentando. A partir dali foi cada vez mais diminuindo as festas.*

*Tinha aquela praça pra cima da moradia em frente ao supermercado<sup>46</sup>, a praça da caixa d'água. Aquela praça não tinha aquele monte de árvore. Vinha parquinho ali, parquinho de diversões, vinha circo, esses cirquinhos bem chulézinhos mesmo, sabe? Que é*

---

<sup>46</sup> Mauro se refere ao antigo Supermercado Barão que atualmente é o Supermercado Dia situado na Rua Julieta Leite de Barros, esquina com a Av. Santa Isabel.

*uma delícia, né... Nossa, era uma delícia aquilo lá! Mas depois que começou essa onda de violência, aí eu acho que foi a Associação de Moradores que tomou a iniciativa e plantou aquele monte de árvore ali que é pra não ter mais esses eventos aqui.*



**Figura 7 - Praça Teresa de Jesus Almeida Oliveira, conhecida pelos moradores como “Praça da Caixa D’água”.**

(Foto tirada em 27 de abril de 2013 por Viviana Echávez - acervo pessoal)

*Porque quando vinha parquinho vinha também o pessoal de outros bairros periféricos. Comentavam com outras pessoas e então começou a vir povo de outros bairros o que acabou deturpando totalmente o espírito de interiorzinho que era Barão Geraldo.*

*Não sou preconceituoso não. E não tenho nada contra as pessoas de classe baixa, no começo da minha vida já fui bem pobre, mais que sou hoje - por incrível que pareça -, já pastei, já morei em lugar ruim pra caramba, então sei como é e não tenho nada contra. Mas acho que o problema maior foi o tráfego, que tá se infiltrando em tudo quanto é lugar, e esse povo acaba se envolvendo por falta de experiência, por falta de oportunidades, sei lá... Quando tinha parquinho, circo, essas coisas, vinha esse monte de pessoas e só vinham pra fazer bagunça...*

*De uns tempos pra cá já era... A violência já tava atrapalhando o país inteiro, não é só aqui. Eu não sei como esse governo não toma providências pra acabar com essa história. É o bendito tráfego que tá acabando com tudo. Mas tem que continuar vivendo né?...*

### **3.3. Robêni**

Robêni me recebeu, no dia 11 de maio de 2011, na casa em que morou por muitos anos na Vila Santa Isabel e que atualmente é habitada por seu filho. Conversamos na varanda em frente a um quintal repleto de árvores.

*Meu nome é Robêni Batista da Costa, e me mudei pra cá, pra vila Santa Isabel, em 1973. Eu estava vindo de São Paulo, tinha ficado presa no Presídio Tiradentes durante três anos, por conta da ditadura militar e aí eu vim embora direto pra Campinas. Meu pai comprou um terreno onde construí a casa. Entrei na Unicamp e lá nós começamos a fazer um jornalzinho. Esse jornalzinho era do Instituto de Ciências Humanas, se chamava Miudinho. Depois se tornou um jornalzinho pra universidade toda, era de edição semanal, saía na segunda-feira. O grupinho de editores sentiu necessidade de ter um lugar pra se reunir, porque nós ainda éramos muito vigiados dentro da universidade.*

*Eu me lembro da primeira vez em que eu ouvi minha voz em um microfone... nós estávamos fazendo uma greve na Unicamp e aí a gente estava parando o restaurante universitário. Era lá em cima, não era ali embaixo onde é hoje. Tinha um mundo de gente e alguém precisava pegar o microfone, subir no banquinho e... chamar o pessoal para aderir ao movimento. Era uma greve que propunha não comer, como forma de reivindicação, sabe? Pra não comer, porque nós tínhamos descoberto várias falcatruas no sistema de compras da universidade... Milhões de reais! E então eu ouvi a minha voz... Nossa! É tão diferente! Tão diferente daquilo que você pensa que é... Levei um susto, me descoordenei toda.*

*A universidade não tinha qualquer autonomia, tinha muitos policiais infiltrados, sobretudo em cima de mim que estava saindo do presídio... Eles sabiam disso, nos controlavam. Aí nós, juntamente com esse grupinho - um estudante de medicina, dois de física, um de matemática, um de estatística, uma da faculdade de Educação, chamada Maria Evelina - ela é professora na Faculdade de Educação ainda hoje, é uma pessoa... Nossa!*

*Muito ativa... Incrível! - começamos esse jornalzinho. Esse jornal durou anos, tem coleções aí na universidade... Nós nos reunimos e então resolvemos fazer da minha casa a sede do jornalzinho Miudinho.*

*Meu pai tinha comprado o terreno pra mim, porque eu tinha me casado recentemente, também com um ex-presos político. Nós começamos a construir a casa sozinhos, meia água que se chama. Num dos dias em que a gente estava aqui às voltas com a construção, subindo o alicerce da casa, nós sozinhos fazendo a coisa, uma criança que morava na casa de trás - na época não tinha muro, não tinha nada - passou mal, passou muito mal, e a mulher começou a gritar “socorro, socorro!”. Nós corremos lá. Era um afogamento, a criança tinha engolido alguma coisa. O estudante Alex, do terceiro ano de medicina, que fazia parte do jornal Miudinho, deu o primeiro socorro pra criança. Ele a levou para o hospital com um caminhão que a gente tinha, um basculante, que era emprestado e usávamos para locomoção e para pegar as coisas da construção. Dessa forma conseguiu salvar a criança. Esse amigo, o Alex, morreu recentemente.*

*A partir desse fato, o pai da criança passou a vir aqui todos os dias. Ele veio no dia do afogamento nos agradecer, era o seu Alexandre, está vivo até hoje. Ele nos ajudou muito na construção, passava de manhã e falava assim: “olha, então hoje vocês vão fazer assim, assim...”. Ele era pedreiro, um bom pedreiro. A gente não podia pagar, mas ele vinha e nos orientava. Fez a gente desmanchar essas colunas um monte de vezes: “está errado, está torto, olha aqui, mexe aqui, mexe ali”.*

*Vimos morar aqui. Não era só a sede, era moradia. Não tinha janela, como a casa de todo mundo aqui do bairro. Esse aqui foi um bairro que foi construído assim: com suor e sangue. Foi assim... na raça mesmo. Começava com uma edícula, a maioria das casas tem uma edícula no fundo que é onde começou a construção. A minha casa não tem porque nós resolvemos construir de comprido, não lá no fundo, de comprido. Meia casa só. Aí mudamos pra cá sem janela, sem nada. Sem piso, sem reboque, só com telhado.*

*Logo em seguida começou um movimento, um zumzumzum, de que iam asfaltar aqui. Primeiro não tinha água, a água não descia pra cá. Então primeiro foi um movimento pela água. Porque na época que instalaram água aqui, que a Sanasa pôs água aqui, era um período eleitoral e o cidadão que era presidente da Sanasa, chamado Lauro Péricles Gonçalves, que está vivo até hoje - e talvez até continue estragando os bairros... - pra ganhar a eleição, distribuiu pra muitos bairros canos, aquele monte de canos, anunciando que viria água. Ele ganhou a eleição e, então, na administração dele veio a água. Mas os canos eram de uma dimensão, um diâmetro, muito reduzido, de modo que a água não chegava às casas. Por esse motivo poucas casas tinham água.*

*Isso foi no ano de 1973. Nós começamos a ir à Sanasa e brigar. Eu, uma mulher chamada dona Maria - que morreu recentemente -, a Cida do Orlando e o Mauro que já morava aqui na época. Nós conseguimos que eles trocassem o encanamento da rua, não o das casas, mas o da rua, e aí resolveu o problema da água. A água veio pra todo mundo, chegava pra todo mundo...*

*Depois em 1974, acho que 1974 ou 1975, começa a história do asfalto. Um vereador chamado Raful, Antônio Raful, fez uma reunião com os moradores pra asfaltar o bairro, que era um capinzal só. Tinha uma casa ou outra, não havia um arruamento. Tinha a ruazinha estreitinha, trilhos, a gente cortava caminho pra saída lá em cima, a gente não ia pelas ruas, ia pelos trilhos dentro dos terrenos vazios. Só o pedacinho da entrada do bairro, perto do posto de gasolina, já tinha asfalto. Era um pedaço antigo, esse bairro, o loteamento, é de 1956. Antônio Raful, então, veio com a proposta de asfalto. Nossa! Quando ele veio com a proposta era um absurdo, ninguém conseguia pagar. Um absurdo de caro! Nós fomos atrás de uma pavimentadora que fazia por menos da metade do preço. Fomos atrás porque a prefeitura tinha a prática de deixar que o vereador tomasse conta desse lance de asfaltar os bairros. O vereador ia ao bairro, contratava o asfalto e se houvesse setenta por cento de adesão dos moradores a prefeitura vinha e fazia o asfalto. Era a prefeitura que contratava a pavimentadora. Só que o preço era muito alto porque tinha que ficar na gavetinha do vereador... na gavetinha de não sei quem... na gavetinha de...*

*Por isso nós fomos e contratamos nós mesmos, depois de uma guerra inclusive entre moradores. Nesse nosso pedaço, da rua 19, aqui todo mundo ainda conhece essa rua como rua 19<sup>47</sup>. Daqui pra lá, na direção de Paulínia, era o pessoal mais aguerrido. Nos chamavam - o pessoal do lado de lá do bairro, sentido centro - de os pés de poeira, nós éramos os pés vermelhos, os pés de poeira. Algumas dessas pessoas queriam o asfalto a qualquer custo, mas*

---

<sup>47</sup> Atualmente a "Rua 19" chama-se Rua Abel José Bonomi, localizando-se a duas quadras a oeste da escola Hilton Federici. Embora com nova nomenclatura muitos dos antigos moradores da Vila Santa Isabel chamam as ruas pelos números que tinham anteriormente.

*a gente queria o asfalto também, mas não naquele custo. Depois, do debate - foi um embate quase físico - nós conseguimos o asfalto por um terço, pra pagar em 24 meses... por um terço! Fomos lá e contratamos diretamente com a pavimentadora, a prefeitura fez a documentação, tudo regularizado. Todo o bairro sem pavimentação foi asfaltado. Um asfalto bom, tanto que o asfalto do bairro é muito antigo e continua... mais ou menos...*

*Ali onde é a escola hoje também não tinha nada, era um descampado. Era um terreno doado pra igreja, que a prefeitura doou pra igreja e que nós tivemos que fazer uma luta enorme pra igreja devolver um pedaço pra podermos fazer a escola.*

*Essa relação Estado-Igreja é uma coisa muito antiga e é cruel porque deixa os moradores a mercê deles quererem devolver ou não. Eles devolveram. Em Barão também<sup>48</sup>, eles devolveram, tem um pedaço lá em Barão que eles fizeram uma troca e virou aquela praça bonita que tem lá.*

*A construção da escola vem num momento, eu acho que foi mais ou menos junto com um luta que nós fizemos também pra tirar o trânsito daqui da Avenida Santa Isabel. Os caminhões todos que iam pra Paulínia passavam por dentro de Barão Geraldo. Aí nós paramos o trânsito. Nossa, deu um “bafafá”, deu imprensa, deu TV e tal... porque nós fomos pra rua, onde era o Banespa, atualmente Santander. Foram as mães e seus filhos pra rua. Ali aquele pedacinho acho que chama Albino, Albino José de Oliveira... não lembro direito. Mas é na frente do Nono, o Bar do Nono. Então foi ali na frente. Lá não tinha duas pistas, era*

---

<sup>48</sup> Robêni aqui se refere ao centro do Distrito de Barão Geraldo.

*uma só, tanto sentido Estrada da Rhodia quanto Avenida Santa Isabel, a bifurcação veio depois. Bom, nós fomos pra lá, levamos as crianças, um bando de mulher, só mulher, o núcleo era o pessoal do bairro, sentamos no chão e ninguém passou, a polícia não tirou, ficamos um dia inteiro. Até que, no final da tarde, veio um representante do governo do Estado e fechou com a gente uma reunião. A estrada que liga Campinas a Paulínia (SP332) saiu no bojo dessa luta, dessa pequena luta. Era época brava ainda, em que o Maluf tinha sido nomeado governador.*

*E não tinha Rio Branco<sup>49</sup>... não tinha nada disso, não tinha nenhuma escola particular, só tinha as escolas estaduais Barão Geraldo de Rezende e José Pedro de Oliveira, lá em cima. Então tinha muita criança fora da escola. E a construção do Hilton veio em cima disso. Era uma escola muito boa, o pessoal que veio no começo era muito bom. Um pessoal muito bom.*

*Nessa época eu não era secretária da associação dos moradores da Vila Santa Isabel. Nessa época eu tinha uma participação num movimento de bairros em Campinas, chamado Assembleia do Povo<sup>50</sup>. E nesse movimento, congregava mais de cem bairros e favelas de Campinas. E a luta primeira foi por asfalto. Campinas era uma cidade realmente*

---

<sup>49</sup> Referência ao Colégio Rio Branco, escola particular que está em Barão Geraldo desde 1863. <http://www.riobranco.org.br/2/colégio>

<sup>50</sup> De acordo com Robêni, o asfalto foi iniciado por volta de 1979, fruto da reivindicação feita pelo movimento chamado ASSEMBLÉIA DO POVO, que se tratava da luta por habitação na cidade, que envolveu toda Campinas durante o governo de Chico Amaral e seu vice, Magalhães Teixeira. Há uma coleção de fotografias do referido movimento, doadas pela pesquisadora Doraci Alves Lopes, no acervo do Centro de Memória da Unicamp. Informações acerca do acervo disponível em: <http://www.unicamp.br/cmu/iconografia/col-map.html>, acessado em 19 de abril de 2013.

*sem infra-estrutura. E pra asfaltar tinha que por esgoto, tinha que por água em grande parte dos bairros que não tinham água, não chegava água. Mesmo nos bairros bons, era tudo água de poço. E então a luta era por asfalto, por moradia, pela construção de creches, que, aliás, nós nunca conseguimos trazer para a Santa Isabel. O argumento era bom: Não tinha demanda suficiente, o bairro muito pequeno.*

*No bojo da luta para a construção do Hilton nós também pedimos uma creche. Mas ela não veio. A creche veio pro Jardim Independência, que era mais razoável. Aquela creche lá em cima, atrás da moradia. Lá era um terreno particular, foi doado pela Jandira Pamplona de Oliveira, que foi dona da Fazenda Santa Genebra <sup>51</sup>.*

*Essa família, a Pamplona de Oliveira, tinha um monte de terrenos aqui, em torno daqui era tudo deles. A mata Santa Genebra, em si, não é da prefeitura. Eles fizeram um termo de doação de tal modo que a sombra da mata é do município, mas a área não. Se a prefeitura, porventura, queimar a mata pra ficar com a área, que são 225 hectares, ela volta imediatamente para o espólio da fazenda, Fazenda Santa Genebra. E aí tinha uma área grande dona Jandira doou para a construção de uma creche no Jardim Independência. Por isto saiu aquela creche lá, chamada Cristiano Osório.*

*Aqui saiu a Escola Hilton Federici e, tanto a creche como a escola, foram construídas mais ou menos na mesma época, mas eu não me lembro o ano....*

---

<sup>51</sup> A fazenda Santa Genebra, bem como a fazenda Rio das Pedras, compunha o território do distrito de Barão Geraldo, parte dela deu origem aos loteamentos Santa genebra I e II, A Vila Costa e Silva e Ceasa. Abordaremos mais a respeito da história de desenvolvimento de Barão Geraldo no capítulo II.

*Foi muito grande a conquista para o bairro a construção da escola, muito, foi muito, muito grande a conquista. Foi uma conquista realmente histórica, porque essa região cercada de fazendas, de sítios, e tal... não tinha nada. Betel<sup>52</sup> não tinha nada, Betel é aqui pertinho, em linha reta dá acho que uns dois quilômetros e não tinha nada. Foi uma grande festa. Então realmente foi uma grande conquista.*

*O Maluf veio inaugurar a escola, eu acho até que coincidiu, não tenho certeza, com a intervenção na Unicamp. O Maluf perpetrou uma intervenção na Unicamp, tirou os diretores e o reitor, tirou um monte de gente, eu estava na Unicamp nessa época...*

*O terreno da escola era todo doado e depois um acordo, houve um acordo e aí.... eu acho que o acordo foi o seguinte: eles fizeram essa troca, a igreja era dona do pedaço onde está a escola e o outro pedaço era do bairro. Era para área pública, pra algum equipamento, então eles realizaram essa troca. Ficou a parte maior pra escola e aquela parte menor, à esquerda de quem sobe, pra igreja.*

*Meus filhos não estudaram no Hilton. Na época da inauguração eles eram muito pequenos e foram estudar na Escola do Sítio<sup>53</sup> – existe até hoje -, eu consegui uma vaga, de graça, na época não tinha ensino fundamental, era só pré-escola. A gente trocava serviço pela vaga...*

---

<sup>52</sup> O distrito de Betel se localiza na região leste do município de Paulínia.

<sup>53</sup> Escola privada que existe desde 1976 no Distrito de Barão Geraldo.

*Mas a gente participou muito das festas no Hilton, das várias atividades pra arrecadar dinheiro pra fazer coisas, sabe, pra trazer benefícios pra escola... Tinha festas de fim de semana. Tinha festas juninas, eram grandes, maravilhosas! A participação da comunidade era imensa. A molecada saía pedindo prenda e todo mundo participava. Havia o leilão, havia a dança, eu mesma cheguei a dançar numa quadrilha uma vez. Embora não tivesse filhos lá a gente tinha uma participação muito forte. Não sei como é que está hoje. Eu mudei daqui em 2001. Meu filho veio morar pra cá e eu me mudei pro Village<sup>54</sup>.*

*A comunidade sempre participou muito, muito, muito... Essa escola foi muito especial, junto com a minha própria escola, que é a Escola Municipal Dulce Bento que fica no Guará, eu sou professora da rede municipal. Essas foram escolas com as quais eu tive assim uma atenção especial.*

*Eu fui subprefeita de Barão Geraldo, de 2001 a 2004, durante a gestão do PT. Havia uma integração muito forte entre a subprefeitura e a escola. Inclusive houve uma época em que teve um mal estar muito forte. Chegou à subprefeitura uma denúncia de que um professor, aqui do Hilton, professor chamado Roberto, professor de matemática, era daqui, foi menino junto com os meus e levou os alunos pra ajudar a cortar uns Ipês pra fazer estacionamento. Tinha 4 Ipês dentro da escola. Aí eu vim, conversei e fizemos um acerto. Veio a engenheira e propôs criar outra entrada pros carros, pros professores não deixarem os carros na rua, que é justo. Mas não precisava cortar as árvores. E mais ainda, como é que você já em plena campanha em defesa do meio ambiente, em defesa do verde etc. e tal, como*

---

<sup>54</sup> Village é um bairro de Barão Geraldo que fica a cerca de 11 km a nordeste da Vila Santa Isabel.

*é que você leva a criança pra fazer cortes dos Ipês pra eles morrerem em seguida você derrubar,... Não pode fazer isso. Ele ficou mal comigo, ficou muito bravo comigo, mas na época eles não derrubaram as árvores.*

*Atualmente colocam os carros num outro local. Abriram uma entrada para eles colocarem os carros. Depois veio o barracão, aquele galpão enorme, que fica fechado de fim de semana. A escola tinha um muro muito baixinho e a molecada pulava, entrava lá e jogava bola. E a escola era aberta para as assembleias dos moradores e todas as reuniões da associação de moradores. O presidente da associação, meio que vitalício, era o seu Benito. Seu Benito tem história pra contar, acho que chama Benito Ramires. O seu Benito pode ser encontrado no bar dos meninos, dos netos dele. Fica em uma esquina que tem um bar muito bem transado, o Ponto 1, perto da sapataria do Beirinha.*

*Ah... numa das assembleias da escola foi discutido o caso de uma invasão que ocorreu por volta de 1990 ou 1992, numa área aqui embaixo em um campo de futebol. Antigamente lá era um pátio de amarrar cavalo e tal, e ali começou uma invasão de moradores. Pessoal que morava num motelzinho que tinha ali - era pra ser motel, mas nós fizemos uma luta tão grande que o cara não conseguiu fazer motel. Então ele fez quartinhos que alugava.*

*E esse pessoal, que morava nos quartinhos, pulou pro lado de lá, atravessou a rua e, em uma área enorme da prefeitura, começou a fazer os barracos. Aí a população se mobilizou e, então, fomos pra dentro da escola pra fazer uma assembleia. Tinha uns duzentos*

*moradores, uma guerra... Porque tinha o pessoal a favor da invasão e o pessoal contra. A favor não eram os caras que estavam lá, porque eles nem foram à assembleia.*

*Nessa época o prefeito de Campinas era o Jacó Bittar e o vice-prefeito era o Toninho, que depois se tornou prefeito em 2001 e foi assassinado. Era uma administração petista. O Toninho veio à assembleia e fez uma proposta interessante, que inclusive depois cumpriu. A proposta era levar esse pessoal da invasão pra uma espécie de assentamento, uns lotes urbanizados que a prefeitura ia entregar para a população carente na cidade Singer. E, enquanto esse assentamento não ficava pronto, Toninho acertou com o proprietário desse antigo motel transformado em cômodos, que permitisse a permanência desses moradores por mais seis meses, até eles se transferirem lá pra cidade Singer em troca dos impostos atrasados que esse proprietário, um cara chamado Edson, tinha com a prefeitura. Era muito interessante, a prefeitura renunciava à cobrança de impostos, o proprietário deixava os caras voltarem pros cômodos, como realmente deixou, o bairro ficava igual, acabava a invasão.*

*Alguns moradores diziam o seguinte: “Bom, já que é pasto de cavalo mesmo, essa baixadona toda é pasto, serve para amarrar cavalo lá, por que não deixar o pessoal fazer casinha lá? Fazer suas casinhas lá?” Mas, o contra argumento dos que não queriam era o seguinte: “Minha casa vai se desvalorizar”. É esse o argumento, exatamente esse o argumento! Você não pode trazer pobre pra perto, porque pobre.... desvaloriza o imóvel. Um negócio tenebroso. E é ele que existe até hoje, existe esse argumento até hoje.*

*Então, depois da assembleia, na época eu era a secretária da associação, uma outra companheira, também da associação, me chamou dizendo: “Olha eu escutei um grupo aí*

*pegando dinheiro pra comprar gasolina pra queimar os... os caras essa noite". Eles iam se reunir às cinco horas pra comprar a gasolina. Iam sair do bar onde hoje é aquele depósito de água, na frente do Bar do Jair. Na época era o Bar do Gerude, e eles iam se juntar lá e iam queimar.*

*Nós saímos da assembleia e fomos avisar as pessoas da invasão: "olha, vocês fiquem espertos por causa disso, disso e disso". E aí tinha um tenente, que morava ali em cima no Jardim Independência, que era das nossas relações, o cara era do PT. Nós batemos lá, de noitão, ele ficou assustado e a mulher dele, falou: "Ó, vai acontecer isso, isso e isso, eles vão queimar o pessoal da invasão". Aí, cinco horas da manhã, estava uma tropa de choque lá, os caras impediram o incêndio.*

*Quando o pessoal saiu, essa construção, que era o tal do antigo motel, foi demolida. Assim que os moradores foram transferidos lá pra cidade Singer, então o acordo com a prefeitura era a demolição. Parece que hoje não tem nada lá... Esse tempo atrás eu passei lá na esquina, um local grande aqui em baixo, e não tinha nada. Não fizeram nada, está no chão ainda...*

*E essa é a história, uma história bonita do bairro. O movimento social está muito desmobilizado. A associação de bairro nunca mais conseguiu se reunir depois que nós saímos. Seu Benito saiu, eu saí, a Fátima foi pra cidade, e nunca mais conseguiu se reerguer. Meu filho tentou, junto com os filhos de outros, mas não conseguimos nada. Durante o orçamento participativo, também na administração do PT, o bairro participou das reuniões e tal, mas não tinha associação, não conseguimos remontar a associação. O bairro hoje está*

vivendo uma situação de extremo risco. Nisso a escola não participa... Esse risco está na cara, claro, límpido... Nós estamos muito perto de Paulínia, nós somos o último bairro de Campinas. Tem uma cidade no Rio de Janeiro chamada Macaé. Macaé hoje virou um dormitório da refinaria de petróleo, e então os caminhões tomaram Macaé. Os proprietários alugam os cômodos ou alugam o imóvel inteiro e ali é dormitório de motorista de caminhão. Aqui, a Vila Santa Isabel, embora mais lentamente, está se encaminhando para isso, sem exagero. Se você passar nas ruas, você vai ver caminhões tanques vazios estacionados. Quando o caminhão está cheio ele pega o destino, ele enche e pega o destino e vai embora fazer as entregas. Mas o caminhão tanque vazio é uma bomba, é uma bomba circulante. Ali formam gases e o perigo é muito maior do que com o caminhão cheio de combustível. O perigo do caminhão vazio, do tanque vazio é muito maior do que o outro. É uma bomba, e está aí... Não conseguimos fazer nada. Tentamos algumas coisas, eu como subprefeita, tentei junto a EMDEC<sup>55</sup> (Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas S/A), mas não tem lei que proíba o estacionamento desses caminhões. E eles estão por aí, em volta da escola. Pertinho da escola tem um cidadão que mantém o caminhão lá direto, direto, direto... Se um caminhão desse explode, a escola vai junto. O risco é grande.

Não existe mais associação de moradores. Nada, nada, nada. O que existe de organizado aqui é a igreja. O grupo de igrejas, a igreja católica, as outras igrejas e tal... Durante a administração petista o orçamento participativo conseguiu reunir muitas comunidades de Barão Geraldo, umas setenta, uns setenta bairros tinham participação nas

---

<sup>55</sup> <http://www.emdec.com.br/eficiente/sites/portalemdec/pt-br/home.php>

*assembleias. A Vila Santa Isabel era um desses bairros que iam, que tinha representante, que levava muita gente. Mas o bairro tinha poucas reivindicações. Tem água, tem asfalto, tem esgoto, tem energia elétrica, tem escola, não tem creche porque realmente não se justifica creche aqui.*

*Então, o que o pessoal pedia era uma revitalização daquela área ali em baixo, que é a partir da Sanas (Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento S/A)<sup>56</sup>, tem a rua 18<sup>57</sup> a rua 17<sup>58</sup>. Quando a rua 17 desemboca ali em baixo, na esquina, com a área da Sanasa, aquela pracinha toda já foi Sanasa. Tem um lago tal, que o pessoal pesca, então ali pra frente aquela nesga de terra é da Ferroban (Ferrovia Bandeirantes S.A), e quando a Ferroban comprou a malha ferroviária do Estado de São Paulo esses bens vieram juntos. Não tem “barriga me dói”, o pessoal do bairro diz “Ah é nosso...”, não é. É propriedade particular, é propriedade da Ferroban. O pessoal usa, eu acho que a Ferroban nem tem um levantamento do que eles têm. Porque ali passava uma estrada de ferro que vinha até Barão Geraldo e depois ia para a cidade. Era chamada Companhia Funilense.*

*Era por aqui, tinha uma estação. Uma estação linda, que foi apropriada, onde é o cartório hoje, a casa do dono do cartório<sup>59</sup>, era a estação. E aí a área da companhia*

---

<sup>56</sup> <http://www.sanasa.com.br/>

<sup>57</sup> Atual Rua Armando Sebastião Bonomi.

<sup>58</sup> Atual Rua Maria Bicego.

<sup>59</sup> Guido de Camargo Sobrinho

*Funilense, que era pública, propriedade do Estado, foi apropriada pelo dono do cartório e outras áreas do ramal ferroviário ficaram vazias.*

*Aqui na vila virou pracinha, mas isso aqui está um descampado, está abandonado e a população da Santa Isabel durante as assembleias do orçamento participativo, queria transformar isso numa espécie de parque com trilha para caminhada etc. e tal.*

*Havia até um projeto muito bonito de uma arquiteta do distrito chamada Tércia Pilomia. Essa arquiteta mora na Cidade Universitária, mas ela é muito ligada com a gente, com o pessoal daqui. Ela não saía daqui da Santa Isabel. E outro que também ajudou a agitar essa questão da praça, de virar parque, era chamado parque linear, porque era em volta de todo o bairro, era o Álvaro Tucunduva, o Tucum. Ele é o dono desse espaço cultural que tem na Vila Santa Isabel, é conhecido aqui como Tucum. Ele tem um espaço cultural e tem atividades todo sábado e todo domingo, atividade musical muito forte. Aliás, aqui na Vila Santa Isabel, tem quatro teatros! Você sabia disso? Então, tem o Semente, tem o Barracão, tem um outro e tem esse espaço cultural aí do Álvaro. São particulares, todos particulares. Tem um festival de teatro chamado Feverestival. Já está na sua décima edição, pra lá. É um festival de teatro amador que acontece todo mês de fevereiro, o mês inteirinho, aqui na Vila Santa Isabel...*

*Um outro movimento que a associação de moradores era a favor, e tinha muito morador contra, é a moradia estudantil. Porque tinha uma família que dizia que a moradia ia chamar só maconheiro e vagabundo: “A moradia estudantil, vai chamar pro bairro, pra aqui pro nosso bairro, vagabundo, maconheiro, e aqueles caras sujos que não vão gastar nada e*

*não sei o que...”. Gastar eu acho que não gasta mesmo. Mas não é assim, não é... Mas tinha gente também que dizia “Não..., que nada, não vai acontecer nada disso”. Então, aí tanto é que se fez a moradia...*



**Figura 8 - Portaria da Moradia Estudantil**

**(Foto tirada em 27 de abril de 2013 por Viviana Echávez - acervo pessoal)**

*Quando da invasão da moradia pela polícia, em 2001, havia muito morador da Vila Santa Isabel lá ajudando. No caso da polícia o comandante logo cedinho mandou me chamar, eu era subprefeita, e fui lá ver o que ele queria. Ele disse “Ó, eu vou ser obrigado a invadir a moradia, olha...” e me mostrou o documento. A Unicamp, a reitoria mandou invadir. Era pra tirar moradores, não sei se era um casal, eu não lembro mais, mas eram*

*dois negos que estavam lá, há muito tempo, tal e não sei o quê. E o tenente esperando minha posição. Eu falei “não, eu sou contra”, eu sofri a invasão no CRUSP (Conjunto Residencial da USP – Universidade de São Paulo), morava no CRUSP em São Paulo, na Cidade Universitária. Antes de ser presa eu era estudante da USP. Eu fazia Letras. Tanto é que eu vim pra cá e fiz Linguística, eu sou linguista.*

*Eu liguei pra algumas pessoas, liguei pro meu filho, pra Cida aqui em baixo, pro Álvaro e falei “Ó, os caras vão invadir agora”, vão invadir depois do almoço. Aí... conseguimos já mobilizar a imprensa, rádio e tal, e o pessoal veio pra cá e tinha muito morador, eu observei, eu fiquei o dia inteiro lá, mas eu observei que tinha muito morador, e não era só o meu filho e os amigos do meu filho daqui não. Tinha muita gente idosa e tal que foi pra lá para defender os estudantes da moradia.*

*E o reitor, nossa senhora, o reitor queria me matar, porque ele era meu amigo pessoal, o Hermano... Os pró-reitores eram a maioria do PT... então eles queriam me matar! Um deles de vez em quando encontra comigo e fala “É... não esqueci heim?! Não esqueci”. Mas, enfim, a Vila não deixou que ocorresse a invasão. A polícia nem chegou. Porque tinha tanta gente lá nos portões, tanta gente, não tinha como invadir.*

*Olha, a última vez que teve uma coisa grande assim, foi durante a administração petista. Por quê? Porque se fazia muita festa, muita atividade junto com o pessoal da Unicamp. A Unicamp dava apoio, a gente organizava e o pessoal vinha. Vinha cantar, vinha tocar, sabe... O pessoal da Unicamp era doido para fazer a festa do verde...*

*Onde é a Praça da Caixa D'água, era o único espaço grande onde vinha circo, vinha rodeio, muito rodeio - porque aqui tem um apelo rural, um pessoal de origem rural - o pessoal ia muito, ia muito ao circo, mas hoje o terreno está todo plantado. A gente era contra plantar ali. Porque, depois da administração petista essa administração do PDT (Partido Democrático Trabalhista) veio e plantou árvore, sem se preocupar em que aquele era o espaço livre. Agora não tem mais onde fazer essas atividades populares. Plantaram sem nenhum projeto.*

*Tinha pedido do Supermercado Barão<sup>60</sup>, esse que sobrou, eles tinham tido a iniciativa de plantar um monte de coisa em volta, um monte de mudas, sem nenhum projeto, você vai ver, as mudas que tem lá, árvores inadequadas, vão formar um negócio escuro à noite quando crescerem. O pessoal não se dá conta de que vai ficar escuro, uma mancha de escuridão. Eu adoro árvore, mas precisa ser planejado, olha para o meu quintal, isso aqui tudo fui eu e o meu marido que plantamos. Até outro dia uma menina falou assim: “Ah, você morava numa florestinha, não é?”. Quando ela era pequena vinha brincar com os meninos. Um dia, desses eu a encontrei, e ela perguntou “E aquela florestinha?”.*

*Eu tenho uma ligação forte com esse bairro, eu estou sempre aqui, meu apelido aqui é Belinha. Nós fizemos aqui, em 1984, o bloco das diretas. No carnaval, esse bairro foi para a avenida, nós saímos com o bloco das diretas. Fizemos um carnaval em Barão e depois*

---

<sup>60</sup> Supermercado Barão era de propriedade da Família Antoniol e inaugurado em 1975 a loja da Avenida Santa Isabel foi substituída pelo Supermercado Dia.

*fomos pra avenida, chamava o “Bloco das Diretas Já”. Também fizemos uma festa em Barão e saímos no bloco dos sujos. Tudo de amarelo, meio rasgado e tal, mas era um grupo do tempo antigo. Antigamente no carnaval, principalmente no carnaval de São Paulo, tinha os grupos assim chamados de sujos. Era um pessoal que saía batendo frigideira, sabe? Essa coisa... então era uma coisa descontraída e tal.*

*A ditadura militar acabou com os blocos dos sujos. Organizou o carnaval, acabou com isso, com essa coisa de sair pra rua, tudo meio já encharcado... Aí a Vila foi para o centro de Campinas e, depois que passaram as escolas de samba, tal, nós saímos atrás com o nosso bloco, o “Bloco das Diretas Já”. Inclusive, depois que passou o carnaval, nós chamamos um pessoal de uma escola de samba que veio se apresentar aqui na Vila. Muita gente, muita gente na rua, o bairro inteiro na rua! Foi lá naquela esquina do Supermercado Barão com aquelas pracinhas ali em baixo, em frente ao Bar Ponto 1. Eu me lembro de um detalhe. Um cara mais idoso passou a mão na bunda de uma das moças da escola de samba, era a escola de samba da Vila Costa e Silva e chamava “Estrela d’Alva”. Nós contratamos a escola de samba para vir se apresentar, a gente tinha fôlego. E ela veio e era o começo do uso do fio dental. A moça veio de fio dental, estava na dela, era bonita, um povo bonito sabe, um som bonito, estavam desfilando e tal, e o cara vai e passa a mão na bunda da moça! Nossa senhora! Pelo amor de Deus! Teve um tal de “deixa disso” , “não e tal”, e levaram o homem pra casa... depois de muito tempo a história fica engraçada, muda a dimensão, no dia ficou mal... A gente queria mandar prender o cara ...*

*Nessa época tudo a gente fazia na escola. Todas as reuniões a gente fazia na escola. Todas, todas, todas, todas.*

*Ocorreram muitas mudanças, mas a população inicial é basicamente a mesma em termos da composição social. Mas a gente observa uma pequena mudança. Depois que veio o asfalto os imóveis e os terrenos se valorizaram muito. Então muita gente se mudou daqui, pegou uma grana alta pelo seu imóvel, ou no terreno vazio, e se mudou pra mais longe. O asfalto é um benefício que afasta os mais pobres. Eles vão cada vez mais pra longe, mais para a periferia. Então mudou assim em torno de trinta por cento a composição do bairro. Mudou em função disso. Bom, o movimento de bairros é um movimento pelas conquistas, eu acho que é um movimento datado. Depois que se conquistou, não se consegue trazer mais a pessoa para participar de nada. De nada, nada, nada. Então esse é um bairro que tem tudo, daí não tem participação... Por exemplo na escola, as famílias continuam indo às reuniões dos seus filhos, mas a escola está bastante afastada da comunidade. E a comunidade não vê a escola como sua.*

*Nesses dias atrás houve um assalto na escola. Um menino chamado Odilon... cuja ex-mulher mora três casas abaixo da minha, uma menina maravilhosa, está separada dele, um menino de uma família também incrível, uma família boa, de posse, foi pego roubando os computadores da escola, faz uns 20 dias...*

*Foi a caseira quem chamou a polícia. A Cibele ouviu um barulho estranho e chamou a polícia. A polícia veio e pegou o cara. Um soldado foi lá e falou assim: “Ó, é um rapaz só. Nós já pegamos”. Ela foi lá, no camburão da polícia, viu o rapaz e disse: “Pô Odilon, pelo*

*amor de Deus, Odilon, você... não gente, vamos chamar a família dele, vamos conversar... o pai dele mora ali embaixo na esquina e tal...". Mas não teve jeito. Passaram lá, pegaram o documento e tal, ele ficou preso uns quinze dias. Ele acabou de sair, ele saiu na semana passada. Estava roubando computador da escola porque ele está usando crack. Isso todo mundo sabe, o que eu estou dizendo é o que todo mundo sabe. Que foi pra comprar droga... A*

*escola não é vista mais como um lugar importante socialmente, sabe. É um lugar onde se usa droga, onde...*

*Uma vez nós estávamos no meio da reunião de moradores, e a polícia chegou para pegar uns caras lá dentro da escola. Nós conversamos e tal, levamos os meninos para dentro do banheiro, conversamos, conversamos, conversamos. Aí a polícia foi embora, mas a polícia tinha a informação de que eles estavam usando droga lá dentro. Já na década de 80, fim da década de 80, usando droga. Então a escola perde o respeito. Você conversa com as pessoas e eles dizem "Não vou deixar a minha... meu filho..." a Cida, essa vizinha aqui está com a neta e diz "Ah, não vou deixar lá". Por quê? "Porque lá está perdido de droga". Não é só no Hilton, mas é a primeira coisa que as pessoas falam. "Não, lá não, nessa escola não!"; "É a pior".*

*As pessoas aqui do bairro consideram a escola assim. Isso é ruim, não é? Tem uma diretora agora tão tranquila, boa, uma pessoa muito ativa...*

*Eu fui professora no Guará, eu alfabetizava, eu nunca, nunca tive problemas porque eu sempre lidei com crianças entre seis e oito anos. A única vez que eu peguei uma turma de*

*quarto ano era uma turma considerada turma “perdida”, e como eu era considerada meio doida... doida assim, qualquer coisa eu estava na parada! Adorava novidades, eu trabalhava com uma pedagogia diferente da das minhas colegas, com a chamada Pedagogia Freinet. Daí então disseram: “Ah, dá pra ela essa turma...”.*

*Os diretores – salvo um ou outro que entendia melhor, que era mais aberto e tal - me suportavam. Porque eu não dava trabalho no sentido de disciplina, não faltava às aulas nem nada, mas a minha sala era bastante diferente. Nesse ano, aí me deram essa “turma perdida”. Tinha dois meninos que tinham tido, assim, uns quarenta boletins de ocorrência já com dez anos de idade. Eu tive sorte, naquele ano o governo do estado estava dando uma verba. A secretaria de cultura do estado estava dando uma verba pra Campinas pra montar um Boi, para a dança do Boi, e nós montamos um boi chamado “Boi do Guará”. Eu sempre fui apaixonada pela festa do Boi Falô<sup>61</sup>. Eu nunca conseguia trazer as crianças na festa e tal... Nesse ano nós recebemos o dinheiro pra fazer um Boi, fizemos um boi lindo, recebemos instrumentos. Nossa, nós viramos o mundo! Fomos pra longe, arrumamos uma parceria com o Lions, então o Lions dava ônibus e a gente ia dançar com esse Boi. Era o “Boi do Guará”, tinha uma música, tinha uma dança, tinha uma história por trás e tal, muito linda.*

*Esses dias atrás eu encontrei um menino que era “da pá virada” e estive nessa turma. Esse aluno está morando lá no meu bairro agora. Passei pra comprar uma verdurinha, ao lado de uma pequena pastelaria, onde o pessoal fica ali tomando cerveja e ouvi: “Professora! Professora!” olhei, reconheci: “Pô, é você... tudo bom Rafael? “Tudo*

---

<sup>61</sup> Festa original de Barão Geraldo, comemorada na sexta-feira santa, baseada na lenda do “Boi Falô”.

*bom e tal”. “E aí?” “Ah, moro aqui, casei, vou ter um filho e tal”. E ele me apresentou pra uma turma... brava... Ele me apresentou, ele falou assim: “Fui tão feliz com essa mulher...”. Não é que o Boi resolveu o problema dele não, mas naquele ano ele não roubou... quando ele chegou na turma ele tinha acabado de roubar um cavalo de raça aqui da fazenda. Ele tinha tido trinta e nove boletins de ocorrência. Um moleque. Passagem pela Casa Amarela<sup>62</sup> e tal. Hoje chamam FEBEM (Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor)<sup>63</sup> que pra nós era Casa Amarela.*

*Então ele me chamou “vem, vem cá, vamos comer um pastel”. Ai eu fui, sentei com ele, ele estava com mais dois, e falou assim: “Olha essa aqui foi minha professora, professora Robêni, viu!? Professora Robêni, essa está no altar, heim?!”. Dali a pouco ele falou de novo: “Essa está no altar, heim?!”. Ou seja, não mexe, não pode ir lá não, na casa dela, mexer com ela. Porque lá no Village de vez em quando tem isso... Tem uns roubinhos. Mas é isso aí... Eu ja sabia que ele tinha seqüestrado uma moça aqui, que estava saindo da Cooperativa Brasil<sup>64</sup>, ele e outro, cadeia, cadeia aqui, cadeia ali e tal...*

---

<sup>62</sup> Houve um serviço público chamado Projeto Casa Amarela, vinculado à Secretaria de Assistência Social de Campinas, que prestava assistência à criança e ao adolescente em situação de risco. Foi criado em 1993 e foi implantado até 2001, era caracterizado como programa sócio-educativo em meio aberto que tinha como objetivo atingir a faixa etária de 07 a 17 anos e 11 meses que se encontrasse em situação de risco social e pessoal, na rua, na mendicância, e/ou no mercado informal. Disponível em: <http://www.processoseducativos.ufscar.br/dissertacao01.pdf>, acessado em 02 de abril de 2013.

<sup>63</sup> Atualmente a FEBEM passou a se chamar Fundação CASA, nomenclatura aprovada em dezembro de 2006 para atender ao disposto no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e do SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo).

<sup>64</sup> A Cooperativa Brasil é um Centro de Cultura e Convívio situado no bairro Bosque de Barão a sudoeste da Vila santa Isabel no qual se desenvolvem aulas de forró e maracatu além de eventos noturnos.

*Aqui no Hilton eu tenho um pouco de contato com a diretora, eu conheci uma moça que trabalhou há muitos anos, acho que se aposentou já... E a diretora atual trabalhava junto comigo no Guará. Ela era professora no Guará.*

*Ela, lá no Guará, é uma boa professora, professora de Ciências. No Guará a única reclamação que havia dela é que ela tinha uma jornada de trabalho incompatível com um ser humano. Não sei se ela falou... Incompatível porque ela tinha sessenta e quatro, não sei quantas horas lá, todas as horas possíveis e imagináveis na rede municipal e mais a jornada como diretora de escola do governo do Estado.*

*Essa era uma coisa que a gente sempre conversou com ela. Tanto é que o curso que eu fiz, Novas Tecnologias na Educação, lá na Unicamp, com o professor Sérgio Amaral, ela começou super animada e depois largou, acho que depois de uma meia dúzia de aulas, não conseguia, não é... Ela começou a faltar num dia em que o Hilton fez uma festa pra comemorar os cem anos da imigração japonesa. A escola fez essa festa. E aí a escola convidou, pra fazer suquiaqui, não era suchi, era suquiaqui pra comunidade.*

### **3.4. Cida**

Dona Cida me recebeu em seu salão de cabeleireira que é na frente de sua casa na tarde do dia 31 de maio de 2011.

*Ultimamente eu não tenho tanto contato com a escola porque as minhas filhas cresceram, já se formaram e tudo. Os netos que vieram, os mais velhos moravam em Americana<sup>65</sup> e estudavam lá. A minha neta, que nós criamos, estudou ali no Maria Alice e depois entrou ali no Objetivo<sup>66</sup> e esse ano ela está no Rezende. Então ela ainda não estudou aqui no Hilton. Então, o que eu souber você pode perguntar...*

*Nós, meu marido e eu, somos mineiros de Romaria, Minas Gerais, né... Nós casamos e viemos passar uma temporada aqui, a intenção era passar uma temporada, mas acabamos ficando, compramos terreno, tivemos as nossas três filhas, Adriana, Alessandra e a Luciana e continuamos aqui. As meninas se adaptaram muito bem com a cidade e com o estudo, com tudo. E cresceram, se formaram e todas aqui. E estamos até hoje. Então, são 43 anos. Eu cheguei em 1968.*

*Olha, assim que nós chegamos nós fomos morar primeiramente na Vila Marieta<sup>67</sup>. E lá nós ficamos... moramos sete anos, morávamos de aluguel. Aí foi quando surgiram esses terrenos aqui do Barão Geraldo pra venda. E o meu marido veio ver, gostou do terreno e comprou. Inclusive na época eu fiquei muito brava porque, eu falava “É muito longe, não tem nada naquele bairro!”, era puro mato... (risos). Eu falava “Aqui nunca vai ser cidade”. Mas meu Deus! Muito pelo contrário. Nós compramos, começamos a construção com o pouco*

---

<sup>65</sup> Município que fica a aproximadamente 40 km de Campinas.

<sup>66</sup> Colégio privado situado no Bairro Arruamento Fain José Feres de Barão Geraldo ao lado e a noroeste da Vila Santa Isabel.

<sup>67</sup> Vila Marieta é um bairro da região sul da cidade de Campinas.

*dinheiro que tínhamos, sempre fazendo financiamento. E, daí então, um dia apareceu um rapaz, que... veio assim perguntar se os moradores - os poucos moradores -, aceitavam que passasse o asfalto na Vila, né... E, então, eu até dei risad, porque eu falei “não tem porque você passar o asfalto, porque não tem morador nenhum, não tem ninguém...” (risos). Mas ele falou: “Não, é uma valorização, como veio a iluminação vem o asfalto, e vai valorizar os terrenos de vocês. E a senhora está muito enganada, aqui vai ser cidade muito antes do que a senhora pensa”.*

*E foi verdade! Nós construímos a casa, assim pela metade, mudamos... Eles já passaram o asfalto. Paramos a construção, fomos pagar esse asfalto, logo em seguida já foi aquele... aquele crescimento total na Unicamp, que crescia a todo vapor, né... E já começaram as primeiras classes com alunos, daqui a pouco já foi a primeira formatura da Unicamp, dos alunos da Unicamp. E assim foi... E hoje o Barão Geraldo tem tudo de uma cidade grande, tudo que uma cidade grande precisa tem aqui...*

*Nós viemos pra cá em 1972, isso...*

*É... nós não tínhamos escola, nós não tínhamos ônibus, sabe... nós não tínhamos nada. Então era essa pista para Paulínia que era todo o movimento Paulínia cidade né... E era lá em frente a Coral Tintas<sup>68</sup> era o ponto final do nosso ônibus, lá perto do Tilli Center<sup>69</sup>.*

---

<sup>68</sup> Casa de material de construção localizada na Rua Manuel Antunes Novo paralela à Avenida Santa Isabel, no número 1521.

<sup>69</sup> Pequeno shopping Center que está localizado na Rua Manuel Antunes Novo, próximo ao número 1754.

*É, então nós íamos, muitas vezes com crianças com febre, com criança doente, alguma mãe que passava mal e alguém tinha um carro e levava ou então nós íamos a pé, íamos de ônibus até lá, né... E... e... então era muito difícil aquela época com todo aquele movimento na pista nós vimos assim... muita gente ser atropelada... E então foi quando a gente descobriu que nós tínhamos direito a três praças aqui no Barão Geraldo. Que seria onde é construído o Hilton Federici hoje, nos fundos dele ainda tem uma praça, né... A praça da moradia dos estudantes e a praça, a praça da caixa d'água, né... Que eu não sei o nome daquela praça<sup>70</sup>. É caixa d'água é o... ponto de referência, acho que da Vila inteira, né...*

*Então, nessa época nós não tínhamos igreja. O seu Francisco<sup>71</sup> começou lá na Nossa Senhora de Fátima com um salãozinho assim 3m por 4m... mais ou menos do tamanho aqui desse salão, né... E nós íamos pra lá. Então vinha padre uma vez por mês, né... Daí, então fomos pro Barão Geraldo, fomos pedir mais vezes e aí ele passou a vir cada quinze dias. E durante a semana a gente se reunia lá ou nas poucas casas que tinham... E nós orávamos o terço, fazíamos via sacra. Mês de maio... Tinha Coroação<sup>72</sup> que eu AMO fazer!!! O Mauro inclusive fez muita fotografia pra mim. E daí então pedimos, aí foi doado pra gente*

---

<sup>70</sup> Dona Cida se refere à Praça Teresa de Jesus Almeida Oliveira – conhecida popularmente como “Praça da Caixa D’água”.

<sup>71</sup> Senhor que ajudou na construção e consolidação da igreja católica nas comunidades dos bairros próximos à Vila Santa Isabel.

<sup>72</sup> Na Igreja Católica, em maio celebra-se o mês de Maria, “Mãe de Jesus e da Igreja”. E especificamente de Maria Auxiliadora, Mãe da Igreja, de Fátima, Medianeira, Mãe do Redentor, do Sagrado Coração, da Boa Nova, Maria Serva do Senhor e Maria Estrela da Manhã. Geralmente organizasse uma encenação da passagem bíblica da Coroação de Maria no céu, ou a representação da coroação de uma imagem que é ensaiada e organizada por cada comunidade.

*esse lote que hoje é construído hoje a igreja de Santana. Então fomos com esse salão, começamos a catequese e esses alunos da catequese eram atendidos na escola Hilton Federici como eu te disse né... E aí eu não me lembro mais o nome da diretora na época, era um nome pequeno... Sei lá, um nome pequeno... E aquela diretora nos atendeu muito bem... Eu tinha, assim, nas minhas mãos, as chaves da escola, sabe? Toda sexta-feira eu ia lá, já pegava as chaves, porque no sábado e no domingo nós trabalhávamos com as crianças né... E conseguimos, assim, formar quatorze classes...*

*Nós tínhamos um grupo muito bom de catequese... E o meu marido, e o seu José, o seu Sebastião, alguns pais das crianças que a gente pedia, ficavam cuidando do grupo todo pra não entrar, pra não vir ninguém pra dentro da escola, né... E num acontecer... não ter nada errado, né... Então, a igreja e o grupo escolar foram construídos quase que na mesma época, né... O grupo escolar terminou antes e a igreja depois. Daí então nós tínhamos pra... tinham prometido pra nós - os políticos da época - aquela praça grande, onde hoje é a moradia dos estudantes, que seria um parque infantil, sabe? Seria um parque que daria pra fazer bem grande, com muita planta, com muitas flores... E nós ficamos muito entusiasmados com aquilo... Mas depois... reuniram um... um grupo de pessoas que eram... é... essa coisa de base das vilas, como se fala? Grupo... Associação dos Moradores de Bairro.*

*Associação de Moradores, exatamente... E poucas pessoas então tomaram esta decisão sabe, junto com alguém da Unicamp, né... Então, logo ali seria a moradia para os estudantes, mas eles iam fazer essa outra praça, que é da caixa d'água um parque infantil pras crianças, que não saiu até hoje. Vários políticos entraram e saíram, entraram e saíram...*

*nós não recebemos nada até hoje, né... E não fiquei contra os estudantes, porque eu sou muito a favor dos jovens, eu... sabe, como eu gostaria de lutar um pouco mais por eles... Gosto muito do pessoal que mora aqui... É gente boa, que vem de longe, que luta, luta e sai semeando tudo o que aprendeu em Campinas, né... Isso pra mim, principalmente - Morou na Moradia do Barão Geraldo, né... É coisa a nível acho que mundial, eu digo. Fico pensando, são tantos os alunos de outros países que vêm, né... Estudar aqui... E eu fico muito feliz com isso.*

*Só que as nossas crianças e os nossos jovens até hoje não têm diversão. Então eu me preocupo muito, porque vejo, assim, crescer cada vez mais esse lado: Bares, restaurantes, botecos, e vai né... A avenida inteira só tem esse lado, cada vez mais a gente vê meninas e meninos começando a fumar, beber cerveja muito cedo... Eu preocupo muito com isso... muito com isso...*

*E... faço assim tudo pra passar para os nossos filhos, e agora pros netos, pra tomarem cuidado, “tomem cuidado...”, mas é Deus que cuida... É Deus que olha...*

*Olha, quanto ao terreno da escola... essa lenda do cemitério de escravos é muita gente antiga que comentava, né... Eles diziam realmente, como você está dizendo, que era um cemitério... E que aquele terreno mais tarde era pra ser doado para a igreja. Por isso é que nós tínhamos esperança também de que ali seria um parque infantil, que seria alguma coisa assim, uma distração para os adultos, para os jovens, pras crianças, né... Mas não foi. Aí então, quando falaram que seria a... uma escola, nossa! Foi um presente que caiu do céu porque nós não tínhamos, né... Nossas crianças iam estudar no. Barão Geraldo de Rezende,*

ou então lá na frente... como é que chama aquele lá... É próximo ao terminal... É já que me lembro e falo. E... Daí então, foi construída essa escola muito mais rápido do que a gente pensou, né... E foi muito boa!... Muito... muito boa mesmo na época para os nossos filhos, para as crianças que a gente cuidava... E começou a ir junto também da igreja o Pró-menor (Sociedade Pró-menor Barão Geraldo), acho que você sabe disso, né... E já foram trazendo crianças que as mães não podiam cuidar, pais separados, crianças abandonadas, e todas eram atendidas aí, né... O Pró-menor, olha... Ele saiu assim... foi criado um pouco mais tarde, bem depois do que a escola e bem depois da igreja também, né... Então, é através da igreja do Jardim América, Nossa Senhora de Fátima, é que idealizaram esse Pró-menor, e daí então a diretora, desde o início, foi... era a Dona Cida, a mãezona... que todo mundo conhece. Ela é uma senhora de idade, mas muito sábia, muito inteligente, tem um coração muito grande. Se for possível, marque uma entrevista com ela, você vai gostar<sup>73</sup>... Você vai gostar! E daí então, surgiu esse Pró-menor lá, né... Teve na época uma ajuda, um apoio de dois, três vereadores que eram daqui na época. Continua até hoje. Esse lugar existe, pra alegria de muitos pais hoje e mesmo das crianças... É do lado da Igreja do Jardim América<sup>74</sup>, na Vila de cima... Nós atendíamos aqui e depois então é que eram levados pra lá, né... E aqui a igreja nós fizemos assim, nós usamos muito... Era um lar... Nós tínhamos assim pessoas que passavam aulas de como aproveitar bem legumes, verduras e frutas... Já tivemos uma irmã que veio que falou muito, ensinou muito sobre a soja, né?... Além dos vários alimentos que

---

<sup>73</sup> Não chegamos a entrar em contato com a pessoa indicada.

<sup>74</sup> Cida se refere à Comunidade Nossa Senhora de Fátima que tem como Matriz a igreja de Frei Galvão –localizada à Avenida Angelino Gregório, no bairro Jardim América.

*podemos fazer, transformar da soja... Tínhamos também aulas de bordado, crochê, tricô, costura, sabe... Um pouquinho de tudo, né?...*

*Tudo ali na Igreja. E hoje essa aula, esse artesanato está lá na Independência<sup>75</sup>, lá na Nossa Senhora de Fátima, mesmo porque aqui construíram, no espaço que a gente usava, um salão de festas. E a sala que a gente usava acabou ficando muito pequena... passando este artesanato lá pra cima.*

*Bom, agora falando do Hilton, a minha filha Adriana entrou nessa escola no segundo ano de funcionamento, sabe. Então ela fez lá primeiro, o parque infantil no Barão Geraldo, a Agostinho Páttaro, e depois então ela veio e entrou aqui na... fez o primeiro ano naquela escola lá em cima que eu esqueci de te falar o nome. E aí, no segundo ano ela já veio pra cá. E as outras duas entraram, a Luciana fez o primeiro lá e o segundo aqui no Hilton e a Alessandra desde o primeiro aqui... Sabe... Então era uma relação assim muito boa entre professores e alunos, sabe. Era uma escola aberta e que tinha muita reunião e que tinha esses ensinamentos porque mesmo depois que nós paramos com a catequese na escola, é... Foi pedido, foi entregue então, nós entregamos então as chaves, e daí então continuou tendo uma aula de religião sabe... que funcionava, que era dada assim... como se fala? Quando você não se aprofunda só na religião única, Católica Apostólica Romana... Ecumênica!*

---

<sup>75</sup> A Vila Independência é um bairro de Barão Geraldo situado a oeste da Vila Santa Isabel.

*E... essas aulas eram muito boas e que hoje eu sei que não tem, não tem. E... então os professores eram assim bem mais abertos, muito amigos, estavam sempre junto... entre os alunos. Até fiquei muito triste quando, agora no final do ano, eu visitei a escola e estranhei quando entrei assim, naquele corredor, e tem uma grade separando o que eu acho que é a diretoria e a sala dos professores do restante do colégio, né... Então isso é um sinônimo de medo. Não é?*

*Então, como a minha casa, graças a Deus, é muito aberta (risos)... E graças a Deus a gente nunca sofreu dano nenhum, nunca fomos assaltados, nunca passamos por nada disso. Então eu acho que uma escola não é pra ser assim. Então, é... o que mais me assustou, sabe, eu achei assim uma coisa triste, o aluno vai ali conversar, ele precisa de um material, ele precisa de um atendimento. Ele tem que marcar horário, ele tem que ver se pode ou não entrar na sala dos professores, na diretoria... Antes era tudo aberto. Bastante professores juntos, merendeiros juntos, tinha uns... dois ou três fiscais de classes, né... Mas era tudo aberto. Agora, se estão com tanto receio, por que não aumentar os muros? Por que não colocar uma pequena grade ou um pouco mais de muro? Porque ali nessa escola é mais fácil pular de fora pra dentro do que de dentro pra fora... Então, e o dia que fui também, estava, assim, bem pixada por fora a escola até eu... é... fomos conversar com o senhor que nos atendeu e ele disse que ninguém segura esse povo que pixa a escola... Que ninguém segura... Eu descordo desse lado da escola.*

*E ultimamente, até alguns anos aí atrás, era uma escola exemplo, muito boa! Ainda hoje funciona num horário longo... e tudo né... Mas sempre ouço falar que faltam muitos*

*professores, que atrasam matérias... e tudo. Então eu não posso assim te dar uma entrevista garantindo esse lado, porque eu te disse né... Eu não tenho tido mais a convivência que eu tinha com a escola, hoje de quando as minhas filhas estudavam.*

*Eu não culpo os professores pela pixação, nem a direção da escola. Apesar que eu sempre fui muito rígida nessa coisa de direção, eu acho que com uma direção boa, a escola tem que funcionar, né... Mas eu não culpo os professores. Eu acho assim que há falta... há necessidade muito grande de uma participação maior dos pais nesta escola, né... É uma necessidade grande, pelo amor de Deus, é um prédio nosso... e tudo. Então eu acho que não só quem tem filhos, mas as avós, os tios sei lá quem... Vamos povão, vamos ajudar a escola, vamos participar. Vê como estão nossas crianças... Então essa participação é necessária.*

*Antigamente tinha mais participação, muito mais! Nós tínhamos bastante reuniões, festas, as festas eram muito participadas, muito boas...*

*Acho que a participação diminui. Olha, muitas vezes eu estou conversando aqui e eu... culpo os pais, o pessoal que veio lá da nossa época... sabe? Ou logo após. Porque de repente, é... não sei, é uma ambição tão grande... é uma coisa assim sem medida essa ambição. O pai tem que trabalhar, a mãe tem que trabalhar, querem cada vez mais, né... Parece que a própria sociedade cobra isso, né... E as crianças estão muito abandonadas. Eu acho que as crianças estão assim, passando da hora de ter uma atenção maior. É como eu estou te dizendo, não só dos pais, mas das avós, dos avós, dos tios, de quem for possível, né... E acho que, se esta direção, algum dia fizer esse pedido, esse anúncio, eu acredito muito*

*ainda no povo, na força do povo... eu acho que eles vão ter essa ajuda que eles precisam, né...*

*Olha, eu sou assim, eu sou uma pessoa que fala muito... isso é engraçado... é defeito de cabeleireira, de manicure né... Se calar a boca tá doente... Se o cliente não fala, ah eu vou dar um jeitinho , eu vou perguntar, eu vou dar um jeitinho de falar, sabe... Então os jovens que... vai fazer um cabelo e num sei o que, eu estou sempre perguntando o que está fazendo, onde está e pergunto. “ah parou de estudar? Por que parou? ”, “ não é momento não...” , e eu ouço muito... muitas pessoas... Olha, eu trabalho nessa profissão tá indo acho que pra... você vê, desde 79... Trinta e três anos! Sempre aqui.*

*Sempre funcionou assim, quando eu conseguia manicure, eu tinha manicures assim que ficavam comigo quatro, teve uma que ficou comigo quatro anos e meio. Dois, três anos, um tempo longo, mas a gente trabalhava assim auxiliando num todo, sabe? A gente dividia o trabalho... então eu sempre fiz assim... Muito cabelo e... pra mim não importava fazer a unha também, dá um apoio a ela não há problema né... Mas, ultimamente está assim... É... eu estou de idade né... Então fiquei cansadinha... Meu salão você pode ver que tá meio que abandonado, é porque eu estou parando. Já fechei na prefeitura e tudo né... Já trabalhei muito... agora eu paro e... vamos ver o que eu vou fazer, parar de tudo eu não paro não... Faço crochê, faço tricô, pinto guardanapos... parar de tudo não paro... Não consigo né...*

*Meu marido, o Benjamim está aposentado, ele... desde que veio, viemos pra Campinas, ele entrou pra trabalhar na época era CCTC (Companhia Campineira de*

*Transportes Coletivos)*<sup>76</sup>, a companhia de ônibus né... ele era conferente... Aí ele ficou vários anos, depois saiu da CCTC foi para a Robert Bosh e lá ficou até quando aposentou. Ele já está há uns quinze anos aposentado e não voltou mais, assim, a trabalhar, fazer outros... Pra fora não, fica mais aí em casa, concerta tudo o que tá estragado né... Tudo o que quebra... Então... É uma boa companhia e ajuda muito!

*Ah sim... Teve um ano que a gente fez... foi feito na escola assim a festa junina neh, e... as minhas três filhas participaram... Foi feito junto, ou... seja... logo a seguir, essa festa junina foi muito participada, muito boa, sabe, bem bastante rendosa pra escola tudo e... depois então foi feito também uma festa da primavera... que foi assim, maravilhosa, onde a maioria das mães participaram e... as crianças e professores e tudo, então tinha umas festas boas assim. E de repente parece que não tem mais... Foi diminuindo!... Agora não se ouve falar né...*

*No bairro tinha muito circo, festas, sempre vinha um circo, sempre tinha um parque montado... e naquela época era menos televisão, então as famílias participavam mais dessas coisas né... Então era muito bom, com certeza.*

---

<sup>76</sup> Companhia de transportes que atendeu à cidade de Campinas entre os anos de 1951 a 1989. Disponível em: <http://www.portalinterbuss.com.br/campinas/empresas-antigas/cctc>. Acessado em 08 de abril de 2013.

*Tinha reunião da Associação de Moradores de Bairro também na escola. Nós participamos é... quando foi pedido pra construção do Terminal Central<sup>77</sup>.*

*Então, quando... uma época quando nós fomos pra pedir também que o ônibus viesse até aqui mais perto, que entrasse mais na Vila, né... Meu marido na época trabalhava na CCTC e ele levou esse abaixo assinado e conseguiu fazer com que o ponto final do ônibus fosse ali, na caixa d'água... Já melhorou tanto para o Jardim América quanto pra nós aqui na Vila né.... E depois então, mais tarde essas linhas foram crescendo e hoje elas circulam na Vila toda. Depois, uma época também fomos reivindicar o policiamento melhor porque a gente estava assim muito abandonado, se sentindo muito abandonado aqui. E teve assim uns acontecimentos tristes né... Eram assaltos, teve a morte de uma mocinha, sabe... uma morte muito violenta... Na época estavam construindo essas casas ali... que são... dos policiais da Vila Independência sabe... E aí então houve, um dos moços que estava trabalhando na construção assassinou essa menina, e era uma das nossas alunas da escola... Então nós fomos participar dessa reunião também pra pedir um policiamento maior aqui. Sabe... E isso daí mobilizou o Barão Geraldo inteiro. Foi uma das reuniões que mais reuniram pessoas.*

*Olha, hoje, o bairro num todo é diferente. Cresceu, assim, como aquele moço aquela vez me disse “Ó, vai crescer muito mais do que a senhora pensa”... Então hoje Barão Geraldo tem tudo de uma cidade grande, a Vila não tem mais terrenos baldios, né... É difícil*

---

<sup>77</sup> Terminal rodoviário inaugurado em 1985 no centro de Barão Geraldo funcionando até os dias atuais. Disponível em:

[http://www.emdec.com.br/eficiente/sites/portalemdec/pt-br/site.php?secao=terminais\\_urbanos&pub=3300](http://www.emdec.com.br/eficiente/sites/portalemdec/pt-br/site.php?secao=terminais_urbanos&pub=3300), acessado em 08 de abril de 2013.

*...você achar um desses terrenos. É tudo construído, né... Com todo o saneamento básico e tudo. Agora, as escolas, não só aqui - pelo amor de Deus - não só o Hilton Federicci, mas dá quase que pra generalizar porque... eu vim a pouco tempo de Minas Gerais, lá a minha família toda mora, e as escolas estaduais lá também, que eram ótimas, estão em decadência, sabe... e o estado de São Paulo parece que também. Quase que um todo, né... A escola... diminuiu o ensino, tem menos professores, tem menos gente... ninguém mais quer ser professor, então eu acho que está passando da hora de, como eu te disse né... Dos moradores se aproximarem mais desses professores, porque daqui a pouco como vai ser? Então, se você trabalha numa escola, você não está satisfeita com o salário... A maioria desses professores estão insatisfeitos com o salário, né... Você está insatisfeita, se você está trabalhando não é mais com crianças, mas um bando de maluquinho que cresce e que fica cada vez pior. Crianças armadas na escola... Meu Deus do céu, onde vai parar com isso, né... Então o ensino, você não sabe mais como lidar com esta classe. Cê, na mesma classe você tem crianças de quatro, cinco tipos de comportamento... É muito complicado...*

*A vinda dos estudantes também mudou o bairro com certeza! Com certeza, esta vinda destes estudantes... Esse povo é assim, eles são umas gracinhas né... Tem gente que vai e que vem e que não atrapalha em nada, não amola ninguém, né... Não tão, assim, se o povo que faz aluguel não está satisfeito eles pedem as casas eles saem numa boa... A vinda desses estudantes foi muito, muito boa... Eu sempre falo pra eles aqui, foi muito boa, foi uma mudança boa de Barão Geraldo... Muito boa... Pra melhor.*

*Esta violência me parece que é quase que a nível mundial, porque pra todo lado que você vai está tendo muita violência, né... Então, eu acho que aqui o Barão Geraldo ainda é uma cidade tranquila pra se viver... Aí você vê olha... quem trabalhou à noite dorme agora sossegado, tá o maior silêncio, todo mundo trabalhando, todo mundo estuda, todo mundo trabalha... Eu acho que apesar de ter aumentado o nível de violência em muita coisa que assim... é... há um pouco de exagero também...*

*O bairro têm envelhecido, é verdade. As crianças, como eu te disse, na época das minhas aqui na Vila, ninguém mais mora aqui, né... Então está sendo o povo daqui, muita gente foi pra Paulínia, muita gente pro centro da cidade, muita gente pra... para os condomínios... Então, realmente, vêm outras pessoas, vêm e voltam né?... Então é verdade, na verdade o bairro quem permaneceu está mais envelhecido sim...*

### **3.5 Berinha**

Essa entrevista foi realizada na tarde do dia 30 de junho de 2011 na sapataria de Beirinha que estava prestes a fechar, já passava das seis e meia da tarde. Conversamos enquanto Berinha pintava um sapato, de um tom verde, sob uma mesa repleta de tintas e cola. Sentei em uma escadinha ao seu lado e apoiei o gravador na mesa:

*Meu nome é Altamiro de Freitas já morei aqui na Vila Santa Isabel por uns 20 anos, e hoje eu moro no bairro São Gonçalo aqui de frente ao Real Parque, em Barão mesmo.*

*Antes eu também morei no Jardim América, que é um bairro próximo. Me criei no São Gonçalo<sup>78</sup> quando ainda era sítio, antes de ser bairro, em mil novecentos e cinquenta e um.*

*Eu não nasci em Campinas, nasci em Tupã (SP). Vim pra Campinas com dois meses. Sou campineiro de coração. Aliás, conheço muito pouco a minha cidade natal. Eu trabalho nessa mesma profissão, de sapateiro, há 49 anos. Comecei a trabalhar em 6 de maio de 1962. Trabalhei em várias sapatarias na cidade como empregado. Há 29 anos passei a trabalhar por conta aqui em Barão Geraldo.*

*Inclusive, há algum tempo, fizeram um levantamento de pessoas conhecidas de Campinas, comerciantes conhecidos. Eles faziam um levantamento nos bairros, e colocaram em um livro do SESC, chama Memórias do Comércio de Campinas<sup>79</sup>. E eu... Graças a Deus, fui escolhido. E eles vieram fotografar, fizeram a entrevista comigo aqui, depois eu fui lá no SESC e fiz uma entrevista de duas horas e meia. Essa entrevista inclusive foi gravada em computador lá... É um site que ia ser dirigido pra vários países latinos e coisa e tal. Que se interessariam por coisa de comércio. Aí eu fui lá. Tem o livro, inclusive eu tenho o livro em casa. Foi muito bom.*

---

<sup>78</sup> Jardim São Gonçalo é um bairro do distrito de Barão Geraldo situado ao sul da Vila Santa Isabel.

<sup>79</sup> Berinha nos emprestou o livro citado (SESC SP. **Campinas de Muitos Caminhos: Memórias do comércio de Campinas.** São Paulo: Edições SECS SP: Museu da Pessoa, 2008.), e o mesmo foi utilizado como uma das fontes documentais sobre a História de Campinas.

*Não comecei nesse salão. Comecei a trabalhar no quintal da minha casa. Depois de alguns anos eu saí da casa em que morava, que era uma casa alugada, e construí a minha casa. Então eu aluguei uma sala pequenininha que tem aqui ao lado nesse mesmo prédio, mas com o tempo ela foi ficando pequena. Aí, graças aos fregueses, o trabalho da sapataria foi crescendo e eu precisei alugar esse barracão que é maior. Aqui, nesse prédio em frente à escola Hilton, eu estou há uns 16 anos!*

*Sabe que é até um privilégio pra mim, ficar aqui na frente da escola?! Porque se sabe que nunca vai ter um comércio que pode te atrapalhar ou qualquer coisa porque é o ginásio. Então, tem o ginásio, tem a praça, eu me sinto bem, me sinto até privilegiado por isso. Tenho muitos clientes, inclusive pessoas que vem trazer os filhos na escola e passa a ser cliente. As crianças que veem à sapataria e falam “pai, ali tem uma sapataria...” e tal. Pra mim isso foi muito bom. Apesar de hoje eu já estar com uma clientela formada de tantos anos que to aqui... mas eu acho muito bom. E serve até de ponto de referência. Aliás, nós dois somos ponto de referência. Porque tem pessoas que perguntam: “Aonde que é a sapataria do Berinha?”, o cara fala: “É de frente o Hilton”, e às vezes as pessoas falam “Onde é o Hilton?”, o cara não lembra, mas fala “é lá de frente o Berinha”... “Ah... o Berinha... eu já fui...” É engraçado, nós somos referências trocadas.*

*É muito bom, eu não tenho o que reclamar, não tenho assim como dizer que... “Ah não! Eu não gosto daqui porque é em frente duma escola, ou porque tem barulho...”. Não... E, às vezes, tem alguma coisa que contraria, uns tempo atrás uns meninos lá da escola ligavam pra mim do orelhão de dentro da escola, eu ia atender o telefone e era os meninos*

*que estavam ligando do orelhão. Mas são coisas de criança, que não tem como diz... Num tem... nada a mudar. Mas também às vezes tem alguns fatos até legais assim, sabe... Algumas passagens que a gente tem que se tornam alegres... Os meninos aí, todo mundo me conhece, isso é bom! Tem criança que cê vê estudando aí hoje e amanhã ou depois você encontra já homem, moço, homem feito, até casado. “Ô Berinha, cê não lembra de mim? Eu estudava lá no Hilton, ia sempre lá encher uma bola, coisa e tal...” É muito gratificante. Eu gosto daqui.*

*Bem eu vim pra cá em 1984, pra morar na Vila Santa Isabel, mas eu conheci o bairro antes de ser bairro. Quer dizer, sempre morei em Barão Geraldo, nunca mudei daqui. Então eu conhecia isso aqui quando aqui não tinha nada, quando isso aqui era apenas mato, a gente morava em sítio, na época da seca vinha-se cortar capim aqui porque não tinha outra coisa pra alimentar os animais. Aí o seu Carlos Diniz Leitão loteou isso aqui ele é o fundador, aí começaram a fazer algumas casas. Logo depois, talvez isso na década de 70 mais ou menos, quando já tava mais ou menos povoado, foi doado esse terreno pra um campo de futebol, que esse local aqui onde é a escola atualmente era uma praça de esporte.*

*Então teve um campo de futebol aí por alguns anos. Só que era aquela doação meio improvisada, o pessoal combinou “ah, lá tem um lugar vago, vamos fazer um campo de futebol”. Aí fizeram um campo de futebol. Esse espaço entre a escola e a igreja já foi designado pela prefeitura, talvez quando fez o loteamento, pra construção de escola e igreja. Só que, como ninguém se movimentava, o terreno tava aí sobrando era da prefeitura e o pessoal resolveu coloca umas traves e fazer um campo de futebol.*

*Depois veio o pedido pra ser construído esse ginásio, que é o Hilton Federici. O lugar designado para praça de esporte desse bairro é bem aqui embaixo, bem no fim da Vila. Até hoje não foi feito uma praça de esporte porque o pessoal também não se incomodou muito.*

*Eu já fiz parte de uma Associação Amigos de Bairro aqui na Santa Isabel, entre os anos de noventa e um ou noventa e dois, se eu não me engano. Nessa época o bairro já tinha ônibus, já tinha asfalto, a escola já estava construída também. Inclusive a primeira reunião para ser escolhida a diretoria da associação foi na escola. Mas aqui não funcionou sociedade amigos de bairro. O pessoal, a maioria das pessoas, trabalha fora, então talvez não tenham muito interesse. Apesar de que esse é um bairro que tem toda a infraestrutura, mas não tem muito interesse assim pra uma praça de esporte, pra uma melhoria como a sociedade amigos de bairro faz. Eu participei também da sociedade amigos de bairro do Jardim América, bairro vizinho. Lá a gente conseguiu muita coisa, asfalto, tudo. Mas aqui, como é um bairro bem estruturado, não funciona muito, porque o povo não tem muita motivação.*

*Eu acho que num bairro como a Vila Santa Isabel a única reivindicação que tem, principalmente da minha parte - embora eu graças a Deus nunca tenha tido problema com isso, mas tenho vários amigos que tiveram - seria segurança. É a violência... a violência sempre... não que seja um bairro violento, mas eu acho que a segurança, não vou dizer Santa Isabel, segurança precisaria ter em todo lugar que não tem, né?... Aqui é um bairro que tem infraestrutura, tem um mercado só, que é o Barão, mas já chegamos a ter três mercados aqui.*

*O que seria bem necessário por aqui seria um banco. Porque tudo que se tem que fazer tem que se deslocar até o centro de Barão. Pra achar um banco, pra pagar uma conta, pra qualquer coisa. Aqui já teve casa lotérica, já teve açougue, que não tem mais, teve tudo isso aqui. Casa lotérica, que não tem mais, e muitas outras coisinhas que se acabaram... Inclusive a casa lotérica realmente foi por causa de segurança, porque quando descobriram a casa lotérica aqui ela era assaltada toda semana. Então, em matéria de comércio, a Vila Santa Isabel regrediu.*

*Já tivemos muito melhor. Eu acho que a Vila Santa Isabel em si, por estar tão próxima do centro de Barão, no meu modo de ver, não precisa de tanta coisa. Além disso, hoje em dia noventa por cento da população tem carro, então não custa, quer ir ali pega o carro e vai ali. Acho que é um bairro que não precisa de muita coisa não.*

*Quanto à escola Hilto Federici, a gente acompanhou a construção. Quando foi fazer a escola ninguém tentou impedir nem nada, porque todo mundo achou que, como diz: “talvez seria bem mais proveitoso a escola do que o campo de futebol”. Porque uma carência do bairro era escola. Inclusive na época que foi feita essa escola ainda não existia a escola que tem hoje no Jardim América, que é o Maria Alice, e não existia também a escola no Real Parque. Então quem morava no Real Parque e em outros pequenos bairros que rodeiam, como São Gonçalo e Parque Ceasa, tinham que se deslocar até a escola Barão Geraldo de Rezende ou à José Pedro, as duas escolas públicas que funcionavam por perto. Então, pra acolher melhor esse pessoal que mora aqui na redondeza, entre Jardim América, Real Parque, Vila Santa Isabel, e até mesmo Betel - quando pertencia ao distrito de Barão*

*Geraldo, depois de alguns anos Betel<sup>80</sup> passou a ser do município de Paulínia - foi construído o Hilton.*

*Essa escola, desde quando começou, no início ela tinha primário, tinha tudo. Depois que ela foi ficando só pra a quinta série em diante.*

*Tenho três filhos, dos quais dois se formaram aqui nessa escola. O primário foi feito na escola Maria Alice porque aqui não tinha primário. Mas, da quinta série até o colegial, as minhas duas meninas se formaram aqui no Hilton. Tenho um menino também que tem idade de adulto, mas ele é especial então sempre estudou na APAE (Associação de Pais e Amigos de Excepcionais), nunca aqui nessa escola.*

*A filha mais velha, hoje está com 34 anos, talvez tenha pegado um pouco ainda do começo de funcionamento da escola, porque ela fez o primário aqui. Na época dela ainda fazia o primário. Ela já saiu da creche e veio pra cá. Mas foram, mais ou menos, uns oito ou dez anos de estudo aqui, só nessa escola.*

*Olha na época que começou a construção da escola eu ainda era jovem, eu já fui jovem sabia?! E... sabe quando cê num... num se interessa pela política, num tinha muito assim... envolvimento com esse tipo de coisa. Depois de algum tempo sim, eu me envolvi, andei trabalhando muito. Como te disse, trabalhei em Associação de Amigos de Bairro, questões políticas do bairro, pensando em melhorias... Mas na época da construção do*

---

<sup>80</sup> Betel é um distrito que foi anexado à Paulínia em 1993 conforme a Lei 8550 de 30 de dezembro de 1993. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Betel\\_%28distrito%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Betel_%28distrito%29) acessado em 08 de abril de 2013.

*Hilton eu realmente não tenho lembranças de quem foi que fez o pedido... eu creio que talvez tenha sido um pedido da subprefeitura, de alguém. Porque praticamente, que eu me lembre, aqui nunca teve uma liderança de pessoas que pudessem promover essas conquistas. Eu acho que na época as coisas dependeram muito do subprefeito de Barão Geraldo, mas não me lembro quem era. Nesse período a subprefeitura ficava dividida entre os dois políticos: Paulo Lanza e Olímpio Pattaro, talvez um desses aí tenha levantado essa lebre pra construção da escola.*

*Essa construção representou para o bairro uma evolução muito grande, na época aqui ainda havia muitos terrenos a venda, às vezes a pessoa se interessava em comprar um terreno aqui e ao mesmo tempo pensava “Puxa, mas meu filho tem que ir na escola lá não sei aonde e tal”, então até isso aí diminuía o desejo da pessoa se estabelecer aqui. Agora, depois da escola, a pessoa vinha comprar um terreno e pensava “Ôh, mas tem uma escola aqui perto e tal...” Então foi uma evolução muito grande essa... a construção dessa escola... Foi muita evolução!*

*Apesar de que Barão Geraldo começou a crescer a partir de 1970, quando começou a UNICAMP. Barão Geraldo não tinha nada, não tinha a previsão de um crescimento grande como é hoje. A UNICAMP trouxe um progresso muito grande. Inclusive a construção da PETROBRAS aí em Paulínia foi mais ou menos junto, e foi outro fator que trouxe muito progresso pra Barão, porque muita gente de lá morava por aqui e coisa e tal.*

*A escola tem uma coisa de especial, viu? É a única escola aqui que se entra pelo fundo. Num sei bem por qual questão, mas mudaram a entrada da escola. Na entrada os*

*alunos entram todos pelo fundo, lá atrás. Então é uma escola que tem a frente de fachada e o fundo como entrada. Antes era pela frente. E depois não sei porque das quantas mudaram. Apesar de que até talvez uma mudança um pouco lógica porque essa rua que passa ônibus, ela é muito mais movimentada que a rua de cima. Então talvez seja por isso, né?... Aqui só pode entrar pela frente da escola quando chega atrasado. Quem chega atrasado bate aí na frente pra poder entrar.*

*Com relação aos eventos, festas na escola, há tempos atrás inclusive era bem melhor de que agora, existia umas boas festas juninas, tinha bastante festas juninas boas. Ahm... Mas que eu me lembre assim, nada, nada, nada, assim de muito especial. Pra ser bem franco ela sempre foi uma escola meio pacata, sem muita atividade, sabe? O que tinha de atividade pro aluno aqui é muito passeio. O ônibus vem aí passeia, vai pra cá, vai pra lá... Mas atividade dentro da escola mesmo ela era bem paradinha nesse setor. Não se via assim muitos festejos e tal. Inclusive quando minha filha se formou do segundo grau a formatura foi aí mesmo, sem muita cerimônia, tal, sabe. E é por isso que eu digo pra você que ela é uma escola não muito comunitária. Mesmo quando o pessoal chegava ao fim do ano, que se formava do ensino médio coisa e tal, sabe? Nunca teve, assim, uma grande participação entre alunos e escola pra promover uma grande festa. O que tinha, às vezes, era uma missa com os alunos, depois cada um formava um grupinho e ia pra um lugar. Pelo menos no tempo das minhas filhas, que eu me lembre, não teve nem uma coisa que a escola teve participação. Então eu acho que nesse ponto aí ela é bem parada. Não cheguei a ver nada assim de especial, de uma participação entre escola e alunos.*

*Essa escola nunca foi uma escola muito comunitária entre pais e a equipe escolar. Ao contrário dessa outra, o Maria Alice, em que o meu neto que estuda e os pais participam muito das coisas sabe? Participam muito, inclusive em reformas, em festas, tal. Mas essa escola eu não sei por qual motivo, talvez porque as primeiras diretorias não implantaram essa participação, talvez tenha sido porque os primeiros dirigentes não implantaram, esse método da família participar mais da escola... Eu mesmo aqui, essa menina que tá aí que é minha filha e como ela estudou aqui desde a quinta série, muitas e muitas vezes eu cheguei a ir às reuniões dela. Como eu estava aqui na sapataria, em vez de a mãe vir eu que ia pra marcar presença na reunião. Tem quatro ou cinco pais, numa classe de talvez quarenta alunos. Então a participação de pais desse chamado pais e mestres<sup>81</sup>, aqui é bem fraca. Não sei se melhorou porque já faz três pra quatro anos que minha filha se formou, mas pelo que eu vejo não teve muita melhora não.*

*Existiu momentos inclusive que o pessoal reclamou muito da escola. Alguns pais que moravam aqui colocavam o filho às vezes em Paulínia e coisa e tal... Mais isso aí eu não ignoro porque isso acontecia porque a faixa etária das crianças que estudam aqui, geralmente é daquelas crianças da bagunça, que são meninos de onze, doze anos que saíram do primário pra vim pra quinta série.*

*Então talvez tenha sido também um pouco de desorganização, mas o que acontecia eu acho que é normal pela faixa etária dos alunos que frequentavam. Que é aquela idade de*

---

<sup>81</sup> Referência à Associação de Pais e Mestres.

*adolescente, de pré-adolescente ainda. Então é muito difícil, eles gritam, eles xingam, eles fazem barulho, e tal.*

*A igreja foi começando com pequenas quermesses. Começaram com uma igreja pequena como é a do Jardim América, que hoje é a segunda paróquia de Barão Geraldo e é coordenada pelo senhor Francisco de Oliveira. Porque Barão Geraldo tem a paróquia da Vila Santa Isabel e essa paróquia no Jardim América que hoje é paróquia Frei Galvão. Logo que depois que foi posta a pedra fundamental da igreja eu me lembro... Tinha um jornal aqui, que eu não sei se eu tenho mais, da inauguração da igreja... eu guardava esse jornal porque tem a minha mãe, que é falecida já a oito anos, mas que participou muito, era uma das moradoras antigas daqui como eu... Inclusive, a rua aonde eu moro tem o nome dela aqui no São Gonçalo... É... e nesse caminhão estava uma das primeiras missas rezadas nessa igreja, em cima de um caminhão. Era uma missa campal, se montava um altar em cima do caminhão. Nessa missa inclusive tem a presença da minha mãe e de um senhor que muito cooperou aqui, pra essa igreja e pra igreja da Vila Santa Isabel, uma das pessoas que mais cooperou em matéria religiosa aqui em Barão Geraldo, que é vivo até hoje, chama-se Francisco de Oliveira. É morador no Jardim América.*

*Quando o bairro era menor, menos populoso, a cooperação em si era muito mais em tudo. Então o bairro vai crescendo e vai... Vai se dispersando os muitos antigos moradores que tinham mais interesse numa coisa ou outra, vai mudando gente nova. Eu acho que qualquer tipo de bairro, enquanto você não tem um asfalto, uma água, uma luz, esgoto, vai*

*todo mundo lutando pra aquilo. E quando aquilo ta tudo em ordem aí a turma luta por coisa corriqueira que talvez nem valha a pena, né...*

*Existem bairros que precisam muito mais do que a gente e a pessoa fala “Ah, mas esse prefeito não fez nada pra... pra Vila Santa Isabel”. Aí eu pergunto, mas o que que a Vila Santa Isabel precisa? Você vai em bairro que não tem esgoto, não tem água, não tem asfalto... Então eu falo “Não, cês tem que pensar também que tem outros bairros que precisam de bem mais do que a gente”. Nós já precisamos muito e a gente conseguiu, né... Hoje em dia a gente tem tudo aqui. O sistema de transporte melhorou muito, não só pra Barão Geraldo, mas no geral. A gente conviveu muito tempo aqui com um sistema de transporte muito precário, uma companhia que tinha uma parte, um convênio, com a prefeitura de muitos anos e a gente passou por ele por muitos anos. Hoje então, já que tem várias companhias que trabalham no local, então uma quer superar a outra e o melhor sempre é pro usuário.*

*Sobre a escola Hilton Frederici, ela realmente, acho que como em qualquer lugar, uma escola sempre vem pra levar progresso pro bairro...*

*Eu acho que a mudança dessa escola varia muito de diretoria. Cada nova diretoria que entra, muda alguma coisa, mas nada assim com muita diferenciação. De quando ela começou até agora foram feitas algumas coisas. Por exemplo, cobriram uma quadra de futebol de salão e basquete, fizeram o pátio... ahm... melhorias básica, mas nada assim que se pode dizer “não, essa escola era assim hoje ela é mil por cento”, “hoje ela é zero por cento”.*

*Então eu acho que ela tá num patamar regular, fazendo aquilo que é necessário, com muito poucas coisinhas.*

*Inclusive algumas coisinhas que foram feitas, aqui mesmo, na frente aqui, foi feito uma terraplanagem pra fazer o estacionamento, trabalharam aí uns caminhões quinze ou vinte dias, quebraram o muro e no fim não deu em nada. Não sei porque a direção num aceitou e acabou em nada. Então, talvez fizeram alguma coisa que deu certo, alguma que deu errado, foram feitas algumas melhorias... E algumas coisas, algumas reformas que foram feitas, a gente tá sempre aqui então acaba vendo, teve uma pequena reforma esses dias mesmo na portaria, na entrada aqui.*

*E há uns anos atrás foi implantado aquele projeto que as crianças ficavam até quatro horas, as crianças, acho que de quinta sexta série<sup>82</sup>. Muitos acharam que era bom, outros acharam que não, que a criança ficava presa muito tempo na escola. Então os mais velhos que estavam fazendo o ensino médio, saíam mais cedo e os mais novos ficavam até as quatro. Não sei se fica ainda. Mas eu acho que não teve assim uma mudança brusca de nada não. Sempre foi uma escola que não apresentou muita novidade, mas sempre de pé firme. Sempre aquilo que tá indo...*

*Tem muitas crianças daqui da redondeza, principalmente do Real Parque, São Gonçalo, daquela região tem muitos que vêm estudar aqui. Inclusive tem dois ônibus de transporte urbano que nos horários de escola eles vêm até aqui. Porque do Real Parque pra*

---

<sup>82</sup> Referência ao Programa Escola em Tempo Integral, do Estado de São Paulo, criado em 2006 no governo de Geraldo Alckmin do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira).

*cá, do São Gonçalo ou Parque Ceasa, os ônibus que circulam por essas redondezas não passam por aqui, mas no horário de escola são designados três ou quatro horários por dia que a linha de ônibus vem com as crianças até aqui na porta da escola. Fora esse horário, ele desce pela pista, sai no posto de gasolina e vai embora para o terminal Barão Geraldo. No horário de entrada e saída de aula não, ele vem por dentro, sobe aqui no bairro, deixa as crianças na escola. Esses são os ônibus coletivos que vêm e passam pela escola, aqui passa um outro ônibus que tem aqui mas que vai pra Barão. Não vai pro outro lado do bairro de Barão que seria o Real Parque, São Gonçalo e Parque Ceasa.*

*Eu acho que isso é uma evolução muito boa porque antes ou criança descia lá embaixo na pista, ou teria que vir a pé e, nesse caso eles vinham por dentro, pra se tornar mais perto, tendo que atravessar a pista de Paulínia que é muito perigosa. Não sei de quem é o projeto de trazer os ônibus das crianças até aqui na frente da escola, mas louvado seja quem fez.*

*É, isso foi uma evolução muito grande que teve porque, eu acho que a partir de, eu num sei a quantos anos, uns dois ou três anos, não faz muito tempo que isso está acontecendo, mas é muito bom.*

*A gente conhecia e conhece a maioria das professoras, quer dizer... é... algumas delas... A maioria delas são freguesas minhas aqui, algumas delas já se aposentaram, já pararam.*

*Teve uma professora de uns anos pra cá que ela era muito decidida. Na época parece que a escola virava de uma outra maneira. Eu acho que ela era não lembro bem o que que ela era, mas era uma das professoras, digamos assim, que movimentava muito essa escola, sabe? Dona Ket.*

*Na época também tinha a dona Sônia, que programava festa, sabe aquelas pessoas que botavam a coisa pra frente? Era uma pessoa assim que a gente sentia que fazia as coisas acontecerem, tanto por ela, por suas atitudes, como pelos alunos. Falavam “Ah não... mas a dona Ket vai fazer então vai sair, e tal...”. Talvez ela já tenha se aposentado. Ela era uma professora antiga na escola.*

*Cada diretoria que muda sempre dá aquele problema, às vezes a pessoa encontra problema e não faz nada, outras já são mais atiradas, e fazem alguma coisa a mais. Mas eu acho que o Hilton, de zero a dez, pode receber uma nota sete, oito...*

*Com algumas falhas, que hoje em dia qualquer escola pública tem... Muito mais... e andou tendo alguma coisa, envolvimento inclusive com uns... num é bem dizer bandido, mas uma meninada que era meio criada de rua, que aparecia aí, que fazia isso, que fazia aquilo, mas nada assim que fosse assustador, sabe? Nada que não pode acontecer em qualquer outra escola. Como aconteceu há dias atrás aqui na escola Barão Geraldo de Rezende, quando acharam um menino com um revólver na escola, saiu nos jornais e tudo... São coisas que acontecem, eu acho que onde se reúne uma coletividade grande sempre tem alguma coisa assim.*

*O que acontecia muito no Hilton era de esses grupinhos de meninos que se formam e que já querem bater em outro e coisa e tal, mas essas são coisinhas corriqueiras de escola mesmo, sabe? Nada além disso. Aconteceu algumas coisas, como aconteceu, mataram um rapaz em frente da escola, isso há uns quatro anos atrás, um rapaz que até estudou aí, na época já não estava mais, sabe... Negócio com envolvimento com droga, que hoje em dia, infelizmente o país ta nessa situação. Esse envolvimento dessa juventude maluca aí que pensa, faz o que bem entende. E às vezes os pais pensam que estão estudando. E aqui uma das coisas que acontecia a três ou quatro anos atrás, e parou, era os meninos virem para a escola e depois se reunir nessa pracinha, aqui em frente. Eles vinham e quando chegava a hora da aula em vez de entrar na escola, ficavam na praça. Como fico aqui o dia todo na sapataria eu via. Mas, de uns dois anos pra cá não tem acontecido mais, você não vê ninguém, isso acabou. Eu não sei se foi alguma atitude tomada pela diretoria, ou a ronda escolar que anda girando muito por aqui, eles estão aqui todo dia, passando por aí. Inclusive são clientes da gente, sempre passam para dar um alô. Talvez isso tenha afastado eles um pouco dessa coisa de pular o muro, ficar pro lado de fora da escola. Alguns entravam na escola depois pulavam o muro pro lado de fora, sabe? Isso aí acabou.*

*Eu não sei atualmente quem é a diretora da escola. Realmente as pessoas daí do Hilton vêm aqui, uma é cozinheira, outra é faxineira e tal e eu não sei quem é quem, mas eu percebi que duns dois anos pra cá teve uma melhora na escola. Uma melhora significativa. Principalmente pelas bagunças das aulas, gritos, palavrões, que a gente ta aqui em frente, do outro lado da rua, e ouve, ouve tudo. Ta encostado. Aqueles palavrões que cê já viu...*

*Aquela coisa também, que a gente ouvia muito daqui, aquela gritaria, bater a carteira e tal, talvez era quando a professora saía da classe, ou antes de chegar sabe... e aí a professora entrava então aí acabava o barulho. E eu não tenho visto mais isso. Acho que de uns dois anos pra cá o comportamento da escola mudou muito.*

*Não sei se foi uma nova diretora, ou foi infringido algum tipo de atitude, ou talvez os alunos que se formaram e saindo que eram os maiores bagunceiros. Porque às vezes tem isso né... Eles saíram e aliviaram, né...*

*Eu acho que a relação da comunidade com a escola não mudou muito, viu? Não mudou porque eu presencio daqui o seguinte: Os dias de reuniões escolares aqui eu vejo uma movimentação, porque hoje em dia geralmente todo mundo que vem de carro, movimentação pequena e rápida. São pessoas que entram e perguntam: “Como é que vai meu filho? Tá bem?”, “Tá, então tá”, assina o livro e tchau. Então a gente percebe que não tem assim um grande envolvimento.*

*Teve uma época que existia um pouquinho mais de participação. Pessoas mais influenciadas, tanto pais como os alunos, mais influenciada. Mas, é o que eu falo pra você, talvez o Maria Alice, que é essa outra escola que eu cito pra você aqui do Jardim América, tenha sido uma escola que começou com isso, com incentivo a participação. E, como é uma escola de crianças menores, os pais se apegam mais a esse tipo de coisa. Não sei... Se tem uma festinha do filho, o pai quer ir pra ver o filho dançar uma quadrilha, coisa e tal. E aqui no Hilton, como são crianças maiores, talvez não tenha tanto interesse dos pais. Aliás, o que não tem dos pais hoje é tempo. Nem pros próprios filhos. É verdade ou não é?*

*Por causa de muito trabalho - não deveria - mas é assim. Eu acho que seria muito mais gratificante o pai ver o filho dançar uma quadrilha do que ele dar dez reais todo dia pra ele ir na escola. Acho que talvez o aluno seria mais contente se o pai fosse assistir ele dançar uma quadrilha, ou fazer uma peça de teatro na escola, qualquer coisa do gênero, Mas não acontece isso. Então eu acho que talvez pelos alunos do Hilton serem mais adultos a participação da família é menor.*

*Eu via muitas vezes, quando eu ia na reunião, e os próprios professores diziam “Tem mães que só vem aqui quando é chamada, porque o filho fez isso ou porque fez aquilo”... E não deveria, deveria ir lá também quando os filhos tivessem bem.*

*Na classe da minha filha sempre teve uma faixa de trinta, quarenta alunos, não tenho certo a média. Mas você ia lá, na reunião, e tinha três, quatro mães. Um pai ou dois. Pela quantidade de alunos era muito pouco. Num tinha praticamente participação nenhuma, dez por cento, quinze por cento das famílias.*

*Por isso que eu acho que ela não é uma escola tão participativa nesse sentido. Porque há anos atrás, há bastante anos atrás, quando a minha filha mais velha estudava aqui se faziam reuniões de sala cheia. As mães participavam mais. Eu acho que no fundo, no fundo, se você for analisar por outro lado, era uma época que se tinha um pouco mais de tempo. As pessoas corriam menos, então tinham um pouquinho de tempo. Hoje tem uma reunião do filho, sua mãe não vai o pai vai e tal... Mas hoje em dia eu acho que, principalmente quando o filho que passa à idade adulta, os pais passam a ter pouco interesse na escolarização dos filhos, né?... “Como é que ta na escola filho?” “Tô bem pai”, e acabou.*

*Num é aquela coisa de buscar, como antigamente. No meu tempo, estudei em cinquenta e oito, cinquenta e nove, minha mãe ia lá na escola perguntar como é que tava mesmo. Naquele tempo inclusive nem se fazia reunião, as pessoas moravam em sítio, ninguém tinha tempo de sair, largar pra ir na reunião e tal... Então, de vez em quando, ia lá e perguntava “Como é que vai meu filho?”... Ou se não, mandava um bilhetinho quando era pra uma coisa ruim também... Era vice e versa, coisas boas e ruins.*

*Mas é que eu digo pra você, a escola Hilton Frederici eu acho que realmente é uma escola que sempre manteve um patamar de uma escola normal, sem muita coisa de... Sem muito lá em baixo, mas também sem muito lá em cima. Tem poucas novidades, em termos de falar “Nossa a escola vai... vai promove isso, vai faze isso”, você não ouve essas coisas. Eu acho que realmente é só pro ensino e essas poucas participações eu não responsabilizo somente a escola não. Conta os pais de alunos que não participam, não é a escola. Porque o convite da escola é feito. Sempre vai um bilhete avisando que vai ter a reunião. Eu sei pela minha filha, Jenifer, que estudou lá, e por outras pessoas também. Agora, como diz, se as pessoas não participam, não se interessam, a escola não pode buscar cada um em casa.*

*Eu acho que talvez isso tenha sido pelo fato das pessoas que estudam aqui serem mais adulta. Ou talvez porque a escola nunca se elevou muito nesse campo. Como outras escolas aí que você vê que tem grandes participações. Aqui quando tinha uma festa junina, você via as crianças passando vendendo, antigamente quando tinha o primário, vendiam aqueles votos, aquelas coisinhas. Depois os pais iam na festa e tal. E hoje eu acho que faz até tempinho que não tem festa junina. Não tem nem tido festa junina.*

*Não temos ficado sabendo de nada assim, de um evento assim... Inclusive a escola de vez em quando tem alguns eventos que é evento de encontro de casais... Às vezes chegava fim de semana e eu via aí cheio de carros, mas já tá fazendo um tempinho que teve encontro de casais. Acho que é porque os salões são maiores e tal. Mas evento, evento mesmo na escola num tenho visto muito não. Não tem muito... E, aliás, aqui deveria ter muito evento nessa escola porque a Vila Santa Isabel é um polo cultural de Campinas.*

*Por exemplo, aqui tem quatro ou cinco companhias de teatro, inclusive de frente a escola tem uma companhia de teatro, que é o Barracão. Tem o Barracão, tem a Verônica, tem o Lume, tem duas escolas de circo aqui, e vários outros... Então deveria ser uma escola que poderia apresentar. Inclusive tem essas atrações que às vezes até o Barracão faz aqui na praça. Quer dizer, se a escola tivesse uma agilidade maior poderia levar esse pessoal pra fazer isso dentro da escola. A ensinar a garotada até a descobrir valores.*

*Mas realmente eu acho que a cultura de nosso país precisa de muita cultura ainda pra ser uma cultura. Porque o pessoal se interessa, principalmente os jovens. São poucos, eu sei que o pessoal desse teatro aí que faz esse teatro amador ralam, vivem... sabe que não é fácil, é triste... Mas eu acho que falta muito apoio, incentivo do governo, principalmente da parte da educação e coisa e tal. Falta muito incentivo.*

*E o nosso país é um país completamente diferente em matéria de cultura, nós temos tantos artistas, tantas pessoas cultas, mas que não tem ajuda, não tem auxílio de ninguém. Inclusive aqui tem uma companhia de atletas, são vários atletas que tem aqui que participa, inclusive tão caminhando aí pras olimpíadas, coisa e tal, participando.*

*Em outros países os atletas têm patrocínio pra se prepara pra ganha uma medalha, e aqui no Brasil, só depois que você ganha uma medalha sem patrocínio, sem nada, aí você tem o patrocínio. Então é muito difícil... Eu acho que infelizmente no nosso país em matéria de cultura e os nossos governantes tão pouco se lixando pra cultura.*

*Dizem que não pode construir uma escola, não pode reformar uma escola. Mas pode dar uma verba de cento e dez milhões pra construir um estádio de futebol pra Copa do Mundo. Agora ficam falando “Ah, mas a Copa do Mundo vai dá isso, vai dá aquilo” dá nada! Vai dá é o seguinte: vai dá no bolso pra muita gente, vai encher o bolso. (risos) Mas eu até que queria ta numa fatia dessa.*

*Nosso país é cheio de piadista, um povo super inteligente, eu trabalhei cinco anos com uns indianos. E eles viveram em muitos países eram muito sábios. Falavam que não existia em todo o mundo alguém mais inteligente que o povo brasileiro. É uma pena que usamos a inteligência pra aquilo que não é...*

*Hoje em dia se vê alunos batendo em professores, aluno carregando arma dentro da escola, não é dizendo o episódio que aconteceu lá no Rio de Janeiro. Aquilo foi uma outra coisa, aquilo foi uma tragédia. Mas alunos que entram armados dentro da escola, alunos que tomam o dinheiro do outro dentro da escola, fazem pagar pedágio... E eu acho que o investimento é tão pouco, é tão pequeno... Então eu digo pra vocês, vocês que são estudantes, que vão ser futuros professores, dá uma força nisso daí pra ver se melhora. Porque é o seguinte, aqueles que tão lá, que já tão pra aposentar, a maioria já ta acomodado. “Vô aposenta o ano que vem”, “Vô aposentar daqui dois anos, não vô tá nem aí”, né...*

*E aqueles que estão começando agora, então às vezes se intimidando por causa... eu acho que uma das grandes questões, não só na educação, mas na área da educação seria a mais prioritária. Porque é o seguinte, tudo parte da educação, entendeu? Parece que o povo tem medo! Quando você entra numa escola você tem medo de mudar alguma coisa porque você tem medo de perder o emprego. Eu tenho visto aí, pela televisão, tantas escolas pequenas em lugares pequenos, lá pro norte, em que há pessoas com o mínimo... que transformam aquela escola numa coisa fantástica! Porque são pessoas que tem coragem! Porque não adianta uma só ter coragem, precisa ter quatro, cinco, com coragem pra poder levar o resto. Então eu acho que é isso que precisa.*

*Tem mais esse exame do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) aí... Tem prova lá que não dá pra acreditar que é um aluno que estuda que fez uma prova daquela...*

*O investimento é muito baixo, demais. Isso quando não roubam as provas antes como tem acontecido<sup>83</sup>. Então eu acho que tudo o que se faz nesse país aqui pra educação é muito mal feito, é muito sem... Faz um concurso público e o cara vai lá e rouba as provas...*

*Eu acho que o pessoal só pensa em corrupção, em dinheiro, mais não é não. Não educar também é uma corrupção maior de que o dinheiro. Porque há outros países aí subdesenvolvidos que talvez a corrupção seja menor porque o povo é mais inteligente. Só que*

---

<sup>83</sup> Referência à fraude no ENEM (Exame Nacional do ensino Médio), ocorrida no ano de 2009, quando a prova foi furtada da gráfica responsável por sua elaboração. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Fraude\\_do\\_Enem\\_de\\_2009](http://pt.wikipedia.org/wiki/Fraude_do_Enem_de_2009) , <http://noticias.terra.com.br/educacao/enem/furto-da-prova-do-enem-esta-100-esclarecido-diz-pf,a7483466954ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> acessado em 15 de abril de 2013.

*pra quem quer as fatias do bolo lá, num interessa... quanto menos inteligente o povo, pra ele é melhor...*

*Agora em matéria de lazer aqui é nota zero! Barão Geraldo há mais ou menos na faixa dos anos 60 ou 64, Barão Geraldo chegou a ter duas salas de cinema. Hoje não tem nenhuma. O único lazer que tem em Barão Geraldo são os barzinhos noturnos para quem gosta de barzinho. A maioria dos que frequentam esses bares nem são daqui, são pessoal que vem da cidade, da cidade universitária, mas não daqui.*

*Hoje tem essa pracinha aqui do lado da escola, que é um lazer pras crianças com os pregões... Mas ela só está ainda um pouco conservada não é nem tanto pela prefeitura, mas por esses meninos do bar, do Ponto 1, em frente. Eles é que conservam a praça, eles arrumam os brinquedos, eles carpem aí de vez em quando, jogam areia e coisa e tal.*



**Figura 9 – Praça localizada ao lado da escola e em frente ao “Bar Ponto 1”, entre as ruas Eduardo Modesto, Julia de Leite Barros e Rua Luís Vicentim Sobrinho. (Foto tirada em 27 de abril de 2013 por Viviana Echávez - acervo pessoal)**

*Aqui tinha alguns lazeres antigamente, quando o pessoal se interessava muito por quermesse, festa de igreja, hoje já não tem mais esse interesse. Circo, parque, era isso que interessava muito o pessoal.*

*Aqui na Praça da Caixa D'água, aquele terreno vazio ali onde está plantado aquele monte de árvore ali, sempre eram instalados circos, parques de diversão, rodeio, tal. Mas nunca teve assim uma diversão fixa proporcionada por coisa... Aliás, isso nunca teve em Barão Geraldo todo. Tendeu? Barão Geraldo num... Se você perguntar de alguns eventos que teve, passou a ter alguns eventos que pertenceram a Barão Geraldo, mas na Unicamp. No ginásio da Unicamp, coisa e tal... outra coisa.*

*Mas, na Vila Santa Isabel nunca teve nada. O que teve é quermesse, que tem até hoje. Tem mais diminuiu oitenta por cento do que era o movimento. Hoje em dia é computador, televisão, prende o pessoal em casa... Antigamente não. Há vinte, há trinta anos atrás, o pessoal ia na quermesse pra arrumar uma namorada. Uma coisa que influenciou muito foi a divisão de igrejas. Divisão de religiões. Antigamente, como a maioria era católica, o cara namorava uma menina católica geralmente se dizia: “boa moça e bom moço vai à igreja”. Então, ia lá na igreja pra arrumar uma namorada... Os mais velhos ajudavam, participavam e tal...*

*A festa do Barão Geraldo<sup>84</sup> mesmo foi uma das maiores festas aqui da região. Era enorme essa festa, uma festa muito grandiosa, uma coisa fantástica. Só que conforme o lugar*

---

<sup>84</sup> Referência a tradicional festa do “Boi Falô”.

*foi crescendo, isso foi diminuindo. E as opções de hoje em dia pros jovens são isso aí: É ficar em casa, entra na internet, outro vai ver a novela, outro sai, vai pras baladas. Então essas coisas de quermesse, coisa e tal, ficou uma coisa antiquada pros jovens.*

*Os moradores da Vila não se reúnem muito não. As reuniões que tem aqui às vezes são de pessoas que se reúnem principalmente da igreja aqui, da igreja católica... Que se reúnem pra promover festa, pra fazer bingos, fazer arrecadação pra manutenção. Mas, assim, algum lugar específico pra se reunir não tem. As reuniões em que às vezes se encontram é em alguns bailes. Tem aqui em cima, um forrozinho à noite, que às vezes o pessoal se encontra, mas nada assim de uma... como tem no centro de Barão o Salão Comunitário, que o pessoal vai e faz algumas reuniões, tal. Aqui não tem.*

*Olha, com relação à vinda dos estudantes da Unicamp, uma das coisas que aconteceram foi que inflacionou muito, inflacionou o Barão Geraldo. Hoje aqui já é contado como bairro mais caro de Campinas. Inclusive, em matéria de aluguel, eu acho que é o mais caro do Brasil!*

*Eu acho que a vinda dos estudantes foi muito boa... foi uma evolução muito grande, aliás, a Unicamp levantou o Barão Geraldo. Se o distrito tá no patamar que tá hoje, é porque a Unicamp levou a esse patamar. Mas inflacionou muito o bairro. Aqui era um lugar em que você comprava terreno barato, você alugava casa por um preço razoável, o que não acontece mais hoje. Aliás, aí também não culpo tanto os estudantes, mas os exploradores que vieram com a vinda dos estudantes que começaram a construir kitnet aí uma atrás da outra. E um diz*

*pro outro: “se você cobra quinhentos cê vai tirar, mas cê tem que cobra seiscentos que nem eu, cê tem que cobra mil...”*

*Então, no fundo no fundo não é bem os estudantes que inflaciona, são os espertalhões que vem e se aproveitam. Como é uma Unicamp, uma universidade estadual, previa-se que pra cá viriam os alunos pobres. E é muito o contrário. É uma minoria de alunos pobres que vinham. Quando o pessoal começou a descobrir que não é só pobre que tinha aqui, aí então começaram essas jogadas imobiliárias altíssimas. E que agora num consegue descer mais.*

*Mas foi muito bom a Unicamp, os estudantes virem, inclusive aqui eu tenho muito contato com os estudantes. Tanto os que estuda lá, como o pessoal da moradia e coisa e tal. É muito bom, pessoal de outros estados, de outros países... A gente conversa, troca ideia. Foi muito bom, a evolução disso aqui foi muito boa. Eu acho que talvez Barão Geraldo não teria um terço do que ele é hoje se não fosse a Unicamp. Eu panhei muito algodão aonde é a Unicamp, quando era criança, talvez ainda tivesse gente panhando algodão onde é a Unicamp. Porque aqui eram rodeados pela fazenda Santa Genebra, que inclusive é essa doadora aqui do terreno que foi feito a Unicamp, e muitos sítios que viraram loteamento, inclusive aonde eu me criei, que passaram a ser exploração imobiliária em decorrência da Unicamp. Porque talvez se a Unicamp não tivesse aparecido, lá seria um sítio até hoje.*

*Então essa evolução da Unicamp pra Barão Geraldo foi cem por cento. Agora, quanto ao custo de vida em Barão Geraldo ela levou num alto patamar. Quer dizer, a partir de um momento, talvez a partir dos anos noventa pra cá, foi assim, um desatino no que subiu*

*o custo de vida aqui. Tudo. Mas principalmente no setor imobiliário. Aonde se comprava um terreno na época por trinta mil reais, hoje ele vale trezentos mil.*

*Quer dizer, os terrenos valorizam muito quando eles não têm infraestrutura, mas depois que ele tá estruturado não tem mais o que subir. Porque você não vai ter benfeitoria nenhuma. Aqui é o contrário, com infraestrutura até a pouco tempo se comprava um terreno por oitenta mil. Hoje já se pede duzentos e cinquenta, trezentos. Então isso aí inflacionou muito.*

*Campinas já é considerada a segunda cidade mais cara do Brasil. Perde só pra Brasília. E Barão, acho que é o distrito mais caro do Brasil!*

## CAPÍTULO IV

### FRUTOS COLHIDOS NO CAMINHAR: A RECONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA

*A objetividade científica não consiste em nos ausentarmos da cena e em uma neutralidade que é tanto impossível quanto indesejável. Essa objetividade consiste, antes, em assumir a tarefa da interpretação, que cabe aos intelectuais. (Portelli, 1997: 26)*

A partir das narrativas dos(as) colaboradores(as), apresentarei agora uma reconstrução da história da Escola Estadual Hilton Federici relacionando os elementos apresentados pela memória e os dados históricos encontrados. Acredito que as fontes são muito ricas e oferecem possibilidade de várias abordagens; No entanto, em função da necessidade de um recorte para a análise, foi realizada uma seleção de temas, conforme se segue.

Pessoas se instalaram na Vila Santa Isabel por motivos variados, entre eles por já terem suas produções agrícolas no local – que fazia parte da Fazenda Rio das Pedras, como visto no capítulo II -, pelo custo acessível dos terrenos, pelo clima bucólico de “cidadezinha do interior”, pela ausência de poluição, ou mesmo pela promessa de desenvolvimento da região. As casas que começaram a ser construídas eram habitadas, em sua maioria, por famílias com pretensão de permanecerem no local.

O desenvolvimento econômico da região e posteriormente o desenvolvimento científico e tecnológico – ocasionado em especial pela construção da UNICAMP e da inauguração da REPLAN em Paulínia - impulsionaram a urbanização. No decorrer dessa passagem - da vida rural à urbana - uma multiplicidade de culturas e pessoas foi construindo a comunidade da Vila Santa Isabel, na qual se instalaram ex-colonos europeus, migrantes vindos de São Paulo e demais estados brasileiros.

Como lembram Mauro e Robêni, nas ruas de terra, cheias de terrenos baldios, brincavam muitas crianças, pessoas andavam entre as casas e cortavam caminho por vielas. Intuímos que a própria especificidade estrutural do bairro – ausência de arruamento, pavimentação, entre outras - são elementos que podem distinguir a forma como os moradores relacionavam-se entre si e com o espaço.

A história do terreno onde a escola foi construída permite relacionar o desenvolvimento do bairro e o surgimento da instituição. O primeiro fato, apresentado pelos(as) colaboradores(as), foi a lenda polêmica que afirma ter existido no local um cemitério de escravos. Essa informação não foi confirmada, mas faz parte da memória coletiva e remete ao passado rural e escravocrata da região.

A Vila Santa Isabel, portanto, é um local constituído em meio a histórias e culturas diversas, entre marcas do passado rural e perspectivas de desenvolvimento para o futuro. Frente às novas necessidades, foram postos em confronto expectativas e interesses diversos.

Podemos explicitar o exemplo da relação entre o bairro, o Estado e a Igreja. Alguns dos(as) colaboradores(as) afirmam que o espaço ocupado pela escola era terreno doado pela prefeitura para a construção da igreja católica e que esta aceitou realizar uma troca, de forma que a Igreja de Sant’Ana foi construída na quadra do lado esquerdo da escola que, segundo Cibele e Robêni, era destinado a uma área utilitária do bairro. A igreja começou a ser construída aos poucos e foi concluída depois da escola, contando com apoio de alguns fiéis e moradores. Desempenhou relevante papel na interação entre eles, pois, além dos encontros religiosos, promovia festas e quermesses nos quais os habitantes da região – os que eram católicos – se encontravam.

O colaborador Berinha, por sua vez, relata que o terreno da escola era da prefeitura e que os moradores o utilizavam como campo de futebol antes da construção. É interessante relacionar essa lembrança com a utilização da quadra da escola aos fins de semana até os dias de hoje para jogos de futebol, e além disso, com a constante reivindicação de espaços de lazer para o bairro, presente nas narrativas.

Percebemos que a construção das duas instituições – escola e igreja - foram apresentadas como importantes por todos(as) os(as) colaboradores(as), bem como a necessidade de asfalto, saneamento básico, comércio, transporte público e espaço de lazer. Eram essas necessidades reais, sentidas pelos moradores, que os motivaram a se manifestar para conseguir superá-las. São exemplos dessas movimentações a luta pelo asfalto, pela água encanada e o pedido de retirada do trânsito da Avenida Santa Isabel, e a busca por melhoria do transporte público, e a construção do Terminal de ônibus no centro do distrito, entre outras.

As benfeitorias infraestruturais no bairro contribuíram para a valorização e melhoria do mesmo que, segundo dona Cida, hoje “tem tudo que uma cidade grande precisa”. Somadas à vinda de estudantes universitários, professores e trabalhadores - atraídos pela universidade e indústrias instaladas na região -, justifica-se o aumento do custo de vida e da especulação imobiliária em Barão Geraldo. Ressalta-se que a população do bairro e as relações entre os moradores mudaram, tornando-se mais instável e menos íntima.

Tais mudanças na dinâmica do bairro e na relação entre seus moradores incidem sobre a história da escola. A rotatividade de moradores e conseqüentemente de alunos - que nos dias de hoje provêm em grande parte de outros bairros - são apontadas como negativos para o funcionamento da instituição escolar, resultando, segundo os(as) colaboradores(as), em problemas na disciplina e no cuidado com o patrimônio físico. Acreditam que quando a interação entre os integrantes da comunidade escolar era maior havia mais respeito, mais cuidado e que o ensino era melhor. A rotatividade de professores e o oferecimento de ensino no período noturno também são apontados como causa dessa falta de disciplina e depredação na escola.

A concepção sobre a função da escola que aparece em algumas das narrativas e remetem ao significado atribuído à qualidade da educação está muito relacionado à ascensão social. A instituição escolar deveria, portanto, preparar seus alunos para o mercado de trabalho de forma que o conhecimento viesse a oportunizar uma melhoria de vida. Para isso os alunos teriam a obrigação de frequentá-la e aprender os conteúdos que a escola tem

comprometimento de oferecer. Além disso, a escola teria a função de disciplinar, inculcar nos alunos respeito às normas sociais e à pátria.

Essa não é uma concepção recente, durante os séculos XVIII e XIX, a escolarização em massa era vista como principal forma de garantir uma sociedade harmoniosa garantindo progresso material e espiritual para os indivíduos. Na modernidade a escola passa a ser uma instituição fundamental do Estado, uma vez que propiciaria a garantia de controle através da disciplina. Acreditava-se ser possível alcançar mobilidade e justiça social através da educação.

Esse entendimento foi sustentado pela Teoria do Capital Humano, na década de 1960: Ao investir em si mesmas, as pessoas podem ampliar o raio de escolha posto à sua disposição. Esta é uma das maneiras porque os homens livres podem aumentar o seu bem-estar (Schultz, 1973:33). Com essa afirmação podemos perceber que o autor acredita na capacidade pessoal de definir o próprio futuro econômico e ultrapassar as desigualdades através de seus esforços individuais apoiando-se na meritocracia e desconsiderando os outros limites sociais.

Contudo, quando a massificação da educação se tornou realidade percebeu-se que esses objetivos não eram alcançados. O fracasso escolar, quando estudado por sociólogos como Baudelot (1991) e Forquim (1995), apresentava uma constante: a classe social, ou seja, algo que transcende o indivíduo.

Aparentemente, na perspectiva dos entrevistados, não só a escola pesquisada como as escolas em geral não estão dando conta de atender às suas expectativas, o que é atribuído ora à instituição e sua gestão, ora às políticas públicas, ora aos alunos que se apresentam desinteressados, ora às famílias que se ausentam das responsabilidades educacionais de seus filhos.

De fato, entender a complexidade da educação e tentar encontrar soluções para seus problemas é uma tarefa árdua. Talvez um primeiro - e necessário - passo seja clarificar a função da instituição escolar, que de acordo com Garcia (1984:45), seria a apropriação e ampliação do saber acumulado pela humanidade, entendendo que:

O processo educativo é resultado de um conjunto de relações sociais e relações com o conhecimento. É um fenômeno conformado histórica e socialmente, logo só pode ser compreendido no contexto social particular em que acontece. (...)

Do contexto fazem parte a relação entre a escola e o sistema oficial de ensino, a relação entre a escola e as famílias, a relação entre a escola e a comunidade, a relação direção/especialistas/professores/pessoal subalterno, as formas de organização física e administrativa da escola, o planejamento, os conteúdos, as metodologias, os livros textos, as formas de avaliar.

É na busca de entender o contexto que cerca a escola pesquisada que se torna relevante conhecer sua história por vários pontos de vista.

Não foram apenas as relações pessoais a se modificarem com o passar dos anos, a arquitetura da escola também sofreu alterações. Atualmente o prédio possui mais grades e passou por elevação de alguns de seus muros, o que pode-se relacionar tanto com a insegurança causada pela violência crescente quanto com a relação entre a escola e sua comunidade

A participação dos pais foi outro ponto levantado pelos cinco entrevistados. Temos que considerar que atualmente Cida, Mauro e Robêni estão distanciados da escola por não terem uma ligação direta com a mesma (diferente da relação mantida por Cida que é caseira ou Berinha que trabalha na frente da escola), mas é importante observar que todos(as) afirmaram perceber uma diminuição da participação dos pais nas atividades da escola e da participação dos moradores na vida social do bairro o que é atribuído à mudança nas relações de trabalho, na distribuição do tempo, na difusão dos meios de comunicação como televisão e internet entre outros fatores.

De acordo com a pesquisa, a instituição escolar pesquisada surgiu em fins da década de 1970, momento em que o bairro vivia o advento da urbanização e crescimento populacional. Os fatos trazidos pela memória apresentam elementos particulares e permitem relacionar ao mesmo tempo a esfera local (a escola e o bairro) com a global (conjuntura social e educacional).

Percebemos que a construção das instituições escola e igreja foram apresentadas como importantes por todos(as) os(as) colaboradores(as), bem como a necessidade de asfalto, saneamento básico, comércio, transporte público e espaço de lazer. Eram essas necessidades reais, sentidas pelos moradores, que os motivaram a se manifestar para conseguir superá-las. São exemplos dessas movimentações: a luta pelo asfalto, pela água encanada e o pedido de retirada do trânsito da Avenida Santa Isabel, busca por melhoria do transporte público, construção do Terminal de ônibus entre outras.

Cibele, Mauro e Robêni relatam que a escola foi construída durante o governo do Maluf, embora não se lembrem exatamente como foi a movimentação coletiva para sua construção. Podemos supor que a propaganda dessa construção pública como benfeitoria do Estado foi mais difundida ou propagandeada do que a reivindicação popular existente na época. A construção da escola, por exemplo, foi importante para responder à necessidade de educação dos moradores residentes na região e é lembrada como uma grande conquista para o bairro.

Em seus primeiros anos de funcionamento a escola atendeu ao Ensino Fundamental I e II, no período diurno, e sua clientela era composta por pessoas que moravam na Vila Santa Isabel e bairros ao seu entorno. O Ensino Médio era oferecido na época apenas na escola Barão Geraldo de Rezende, próxima do centro do distrito, obrigando os habitantes a se deslocarem para lá.

Com o passar dos anos a escola sofreu alterações nos períodos de funcionamento e no atendimento aos níveis de ensino, tendo desenvolvido por um tempo o programa estadual de Escolas Padrão. A dinâmica de desenvolvimento da Vila Santa Isabel e dos bairros ao seu redor influenciaram, ao que tudo indica, nas mudanças de abrangência aos níveis de ensino e horários de atendimento adaptados conforme a demanda: aumento populacional, a construção de novas escolas em outros bairros próximos, a ampliação do acesso ao ensino médio inclusive para alunos que não se enquadram na idade correspondente à série e àqueles que são trabalhadores. Atualmente a Escola Hilton Federici atende ao Ensino Fundamental II em

período integral, Ensino Médio no período matutino e noturno e Educação de Jovens e Adultos também à noite.

Para além da função social de oferecer educação, a instituição escolar foi considerada um importante espaço de socialização para a comunidade, pois nela se realizavam reuniões da associação de moradores do bairro, festas e atividades da igreja - como as aulas de catequese – atividades esportivas, entre outras. Acreditamos, com isso, que a movimentação dos moradores foi um dos elementos que influenciou o surgimento da escola e esta, por sua vez, teve uma presença forte na organização do bairro e de seus habitantes. Há aparentemente influência mútua entre bairro e escola.

A importância do interconhecimento entre os moradores para construir laços de sociabilidade foi ressaltada nas entrevistas. Em muitos momentos são apresentadas lembranças da constante relação com os vizinhos, com os pais de alunos e professores. Lembram-se das festas e atividades culturais realizadas no bairro, em especial as que utilizavam o espaço da “Praça da Caixa D’Água”, e contam que as pessoas permaneciam residindo por mais tempo no bairro, que se conheciam, ao passo que atualmente a mobilidade é maior. O sociólogo alemão Norbert Elias (1887-1990) discute essas relações distintas construídas entre as famílias antigas e novos moradores, denominadas *outsiders*, a partir da análise de um bairro inglês:

Assim, as pessoas que pertencem a um círculo de “famílias antigas” são providas de um código comum por seus vínculos afetivos específicos: uma certa união das sensibilidades subjaz a todas as suas diferenças. Nesse aspecto, elas sabem onde se situar em relação umas às outras e o que esperar uma das outras, e o sabem “instintivamente” melhor, como se costuma dizer, do que onde se situar em relação

aos *outsiders* e o que esperar deles. Ademais, numa rede de velhas famílias, as pessoas sabem quem são em termos sociais. (ELIAS, 2000:171)

Os(as) Colaboradores(as) ressaltam uma elevação da violência a partir do final da década de 1990, fato que Mauro e Berinha atribuem a o tráfico de drogas. Tal situação fez com que o bairro sofresse medidas de contenção da violência – como plantação de árvores nos espaços de socialização, diminuição das festas e pressão popular para reforço no policiamento. Em alguns momentos a incidência de violência é atribuída à vinda de pessoas de fora do bairro. A utilização de drogas é apontada por Robêni como recorrente no espaço da escola desde fins da década de 1980, o que segundo ela, acarreta uma perda de credibilidade para a mesma.

Diante desse panorama, construído na colaboração de diversas fontes, podemos perceber que a história da escola, não se fez isolada do desenvolvimento do bairro e da relação entre seus habitantes. Os discursos e práticas, dentro e fora de seus muros, parecem ser resultado de uma construção coletiva que passa por relações pessoais, concepções de educação, expectativas, busca e execução de políticas públicas, embates e interesses em diversos níveis. Conhecer esses elementos torna-se importante para tentar entender as dinâmicas envolvidas entre comunidade e escola a fim de ampliar o olhar sobre as questões educacionais influenciadas por elas.

Parece que a forma como o atual sistema educacional está estruturado, apesar de instituir a gestão democrática – na qual todos os envolvidos deveriam participar - e a formação crítica dos alunos, como objetivos e obrigação da escola, não garante que essa

função se realize na prática. A comunidade, por sua vez, não consegue explicar o funcionamento complexo da escola, por não fazer efetivamente parte dele. Embora muitos discursos sejam produzidos de ambos os lados, o diálogo parece ser pouco praticado. Realizar a escuta dos moradores talvez seja uma forma de formular novas relações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebi, na prática da pesquisa, que o conhecimento não se estrutura de forma linear e que, apesar de existir métodos para realizar o trabalho, cada pesquisador adapta a metodologia e o projeto no decorrer de seu desenvolvimento. Gostaria de explicitar que a fase de escrita da monografia em muitos momentos faz-nos sentir perdidos, com informações desconexas, anotações espalhadas em diversos arquivos, cadernos e folhas. Foram muitas idas e vindas, momentos de desespero, pensamentos de desistência. Escrever um texto acadêmico não é das tarefas mais fáceis, muitas vezes o trabalho parece mero cumprimento de dever desvinculado do prazer e da vida. A escrita é de fato uma obrigação acadêmica, mas pode se tornar um trabalho significativo para quem o realiza. Com um maior ou menor nível de organização, a pesquisa se concretizou e, quando consegui organizá-la por escrito, senti uma grande realização.

Desejo que, além da satisfação pessoal, esse trabalho contribua, em alguma medida, para a produção de conhecimento, que possa auxiliar de alguma forma os profissionais que atuam na área educacional e à comunidade a pensarem a relação comunidade escola.

Segundo o educador e pesquisador francês Jean Hébrard (2000:07) a escola:

é um processo tão complexo, mas tão complexo que é impossível, apenas com a vontade, mudá-la. Você herda os dispositivos e, para modificar um pouquinho esses dispositivos é preciso saber muito bem como funcionam. Penso que a única forma de intervenção é a descrição da escola. Se você é capaz de descrever bem o que acontece na escola, você é capaz de mudá-la um pouquinho.

Ouso acrescentar à ideia do autor que, mais do que conhecer a escola e saber como ela funciona, para mudá-la, é preciso entender as relações que ela estabelece com seu contexto, sabendo que essas relações estão em constante transformação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAENINGER, Rosana. **Espaço e tempo em Campinas: Migrantes e a Expansão do Pólo Industrial Paulista**. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.
- BAUDELLOT, C. A sociologia da educação: para quê? In: **Revista Teoria e Educação**, nº3. Dossiê: Sociologia da Educação, 1991.
- BEAUD, Stéphane e WEBER, Florence. **Guia para a Pesquisa de Campo: produzir e analisar dados etnográficos**. RJ: Ed. Vozes, 2007.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- EVANGELISTA, Marcela Boni. A Transcrição em História Oral e a Insuficiência da Entrevista. In.: **Oralidades: Revista de História Oral**. Ano 4: nº 7: Jan-Junh/2010.
- FERREIRA, Marieta de Moraes História , Tempo Presente e História Oral. In.: **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro, 2002, pp. 314-332.
- FERREIRA, Simeire Cristina Hackmann. **Possíveis relações entre escola e artes: um estudo de caso da Escola Estadual Professora Irene de Assis Saes**. 2010. 132f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em educação) . Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- FORQUIN, Jean-Claude (Org.). **Sociologia da Educação - 10 anos de pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da historia oral. In FERREIRA, Marieta M. E AMADO, Janaina. **Usos e Abusos da Historia Oral**. R.J.: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998, p. 3-14.

- GARCIA, Regina Leite. Um currículo a favor dos alunos das classes populares. In: **Concepções e experiências de educação popular**. Cadernos CEDES nº. 13. São Paulo: Editora Cortez/CEDES, 1984.
- GATTAZ, André Castanheira. **Braços da Resistência**: Uma História Oral da Imigração Espanhola. SP: Xamã, 1996.
- GRAEBIN, Cleusa; PENNA, Rejane. História Memórias e Instituições: Obstáculos e resistências à inserção das fontes orais em arquivos e museus. In.: **Oralidades**: Revista de História Oral. Ano 1: nº 1: Jan-Junh/2007.
- HÉBRARD, Jean. O objetivo da escola é a cultura, não a vida mesma. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 6, n. 33, p. 5-17, maio/jun. 2000.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Godoi. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In.: **(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- LOURO, Guacira Lopes. A história (Oral) da Educação: Algumas reflexões. In.: **Em aberto**: Órgão de Divulgação Técnica do Ministério da Educação. Brasília, ano IX, n. 47, p. 20-27, jul./set. de 1990.
- MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Imigração, subjetividade e Memória coletiva. In.: **Oralidades**: Revista de História Oral. Ani 1: nº 1: Jan-Junh/2007.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de Morte Kaiowá**: história oral de vida. SP: Ed. Loyola, 1991.
- \_\_\_\_\_, Definindo História Oral e Memória. SP. **Cadernos CERU**, nº 05, série 2, 1994. Pp. 52-60
- \_\_\_\_\_, **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996(a).

\_\_\_\_\_, (Org.) **(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996 (b).

\_\_\_\_\_; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2010.

PARK, Margareth Brandini . Comunidade, memória e formação de professores. In.: PARK, Margareth Brandini (Org.). **Memória em movimento na formação de professores: prosas e histórias**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2000.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In.: **Estudos Históricos**, vol. 5, n 10, 1992.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In.: PERELMUTTER; ANTONACCI (Orgs.). **Ética e História Oral**. Projeto História, n.15, S.P.: Educ, Abril, 1997.

RIBEIRO, Rita. **Barão Geraldo: História e Evolução**. Campinas: Ed. do Autor, 2000.

SANTOS, Antonio da Costa. **Campinas, das Origens ao Futuro: Compra e venda da terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas do Mato Grosso de Jundiaí (1732-1992)**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2002.

SESC SP. **Campinas de Muitos Caminhos: Memórias do comércio de Campinas**. São Paulo: Edições SECS SP: Museu da Pessoa, 2008.

SCHULTZ, Theodore W. **O Capital Humano**. Investimentos em educação e pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

## **ANEXO**

## Carta de cessão

Campinas, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Eu \_\_\_\_\_,  
portador(a) do RG: \_\_\_\_\_, órgão expedidor \_\_\_\_\_, declaro ceder os  
direitos de minha entrevista, concedida à *Fabíola Machado da Rosa*, RG: 26.643.834-9, e  
RA: 083494, aluna da Faculdade de Educação da Unicamp, em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, a fim de  
que a utilize integralmente ou em partes, sem restrição de prazos e citações, para a realização  
do Trabalho de Conclusão de Curso e com fins de estudos acadêmicos e culturais no âmbito  
da educação, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das  
citações a terceiros bem como a utilização do meu nome, como um(a) dos(as)  
colaboradores(as) da pesquisa.

\_\_\_\_\_